



## AL MANAK\_Março, OS -2016

Registro de leituras : Democracia – Economia – Cultura



GRATO PELA LEITURA E COLABORAÇÕES – P.Timm - Editor

Postado diariamente em [www.paulotimm.com.br](http://www.paulotimm.com.br)

## Sobre a legislação brasileira:

Em 1962: Mulher casada deixa de ser considerada juridicamente incapaz.

Em 1977: A Lei do divórcio entra em vigor.

Em 1988: Homens e mulheres possuem a mesma igualdade de direitos nas relações conjugais.

Em 2002: Fim da possibilidade de anulação de casamento caso o homem descobrisse que a mulher não fosse mais virgem.

Em 2005: O termo "mulher honesta" foi retirado da Legislação. Permitindo, assim, proteção à integridade física e a liberdade sexual de todas as mulheres.

Em 2006: Entra em vigor a Lei Maria da Penha.

E ainda tem gente que pergunta pra que serve o feminismo!

**Ivan Valente** -: Ainda há muito o que avançar!  
Pela igualdade de gênero, em defesa dos direitos das mulheres!

## Índice

**Vida que segue no Dia-a-dia : Mulheres não querem flores.  
Querem igualdade**

**Aos berros: Diversos Dia da Mulher – pg. 02-13**

**Meu Brasil: O Movimento Feminino pela Anistia como partida  
para a redemocratização brasileira pg 13-23**

**Intérpretes do Brasil :: Conheça cinco mulheres que  
transformaram o Brasil – pg. 23-25**

**Máximas e Mínimas: Não quero flores, quero direitos – pg.26-30**

**Imagens Revolucionárias: Leila Diniz pg. 31**

**Livre Pensar: Crônica da Mulher pg. 32-45**

**Nervo Exposto: Poder da Igreja de banir as mulheres –  
pg.45-53**

**ARS GRATIA ARS**

**Artes Poéticas: Mulher, P.Timm**

**Video: [DOCUMENTÁRIO] - Clitóris, prazer proibido pg.56**

**Cinema :**

**Toda mulher é meio Leila para sempre Diniz pg. 56-83**

**Livros: Vozes femininas da poesia latino-americana pg.84**

**Variedades: PISANDO NO SOLO SAGRADO DE KONYA pg. 85-90**

**Crônica: Nem um minuto – R.Janine Ribeiro, pg. 90-92**

**Boletins e Blogs Recomendados - Final**

**Uma publicação Confraria COCQUETIM-  
Torres – DOA – S.Maria**

**Notícias: EL PAÍS Brasil <http://brasil.elpais.com/>**

**Artigos diversos - <http://indicedeartigosetc.blogspot.com.br/>  
<http://www1.folha.uol.com.br/colunistas/>**

<http://www.afolhatorres.com.br/upload/jornal.pdf>

**GATOS PINGADOS AOS BERROS**



Os **homens** que realmente desejam  
a **FELICIDADE DAS MULHERES**  
devem declarar que :

- 1 - Não aceitaremos mais que tantas mulheres ganhem menos que os homens pelo mesmo serviço
- 2 - Iremos tomar a iniciativa de fazer trabalhos domésticos, pois estes não são das mulheres, mas de todos que habitam a casa.
- 3 - Iremos ser pro-ativos no cuidado dos filhos, pois pais e mães são igualmente responsáveis
- 4 - Não iremos forçar a mulher a fazer sexo, assim como não trataremos a mulher como uma servicial de nossa posse em nenhuma hipótese
- 5 - Não iremos julgar a mulher por sua liberdade sexual, do mesmo modo que não julgamos os homens neste quesito
- 6 - Não iremos promover qualquer violência física ou psicológica contra as mulheres
- 7 - Não iremos promover ou apoiar a ditadura da beleza que é promovida sobretudo às mulheres
- 8 - Iremos apoiar e incentivar o sucesso profissional delas
- 9 - Iremos apoiar e incentivar a independência financeira delas
- 10 - Iremos apoiar e incentivar a participação das mulheres nas lideranças empresariais ou políticas

**ESTA SIM É A VERDADEIRA FORMA  
DOS HOMENS DIZEREM A ELAS :  
FELIZ DIA DA MULHER!  
COMPARTILHE!**

Número de denúncias aumenta ano após ano, mas esbarra em cultura machista arraigada e na falta de políticas públicas específicas

Danielle Santos - Correio Braziliense

Evandro Matheus/Esp.  
CB/D.A Press - 2/3/10

De acordo com a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), apesar das dificuldades encontradas na zona rural, o número de denúncias pela central de atendimento criada pelo governo vem crescendo continuamente. “Em 2008, o número de mulheres que fizeram denúncias pelo número 180 chegou a 966. Em 2009, esse número aumentou e, hoje, as mulheres rurais representam 4% das denúncias. Ainda é pouco, mas estamos avançando contra a cultura machista, sexista e patriarcal”, afirma Ane Cruz, coordenadora de Ações Preventivas e Garantia de Direitos da SPM. Apesar de a pesquisa da Contag atestar que 35,9% as mulheres usaram esse mecanismo de ajuda, a maioria delas — 60,1% — declarou desconhecer a existência de serviços de prevenção e atendimento em situação de violência.



Para Carmen Foro, da Contag, o governo precisa investir em estrutura

Segundo Ane, o governo ainda não tem recursos financeiros específicos para combater a violência contra a mulher no campo, mas a ideia é trabalhar com as entidades sociais para a criação de uma política própria de gênero até agosto próximo. “É notório que ainda não existam dados concretos sobre o assunto. Por isso mesmo, estamos buscando parcerias junto à sociedade e aos estados e municípios na busca de atender as demandas”, afirma.

Carmen Foro recorda que a falta de logística oferecida pelo governo federal não contribui para a redução dos casos de violência. “O Acre, por exemplo, é um estado que comporta 23 municípios, mas que só tem duas delegacias especializadas. E se a gente analisar as condições de funcionamento, equipamentos e funcionários necessários, a gente fica mais assustada ainda”, critica.

Ainda de acordo com a pesquisa da Contag, cerca de 22,8% das mulheres entrevistadas não tomam nenhuma providência a respeito dos abusos sofridos pelo sexo oposto. Do total, apenas 3,5% abrem inquérito policial. “Nossa luta tem dois grande eixos, que são o acesso às políticas públicas que favoreçam a autonomia feminina e o acesso ao crédito e à terra”, completa a líder sindical.

Em 2009, das denúncias feitas através da central telefônica 180, incluindo mulheres residentes em áreas urbanas, a SPM registrou 401.729 atendimentos — um aumento de 49% em relação ao ano anterior. Três estados da região Sudeste apareceram entre os com maior número de casos. O campeão foi São Paulo, com 119.133 registros. Em segundo, ficou o Rio de Janeiro com 52.246 atendimentos, seguido de Minas Gerais, com 28.092 ligações.

**Ainda é pouco, mas**

**estamos avançando contra a cultura sexista e patriarcal”**

Ane Cruz, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres

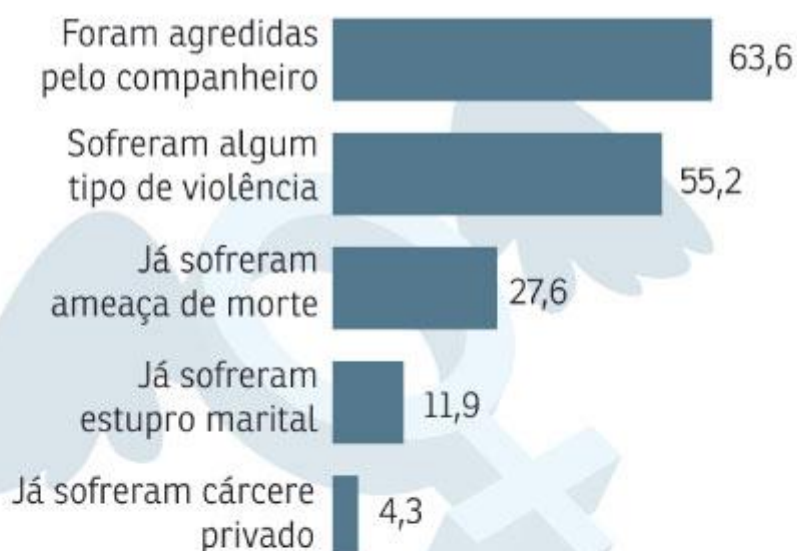
# A violência contra a mulher em números

## O perfil das entrevistadas

Em %



## O problema dentro de casa



## Providências tomadas nos casos de denúncia



## **Dia Internacional da Mulher: Fundação Perseu Abramo reúne artigos e livros para homenagear as mulheres e sua luta**

publicado em 05/03/2010

No dia 8 de março, comemora-se o centenário do dia Internacional da Mulher. Para fomentar o debate sobre os inúmeros papéis e desafios das mulheres na sociedade brasileira, a Fundação Perseu Abramo apresenta uma seleção de artigos publicados no portal e na revista Teoria e Debate, pesquisa de opinião pública e livros editados pela EFPA. Questões como a participação política, a militância, o trabalho, o aborto estão presentes nestes textos, produto de uma reflexão histórica de mulheres e homens da esquerda. Boa leitura!

### **Artigos recentes**

[Mitos e realidades do 8 de Março](#), por Vera Soares

[Artigo Trabalho de casa? Trabalho de mulher?](#), por Tatau Godinho

### **Artigos publicados na revista Teoria e Debate**

[Pelo direito à opção](#), por Jandira Feghali

[Simone de Beauvoir, escritora e libertária](#), por Walnice Nogueira Galvão

[PT 30 anos - Não há socialismo sem feminismo](#), por Fernanda Estima

[Sociedade: Afinal, o que querem as mulheres?](#), por Gustavo Venturi e Marisol Recamán

[Entrevista com Lélia Abramo - A arte, a coragem, a beleza, a revolução](#), por Alipio Freire e Eugenio Bucci

[Mulheres sindicalistas](#), por Maria Rita Khel

[Feminismo - Mulher na direção](#), por Tatau Godinho

[Militância Feminina - Maturidade ao poder](#), por Vera Soares

[A mulher e a discussão de um tema-tabu: o aborto](#), por Comissão de Mulheres do PT-SP

[Mulheres - Mais-Valia Feminina](#), por Elisabeth Lobo

[Homenagem - Beth Lobo](#), por Helena Hirata e Ivete Garcia

### **Pesquisa**

[A mulher brasileira nos espaços público e privado](#) - Núcleo de Opinião Pública/ FPA - 2001

### **Livros**

[Uma história do Feminismo no Brasil](#), de Céli Pinto

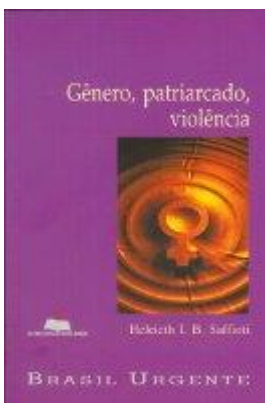


A luta das mulheres contra todas as formas de dominação, exclusão e discriminação tem marcado decisivamente a história nos últimos séculos. Céli Pinto resgata cuidadosamente neste livro a atuação de algumas das principais militantes e organizações que construíram a história do feminismo em nosso país, situando sua atuação no processo de transformação vivido pela sociedade brasileira a partir do final do século XIX.



**A Mulher Brasileira nos espaços Público e Privado**, de Gustavo Venturi; Marisol recamán; Suely Oliveira (orgs.)

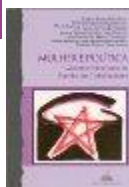
Este livro traz uma síntese dos resultados da pesquisa nacional inédita sobre mulheres, realizada pela Fundação Perseu Abramo, por meio de seu Núcleo de Opinião Pública, além de 11 artigos que aprofundam e debatem as questões mais relevantes referentes à condição feminina em nosso país.



**Gênero, Patriarcado, Violência**, de Heleieth Saffioti (Coleção Brasil Urgente)

Gênero, patriarcado, violência analisa este problema social, utilizando o conceito de patriarcado como elemento central para esclarecer o debate e abrir novas perspectivas de entendimento da questão. Heleieth Saffioti, uma das mais respeitadas estudiosas do assunto, nos proporciona um olhar instigante sobre a violência contra mulheres, mostrando como ela espelha também a opressão masculina.

dos  
Tatau Godinho  
Abramo, em 1998.  
download na



**Mulher e política: Gênero e feminismo no Partido Trabalhadores**, de Ângela Borba, Nalu Faria e (orgs.) publicado pela Editora Fundação Perseu. Está esgotado para vendas, mas disponível para Biblioteca Digital

### Ivanisa Teitelroit Martins

Las mujeres han batallado en la primera fila de las luchas revolucionarias de América Latina. Prueba de ello, son los movimientos sociales de madres que surgieron durante épocas de guerra y dictadura, cuya acción sentó las bases para los gobiernos progresistas de la actualidad y la llegada de la mujer a la presidencia.

No ha habido revoluciones en la historia de América Latina sin la presencia e influencia de mujeres luchadoras y progresistas que se rebelaron contra autoridades y gobiernos dictatoriales.

Desde la época de la colonización, las mujeres han sido protagonistas de movimientos de luchas, en este caso para liberarse del yugo español. Ana María Campos en Venezuela luchó contra el último gobernador realista; Juana Azurduy en Bolivia combatió junto a las guerrillas; y Policarpa Salavarrieta en Colombia fue espía y enlace de los revolucionarios. Todas sufrieron el flagelo de la guerra y murieron a causa de sus ideales progresistas.



## Mujeres y Revoluciones

Las mujeres han batallado en la primera fila de las luchas revolucionarias de América Latina. Prueba de ello, son los movimientos sociales de madres que surgieron durante épocas de guerra y dictadura, cuya acción sentó las bases para los gobiernos progresistas de la actualidad y la llegada de la muj...

TELESURTV.NET|POR TELESUR - SCIELO.ORG.VE - NUSO.ORG -  
REDALYC.ORG - LOLAGLUNA.COM / ACH - ER

### Carmen Lícia Palazzo compartilhou a foto de Cristandade.

Ótima postagem do [Marcelo Tadeu Santos](#), veja só, [Ricardo da Costa](#). Difícil convencer os que não lidam com História de que realmente, na Idade Média, houve um avanço na situação da mulher (e depois um retrocesso em muitos momentos da Idade Moderna, pois a História não é uma progressão positiva, como pensam alguns).

### A mulher na Igreja medieval

Precisamente por causa da valorização prestada pela Igreja à mulher, várias figuras femininas desempenharam notável papel na Igreja medieval.

Certas abadessas, por exemplo, eram autênticos senhores feudais, cuj...Ver mais



**Aliança RECOs - 2005 – Dia Internacional da MULHER**

*Redes de Cooperação Comunitária Sem Fronteiras*

Neste 8 de Março, “Dia Internacional da Mulher”, dedicamos nossa homenagem à **Berta Cáceres**, líder indígena, representante por mais de duas décadas do Conselho Cívico de Organizações Populares e Indígenas de Honduras (Copinh), assassinada na madrugada de quinta-feira, 3 de março, enquanto dormia em sua casa em La Esperanza.

**Berta Cáceres** espelha a mulher corajosa que defende seu povo, sua terra e suas águas.

São essas mulheres que no dia a dia, anônimas ou não, carregam no direito à dignidade humana e no ambiente saudável, a sua razão de viver.

Mulheres que defendem a causa de mulheres e homens por um mundo de justiça e PAZ ao desafiar poderes políticos e financeiros.

Neste “Dia Internacional da Mulher” mais do que flores depositadas em seus túmulos, desejamos que se faça **JUSTIÇA**.

**JUSTIÇA** por mulheres, homens e seus povos, **POR UM BEM MAIOR!**

**Amyra El Khalili**

Movimento Mulheres pela P@Z!

Aliança RECOs

[http://port.pravda.ru/news/science/08-03-2016/40533-dia\\_mulher-0/](http://port.pravda.ru/news/science/08-03-2016/40533-dia_mulher-0/)

[http://port.pravda.ru/mundo/08-03-2016/40538-assassinato\\_berta\\_caceres-0/](http://port.pravda.ru/mundo/08-03-2016/40538-assassinato_berta_caceres-0/)

<http://www.dialogosdosul.org.br/indignacao-pelo-assassinato-de-berta-caceres/07032016/>

<http://www.dialogosdelsur.org/indignacion-por-el-asesinato-de-berta-caceres/07032016/>

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/552355-dia-da-mulher-ativistas-denunciam-escalada-de-ataques-na-america-latina>

### **Dia da mulher: ativistas denunciam escalada de ataques na América Latina**

**Berta Cáceres**, a ambientalista e líder indígena, assassinada em Honduras na semana passada; **Margarida Murillo**, hondurenha, ativista das comunidades camponesas, morta a tiros em 2013; - [Terça, 08 de março de 2016](#)

**Ana Fabricia Córdoba**, colombiana, ativista dos direitos das vítimas da violência, assassinada em 2011. Às vésperas do dia internacional da mulher, as organizações de direitos humanos denunciam que as agressões às ativistas mulheres estão crescendo na América Latina nos últimos anos. Em El Salvador, Guatemala, Honduras, México e Nicarágua houve, só entre 2012 e 2014, 31 assassinatos e 39 tentativas de acabar com a vida de **mulheres que lutam pelos direitos humanos**, segundo o novo relatório da Iniciativa Mesoamericana de Defensoras dos Direitos Humanos.

A reportagem é de **María R. Sahuquillo**, publicada por **El País**, 08-03-2016.

A Iniciativa, que mantém um registro dos casos na região, contabilizou também 1.700 agressões diversas a essas mulheres: intimidações e perseguições,

ameaças, campanhas de desprestígio, violência, detenção ilegal... As ativistas que defendem a terra e o território são as que mais agressões sofrem, segundo os dados da organização; depois vêm as que trabalham contra a **violência de gênero**.

“Sabemos que há um sub-registro. Nem todas as agredidas relatam as agressões às organizações que colaboram conosco. Tampouco contabilizamos os casos de países da América do Sul”, diz a mexicana **Verónica Vidal**, coordenadora do registro, apresentado por várias integrantes da Iniciativa em diversos países da Europa.

“Não são simples agressões a alguém que trabalha pelos direitos; elas têm um claro caráter de gênero. Enfrentamos uma realidade em que nós, além de corrermos os mesmos riscos que enfrentam os ativistas homens, corremos riscos específicos, próprios de sermos mulheres”, diz **Alda Facio**, especialista independente da ONU em **discriminação contra a mulher**, que visitou Madri para falar sobre o aumento das agressões. “Quando defendemos os direitos humanos estamos desafiando ao mesmo tempo as normas culturais, religiosas e sociais sobre a feminilidade e o papel passivo que devemos desempenhar em nossas sociedades patriarcais. E isso gera hostilidade”, acrescenta.

A morte de **Berta Cáceres**, que deveria ter sido protegida pelo Governo de Honduras, voltou a trazer à tona a situação das mulheres que lutam pelos direitos humanos.

O documento da Iniciativa acompanha o tom de outras entidades, como a Anistia Internacional, que denunciam não só um aumento dos ataques às ativistas como também da repressão por parte das autoridades. “Os principais agressores das ativistas pertencem a autoridades locais ou nacionais, inclusive a polícia ou o Exército”, afirma **Verónica Vidal**.

A Anistia denuncia, além disso, que as autoridades não protegem as ativistas. Como no caso de **Berta Cáceres**, de 45 anos. O alto comissário de Direitos Humanos da ONU, **Zeid Ra'ad al Hussein**, considerou “inquietante” que a ativista tenha sido assassinada apesar de a Comissão Interamericana de Direitos Humanos ter pedido ao Governo de Honduras que a protegesse.

A morte de **Cáceres**, uma ativista muito conhecida por sua vitória sobre o Banco Mundial e a estatal chinesa *Sinohydro* para proteger o rio Gualcarque, voltou a trazer à tona a situação das **mulheres que lutam pelos direitos humanos** em uma das regiões com maior desigualdade de gênero.

**MEU BRASIL BRASILEIRO: GRANDEZAS E MISÉRIAS**

**Da Casa Grande à Senzala**



MAPA É TUDO - 19 de julho de 2014

Estados brasileiros nomeados como países de área similar

## O Movimento Feminino pela Anistia como partida para a redemocratização brasileira

Mariluci Cardoso de Vargas 1

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos –

UNISINOS. Este trabalho conta com o apoio do CNPq-Brasil

**Resumo:** O Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) iniciou em 1975 na cidade de São Paulo, idealizado por Terezinha Zerbini, e teve como objetivo a conscientização das entidades de classe e organizações civis sobre a importância da concessão da anistia aos presos políticos e exilados. O Movimento se espalhou por oito estados brasileiros (SP, BA, MG, CE, PB, RS, SE, PE), e desses núcleos aqui será estudado em especial o do estado do Rio Grande do Sul, que teve sua maior movimentação na cidade de Porto Alegre. A partir do relato da primeira presidente do movimento, a intenção é entender a formação do movimento e suas ações, e analisar as relações estabelecidas com as outras entidades e instituições para que esse diálogo coletivo mobilizasse a população civil em direção a futura conquista da redemocratização no Brasil.

**O MFPA: o nascimento, a organização, os vínculos e as ações.**

O Movimento Feminino pela Anistia nasceu em 1975, um ano após a posse do

presidente general Ernesto Geisel que colocou em sua pauta de governo uma política de distensão para uma via democrática. Esse discurso possibilitou, ao menos, a esperança de as oposições se colocarem em cena, já que desde os atos institucionais e, mais intensamente depois da aplicação da doutrina de segurança nacional, a resistência à ditadura militar foi inviabilizada de qualquer ação.

Os últimos dez anos de regime militar (1975-1985) comprovando o longo período de negociações que foi desembocado até o retorno de um civil ao poder, são considerados então os anos da abertura política. Nesse período a primeira reivindicação a ser pontuada diz respeito à necessidade de se promulgar a lei de anistia. O MFPA foi a primeira entidade a levantar a bandeira da anistia e, de forma peculiar, contava com a mulher como articuladora. Em São Paulo Terezinha Zerbini que solidariamente, muitas vezes, abriu sua casa para abrigar de forma clandestina políticos perseguidos, mesmo depois de ter sido presa pelos militares decidiu conclamar a nação para uma mobilização em favor da anistia ampla e geral.

O grupo inicial de oito mulheres redigiu o manifesto que depois será de conhecimento nacional, que diz:

*“Nós, mulheres brasileiras, assumimos nossas responsabilidades de cidadãos no quadro político nacional. Através da história provamos o espírito solidário da mulher, fortalecendo aspirações de amor e justiça. Eis porque nós nos antepomos aos destinos da nação que só cumprirá sua finalidade de paz se for concedida anistia ampla e geral a todos aqueles que foram atingidos pelos atos de exceção. Conclamamos todas as mulheres no sentido de se unirem a esse movimento, procurando o apoio de todos que se identifiquem com a idéia da necessidade de anistia, tendo em vista um dos objetivos nacionais: a união da nação”.*

O movimento é registrado em cartório como entidade civil, por questão de segurança, e dois meses após sua fundação em São Paulo, a pedido de Terezinha, uma militante experiente vem até o Rio Grande do Sul fazer contato com uma mulher que possa assumir a responsabilidade do núcleo estadual na capital Porto Alegre. A socióloga Lícia Peres, militante do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) juntamente com seu marido Glênio Peres (liderança importante de Porto Alegre, foi vereador e vice-prefeito), aceita a missão de mobilizar o sul a aderir a causa do MFPA.

A primeira preocupação então foi como implementar o movimento em Porto Alegre e de que forma buscar a adesão. Essa tarefa foi dificultosa, porém a presidente já contava com um capital político significativo dentro do MDB e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde se graduou e atuou no movimento estudantil. Já adiante que nesse primeiro período o MFPA-RS vai moldar suas estratégias, as buscas são incertas e devem ter cautela de início, pois o momento ainda é de imenso desconforto e perigo.

O MFPA-RS tem de criar o seu próprio caminho, a adesão e as formas de se engajar na política, apesar de o princípio do movimento ser um só, terão variações em cada estado.

Após a primeira aparição do manifesto pela anistia através do MFPA-RS, a presidente Lícia Peres contou com o apoio dos seus lugares mais próximos de atuação: o MDB e os estudantes da UFRGS. É importante salientar que a entidade não se colocava vinculada a nenhuma classe específica, religião ou partido político, mas isso não impedia que instituições desse tipo se filiassem e lutassem pela causa. Sendo assim o próprio MDB sempre cedeu espaços para a divulgação das atividades do movimento. Imersas no partidarismo estavam duas mulheres de destaque que nas campanhas eleitorais de 1974 já subiam em palanques para falar da importância da Anistia, essas foram convidadas para fazerem parte do núcleo RS, eram: Mila Cauduro, que foi candidata a deputada; e Francisca Brizola, irmã de Leonel Brizola que estava no exílio. Somado há algumas poucas companheiras o núcleo se organizou de forma vertical: presidente, vice-presidente, tesoureiras. As atas<sup>2</sup> acusam reuniões semestrais iniciadas em julho de 1975, contabilizadas em nove até junho de 1979 (exatos dois meses antes da promulgação da Lei de Anistia).

Primeiramente os encontros eram realizados na sede da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), depois uma advogada cedeu o seu próprio escritório e após isso era na casa das presidentes, em gabinetes de deputados, aí é que se constituíram as redes de apoio e sociais.

Esse trabalho era mais interno, onde se discutiam as ações políticas, a elaboração e o andamento dos documentos, etc. Mas existia o trabalho de diálogo externo também, como lembra a primeira presidente: *“Nós começamos indo a todas as instituições, visitando a OAB,*

*visitando a Igreja, visitando as autoridades constituídas e coletando assinaturas a favor do manifesto, na rua, no supermercado, nas feiras, nós íamos a pontos de ônibus, explicando para as pessoas o que era Anistia, a importância dos companheiros viverem no Brasil...”*

A primeira entidade a assinar oficialmente o manifesto foi o Diretório Central dos Estudantes da UFRGS, embora o movimento estudantil estivesse extinto teoricamente pelos militares, o momento era de rearticulação. É importante pontuar que a repressão restringiu qualquer forma de atuação política em forma de reivindicação, protesto, oposição, como colocou a própria dirigente:

*“Era uma ideologia que tinha como objetivo reduzir o ser humano a sua profissão, ou seja, estudante era para estudar, trabalhador era para trabalhar, não era para fazer política. Quer dizer que o ser humano, que é um ser político, não podia fazer isso. E os estudantes reagiram muitíssimo a isso”.*(Lícia Peres)

Atas de reuniões do MFPA-RS, acervo particular Lícia Peres, disponível no Acervo de Luta

Contra a Ditadura-POA.

Tendo em vista que essas práticas de participação e engajamento políticos contribuem para a formação da democracia um capítulo inspirador de *La política em las calles*, Sábato (mesmo que analisando outra conjuntura) me fez refletir acerca dessa falta de cultura política que se quis instituir na população brasileira. Ao apontar as instituições da sociedade civil como constituidoras de uma esfera pública na segunda metade do século XIX (1860-1870) em Buenos Aires, a autora nos explicita bem o que significa essa cultura mobilizatória em meio a democracia, como refere:

*“Al menos hasta 1890, la realización de meetings reuniones publicas y manifestaciones se consideraban en general “una práctica benéfica de las instituciones democráticas”, resultado del “uso del derecho de reunión pacífica...” establecido por la Constitución y las leyes de la República. Se entendía que se trataba de una forma habitual y deseable de expresión de opinión por parte del público urbano, que no implicaba amenaza alguna para la paz y la orden.”*(SÁBATO, p.184:1998).

Os atos realizados durante os anos de MFPA jamais quiseram instalar a desordem, muito pelo contrário tinham por finalidade a união da nação, desde fossem libertos os presos políticos que foram reprimidos de suas liberdades. Especialmente durante os *Anos de Chumbo* não houve uma cultura de mobilização e recuperar essa consciência política na população foi um trabalho de anos, décadas, e de certa forma podemos perceber que esse trabalho está em voga até os dias atuais. Esses eram tempos de inutilidade do *abeas corpus*, de torturas, de mortes, de desaparecimentos, e esses casos se tornavam de conhecimento de grande parte da população, e chegavam até mesmo à imprensa internacional (ainda que a imprensa daqui estivesse sob censura). As entidades tinham o dever de mobilizar e aproveitar a idéia de liberalização



política, pois, além disso, as crises internas no regime se intensificavam de forma que a crença na abertura não fosse um sonho impossível.

Comprovando que as estratégias tinham que se diferenciar de acordo com as necessidades de cada Estado, a Igreja Católica aqui do Rio Grande do Sul não aderiu a causa como fez o Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns em São Paulo. As lideranças do MFPA foram até o Cardeal Dom Vicente Scherer que nem deu ouvidos aos argumentos e não apoiou o movimento, Lícia comenta sobre as dificuldades iniciais:

*“Se esperava, por exemplo, falavam que o cardeal era um apoio, e aqui... nenhum. Teve um ato mesmo em que ele ameaçou de fechar a igreja, o pessoal estava fazendo um ato fora na escadaria, e ele mandou se retirar, muitas lideranças deixavam a gente esperando durante três, quatro horas e quando nos recebiam, recebiam em pé dizendo eu não posso apoiar um movimento de esquerda, de comunistas... Tinha tudo isso”.*

Apesar do cardeal gaúcho não ter apoiado, isso não impediu que outras instituições de peso assinassem o manifesto. Além do DCE da UFRGS, a Ordem dos Advogados do Brasil não só aqui, mas em todo o Brasil, a Associação Riograndense de Imprensa (ARI) deu a base estrutural do movimento e no resto do país o apoio foi incondicional. Considerando que a censura ainda estava instalada nos editoriais da imprensa oficial, desse modo os jornais alternativos cumpriram literalmente um grande papel como divulgadores. Em Porto Alegre estava o *Co-Jornal*, que era produzido por cooperativas, o *Movimento* e *Versus* também acompanhavam o assunto, tinha os feministas no centro do Brasil com o *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres* e o *Mulheril*, e como órgão oficial do Movimento nasceu o *Maria Quitéria* que foi produzido especialmente para esse diálogo.

Em 1966 teve um ato que foi reprimido violentamente por policiais militares. O

último presidente civil João Goulart, que foi banido do país após ter sofrido o golpe e expulso do poder, morreu no final do ano de 1966 na Argentina, onde se encontrava exilado. O seu corpo é velado e enterrado no Rio Grande do Sul e em cima do caixão as mulheres conseguiram colocar uma faixa escrito anistia, essa imagem vai ser vista não só por brasileiros dentro da nação como foi emblemática nos jornais do exterior, de forma que os banidos pudessem perceber a força da campanha em prol deles e de outros tantos separados da sua terra. Na missa de um mês de falecimento do Jango, logo na saída uma voz plural grita pela anistia na escadaria da catedral lotada, isso faz com que 300 policiais invadissem praticamente a catedral e espantasse a população a pancadas. Essa perseguição e ameaça a quem se posicionasse “contra a ordem” não ocorria só contra a massa sem nome, a multidão sem status.

Pessoas reconhecidas socialmente também sofriam as conseqüências ao se pronunciar.

Nesse bojo a intelectualidade também foi se agregando compositores, atores e atrizes, chargistas, utilizavam os seus espaços para fazer um chamamento. Dois exemplos reafirmam essa solidariedade dos artistas com o MFPA em Porto Alegre, o primeiro foi quando uma grande atriz Ruth Escobar esteve com uma peça que representava os personagens do Henfil, um chargista brasileiro que de acordo com a realidade apropriava o texto. Segundo Lícia:

*“E eu lembro que nós íamos fazer um ato (...) e eu mandei um bilhete para a Ruth, porque eu me dava muito, conhecia ela de São Paulo, ela também estava na resistência, com muitos atores, muitos diretores de teatro, e eu mandei para ela um bilhete pedindo que ela lesse uma convocação para um ato que nós íamos fazer no dia seguinte.(...) E parou o teatro e convocou. No dia seguinte(...) ela me ligou duas horas da manhã, levaram o diretor, o iluminador para a polícia federal, a pretexto que eles tinham drogas, nós fomos para lá, a Ruth botou o dedo na cara do policial, nunca vi uma mulher corajosa daquela, aí a essas alturas nós já tínhamos uma advogada do núcleo central do movimento”.*

Outro episódio interessante foi quando um chargista de um jornal corrente de Porto Alegre fez um panfleto explicativo: “Porque Anistia? sua casa e seu lar...” e rodaram 100 mil para distribuírem durante a feira do livro, que era um evento de porte, onde milhares de pessoas circulavam. Muitos materiais foram produzidos em campanhas como pela volta de gaúchos presos em cárceres uruguaios e argentinos, foi o caso de Flávia Schiling e Flávio Koutzi. .

Essas campanhas que geravam pelo retorno de gaúchos fez com os familiares de presos políticos, mortos e desaparecidos trabalhassem junto. Os próprios familiares estavam se organizando em uma Comissão específica para o levantamento dos casos e esses focos de resistência só iam se fortalecendo e alarmando a população ainda mais sobre a violação dos direitos humanos não divulgado oficialmente pelo governo.

Quando o Comitê Brasileiro pela Anistia foi criado em 1978, para trata

especificamente o encaminhamento do projeto de Lei da Anistia com o governo 38 entidades já tinham se colocado como apoiadoras. Daí em diante foram organizados muitos encontros das entidades envolvidas como o MFPA, o CBA, o Movimento pelos Direitos Humanos e interessados, os encontros e os dias de passeatas ocorriam em diversos estados, como Bahia, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo. O Congresso Nacional pela Anistia foi onde se promoveu a

discussão final, ali ocorreram as grandes decisões para serem encaminhadas ao Senado, os movimentos preparavam suas teses e votavam no melhor projeto.

Em 1979 já com o general Figueiredo como presidente se redige o projeto de Anistia que será negociado entre os militares linha-dura e a oposição, a Lei de Anistia nº.6.683, de 28 de agosto de 1979, não será de inteiro agrado da opinião dos envolvidos, pois anistia também os torturadores e restringe os presos políticos. Toda essa negociação requereu interesses por ambas as partes, e os militares ameaçados pela pressão civil concederam a anistia, mas de uma forma que essa não abalasse ainda mais a instituição militar. A oposição, no entanto teve que aceitar, pois como bem concluiu D'ARAÚJO (et all):

“Se o principal objetivo da oposição brasileira era garantir a democratização, e sabendo que sua posição era frágil no conjunto das negociações, era fácil prever que os minimalistas aceitariam as salvaguardas propostas pelos militares mesmo contra a opinião daqueles setores da sociedade que queriam uma democratização mais acelerada”. (p.36:1995)

Concedida a Lei toda a efervescência originada dessa demanda, que além de aglutinar forças dos mais diversos segmentos da sociedade, como sindicatos, movimentos de bairros, igreja, movimentos estudantis, jornalistas, artistas, etc. nos últimos tempos as passeatas, os comícios, as manifestações, os encontros, tornaram-se uma preocupação para o regime. Resolvida a questão pressupunham os militares que o foco fosse se dispersar, mas seria possível voltar à passividade diante de tantas necessidades ainda? Conscientes disso a segunda cartada seria a volta ao pluripartidarismo, mais uma estratégia da instituição para fragmentar as esquerdas e continuarem no controle da abertura.

### ***Os vínculos se deram em torno de uma demanda?***

As assinaturas em favor da anistia coletadas das instituições e dos simpatizantes foram enviadas ao chefe da casa civil o general Golbery de Couto e Silva, ainda em 1975 em um número de 12.000 assinaturas a nível nacional, mais da metade foram coletadas no Rio Grande do Sul, demonstrando o forte trabalho que o núcleo fez em Porto Alegre e no

interior gaúcho. A anistia ampla geral e irrestrita era a demanda emergencial enfatizada pelas mulheres, mas junto a essa necessidade foi possível abrir a reflexão para outras questões que também não estavam contempladas e precisariam ser instituídas com o estado de direito.

Não podemos ignorar que o ano de 1975 foi declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como sendo o ano das mulheres, abrindo a década para o fim das desigualdades sexuais. A efervescência do feminismo de *Segunda Onda* preocupado com as demandas de sexualidade e com o político se deu inicialmente tanto na Europa como nos Estados Unidos. O Movimento Feminino pela Anistia não se declara como sendo feminista, e sim feminino, embora se utilizem bem do capital das feministas daqui, estabeleceram alianças com jornais feministas.

Além disso, Terezinha Zerbini compareceu no Congresso Internacional de Mulheres no México, ainda em 1975, e foi até a tribuna livre para denunciar as atrocidades aos direitos humanos que ocorriam no Brasil diante de cinco mil mulheres e da imprensa internacional (DUARTE, p.6, 2007). A força da declaração da ONU impedia que qualquer força governamental em qualquer país impedisse a organização de mulheres, e isso contribuiu para que o governo Geisel não interviesse diretamente reprimindo o MFPA. Além dessa visibilidade pública que as mulheres estavam conquistando, e a temática do feminismo vai perpassar esse e outros movimentos no Brasil, e a questão da anistia acabou influenciando outros movimentos a elaborarem em suas pautas as reivindicações de direitos civis e políticos. Esse diálogo que foi inchando será um caminho para a redemocratização. A importância maior é que a oposição que apoiou a anistia não se satisfaria como comprimento dessa Lei somente, mas daria fôlego para outras necessidades que não eram poucas até a abertura total.

É certo que o acúmulo de poder estava com a elite militar, mas essa também não era isenta de grandes desequilíbrios internos e enfraquecimento. Diante desses indícios a reabertura se deu em um clima de negociações, o governo não poderia perder de vista o controle do Estado e as instituições e entidades atuantes no campo político não poderiam deslizar já que conseguiram se (re)inserir no diálogo da liberalização. Esse é um dos aportes teóricos utilizados pelos organizadores do livro *Os militares e a abertura*, ao citar Moisés que reafirma: “o consenso normativo que fundamenta a cultura política é sempre um consenso sobre normas, regras de procedimento e valores compartilhados pelos diferentes grupos que formam a sociedade”.(citado em D’ARAÚJO (et al). P.23, 1995.).

O interesse em atuar nas decisões e a participação dessas mulheres certamente orquestrou mudanças práticas em suas vidas pessoais, ligados não só aos direitos políticos como a sentimentos particulares como a dignidade, pois o ser humano não vive só e precisa ser ouvido e respeitado para poder se relacionar com seus iguais. Segundo Lechner essas práticas cotidianas transformam a vida objetivamente, e a relação desses processos macro e

microsociais são as tramas sociais que compõe a vida cotidiana. O autor defende que existem *culturas políticas* e que essas só são passíveis de entendimentos se as analisarmos a partir das dimensões culturais e experiências que as formam em cada conjuntura. Como sugeriu MAURO (p.16)

são novos conceitos que se propõe a recuperar as culturas políticas em suas singularidades e hibridizações.

O Movimento Feminino pela Anistia certamente foi unificador das esquerdas em torno da demanda de anistia. Mas o mais importante foi como as estratégias, as práticas e as ações, utilizadas naquele contexto produziu uma mobilização a ponto de tornar uma reivindicação pontual em algo que continuou movendo muitas mulheres para lutas posteriores. O estabelecimento de uma cultura mobilizadora, em tempos onde a antidemocracia reinava, foi o passo inicial para os futuros diálogos que obrigatoriamente teriam que acontecer entre o governo e a população civil. Até 1985 e a posse do primeiro civil, felizmente, muitas conquistas se deram a partir da pressão e organização da opinião pública e muitos serão os episódios que levarão o el pueblo en la calle<sup>3</sup>.

Nome do capítulo 7 do livro de Hilda Sábato.

#### **FONTES:**

Entrevista cedida por Lícia Peres. Realizada em Porto Alegre, na residência da depoente, em dezembro de 2005. Acervo pessoal.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CASTRO, C.; D'ARAÚJO, M. C.; SOARES, G.A. (Orgs.). *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p.328.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Em guarda contra a repressão: as mulheres e os movimentos de resistência à ditadura na América Latina. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH*. UNISINOS, São Leopoldo, 2007.

LECHNER, Norbert. “Estudiar la vida cotidiana” en *Los patios interiores de la democracia*, FLACSO, Chile, 1988, pp.47-66.

MARTINS, Roberto Ribeiro. *Liberdade para os brasileiros: Anistia Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978.

MAURO, Diego. La cultura política como horizonte de tensiones inestables. *De la civic culture a las “culturas políticas”*. Por una estrategia epistemológica de la mediación en ciencias sociales (mimeo).

SÁBATO, Hilda. *La política em las calles*. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1998, caps. 7,8 y 10.



[WWW.INTERPRETESDOBRASIL.ORG](http://WWW.INTERPRETESDOBRASIL.ORG)

### **"Enciclopédia de brasilidade - Cesar Benjamin**

<http://www.contrapontoeditora.com.br/.../200711011651590.Cert...>

...

### **Nós, os brasileiros – Paulo Timm – Coletânea**

[http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/150627061554NOS\\_\\_OS\\_BRASILEIROS\\_\(2\).pdf](http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/150627061554NOS__OS_BRASILEIROS_(2).pdf)

### **Sociologia brasileira: 11 seminários, entrevistas e documentários pra você entender os maiores...**

De que é feita a sociologia brasileira? Qual seu tutano? Clique aqui e veja entrevistas, documentários e seminários sobre a sociologia do nosso país.

[COLUNASTORTAS.WORDPRESS.COM](http://COLUNASTORTAS.WORDPRESS.COM)

### **O pensamento estratégico de Francisco Adolfo de Varnhagen, por Paulo Roberto de Almeida**

A data de 17 de fevereiro de 2016 marca o ducentésimo aniversário do nascimento do...

[MUNDORAMA.NET](http://MUNDORAMA.NET)

### **Sobre José Bonifácio, os “Pais Fundadores” dos EUA, Joaquin Nabuco, Rui Barbosa e Adam Smith**

<https://marcosfernandeseconomicandpolitics.wordpress.com/2016/02/18/sobre-jose-bonifacio-os-pais-fundadores-dos-eua-joaquin-nabuco-rui-barbosa-e-adam-smith/>

José Bonifácio, Rui Barbosa, Nabuco e Adam Smith (Teoria dos sentimentos Morais) deveriam ser leituras obrigatórias nas escolas.

O Andrada é mais avançado que os pais fundadores dos EUA, incrível. Kenneth Maxwell publicou um [artigo](#) dele sobre o Brasil e sua

peculiaridade onde isso fica claro, mas Jorge Caldeira em seu **livro sobre JB** **deixa isso bem claro.**

## **TV CAMARA - Construtores do Brasil**

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/programa/49-CONSTRUTORES-DO-BRASIL.html>

O programa mostra a biografia de 25 personalidades que tiveram papel predominante na formação política, histórica e geográfica do Brasil.

## **Conheça cinco mulheres que transformaram o Brasil**

Dia Internacional da Mulher relembra lutas pela igualdade de direitos. Conheça mulheres que se destacaram na construção da nossa história.

Do G1, em São Paulo - 08/03/2015 07h43 - Atualizado em 08/03/2015 07h43

[HTTP://G1.GLOBO.COM/EDUCACAO/NOTICIA/2015/03/CONHECA-CINCO-MULHERES-QUE-TRANSFORMARAM-O-BRASIL.HTML?FB\\_REF=DEFAULT](HTTP://G1.GLOBO.COM/EDUCACAO/NOTICIA/2015/03/CONHECA-CINCO-MULHERES-QUE-TRANSFORMARAM-O-BRASIL.HTML?FB_REF=DEFAULT)

O Dia Internacional da Mulher, comemorado há 40 anos no dia 8 de março, celebra as conquistas das mulheres, mas também relembra a contínua luta por equivalência de direitos nos âmbitos social, cultural e político da sociedade. Muitas vezes excluídas dos relatos históricos tradicionais, as mulheres tiveram e têm importância fundamental nas transformações ocorridas no país. A lista abaixo reúne algumas brasileiras que se destacaram na construção da nossa história:



A escritora e educadora Nísia Floresta

Foto: Wikimedia Commons/Aacervo da Biblioteca Nacional)

### **Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810 - 1885)**

Nascida em família de proprietários de terra, Nísia casou-se contra a sua vontade aos 13 anos - e separou depois de pouco tempo, coisa rara na época. Recebeu formação no Convento das Carmelitas, em Goiana (PE), e ainda jovem já dominava os idiomas francês e italiano.

Começou a escrever artigos defendendo a igualdade e independência da mulher e em 1838 abriu um colégio para moças, que oferecia uma combinação de ensino de trabalhos manuais com conhecimentos de línguas e geografia - proposta inovadora para a época.

No Rio de Janeiro, Nísia lecionou e proferiu palestras defendendo a liberdade de cultos e a libertação dos escravos. Além disso, escreveu romances, poesias e trabalhou voluntariamente como enfermeira durante uma epidemia de cólera no Rio de Janeiro.

Nísia passou seus últimos anos na Europa e foi lá que morreu, aos 75 anos. Em 1948, a cidade de Papari (RN), onde ela nasceu, mudou de nome para município Nísia Floresta e recebeu seus restos mortais.



Chiquinha Gonzaga (Foto: Wikimedia Commons)

### **Chiquinha Gonzaga (1847 - 1935)**

Nascida Francisca Edwiges Neves Gonzaga, a carioca recebeu educação musical desde pequena. Seu marido - ela casou-se aos 16 anos -, no entanto, a proibiu de



tocar piano. Apaixonada por música, Chiquinha largou o marido e ingressou no meio musical e boêmio do Rio de Janeiro, tornando-se compositora e maestrina. Além da carreira na música, foi uma importante ativista pró-abolição e chegou a vender composições de porta em porta para libertar o escravo músico Zé Flauta.

### **Carolina de Jesus (1914 - 1977)**

A mineira descendente de escravos largou a escola na segunda série para trabalhar com a mãe na lavoura. Depois de se mudar para várias cidades do interior de São Paulo onde a mãe trabalhou como doméstica, ela foi parar na capital, onde passou a viver do lixo em uma favela perto do rio Tietê. Por volta de 1955, Carolina começou a registrar seu cotidiano em um diário. Três anos depois, o jornalista Audálio Dantas reproduzia no "Folha da Noite" algumas passagens do caderno de anotações, o que fez Carolina famosa. Em 1960, Carolina publicou seu primeiro livro, "Quarto de despejo", um sucesso de vendas que já foi traduzido para 13 idiomas e mais de 40 países. Continuou escrevendo até sua morte, em 1977.



### **Maria Lenk (1915 - 2007)**

A primeira sul-americana a competir nas Olimpíadas, Maria nasceu em São Paulo, filha de imigrantes alemães. Bateu três recordes mundiais de natação e enfrentou muito preconceito por ser mulher no esporte - ela foi excomungada por um bispo de Amparo (SP) por nadar. Em 1998, ela ganhou três medalhas (duas de prata e três de ouro) no torneio mundial de natação e lutou toda a sua vida pela igualdade de direitos no esporte.

### **Maria da Penha (nasceu em 1948)**

Vítima de violência doméstica, a biofarmacêutica lutou anos na Justiça para que seu ex-marido fosse condenado por dar-lhe um tiro enquanto ela dormia que lhe deixou paraplégica. O agressor foi julgado e condenado, mas conseguiu não ser preso por uma série de recursos da defesa.



Maria da Penha (Foto: Reprodução/TV Morena)

Maria não desistiu e levou sua denúncia à Comissão Interamericana dos Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA). O resultado foi a condenação internacional do Brasil pela maneira com que eram tratados os casos de violência contra a mulher.

O país foi pressionado, então, a cumprir recomendações em relação ao tratamento do tema - o que deu origem à mudança na legislação com a aprovação da Lei Federal 11340, de 2006, que garante medidas protetivas de urgência e torna obrigatória a assistência jurídica à vítima.

## **MÁXIMAS E MÍNIMAS**

### ***Não quero flores, quero direitos***

- [HTTP://NOTICIAS.TERRA.COM.BR/BRASIL/NAOQUEROFLORES-O-QUE-AS-MULHERES-QUEREM,E2E1A0B3CAD0535B03A826A28BFA30DBV48FUENL.HTML](http://noticias.terra.com.br/brasil/naoqueroFlores-o-que-as-mulheres-querem,E2E1A0B3CAD0535B03A826A28BFA30DBV48FUENL.html)  
Por que milhares de mulheres estão usando as redes sociais para abandonar a pílula



## **Descriminalização do aborto**

O aborto é um dos principais temas de debate quando o assunto é direito da mulher no Brasil. "Quero ser respeitada pelos médicos caso tenha tentado fazer um aborto num momento de desespero, já que o Estado acredita ser dono do meu corpo e não me dá escolhas melhores a não ser práticas ilegais", diz o manifesto publicado pelo Lado M. O assunto foi tema de grande parte dos posts acompanhados da hashtag.

Atualmente, só é permitido interromper uma gestação no Brasil em caso de risco à vida da mãe, quando a gravidez é resultado de estupro ou quando o feto é anencéfalo. Na prática, o aborto é realizado ilegalmente em muitos outros casos, mas de forma segura somente para mulheres com condições financeiras de realizá-los numa clínica particular, argumentam defensores da descriminalização.

Neste ano, a permissão do aborto voltou a ocupar manchetes devido à possível relação entre o surto do zika e o aumento de casos de microcefalia no Brasil. A ONU inclusive defendeu o acesso à interrupção da gravidez em países atingidos pelo vírus.

## **Salários iguais**

Segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em novembro do ano passado, as mulheres brasileiras ganham em média, 74,5% do salário dos homens. A defesa da igualdade de salários para posições iguais é uma das principais lutas das mulheres no país.

## **Viajar sozinha**

O recente assassinato das jovens argentinas Marina Menegazzo e María José Coni quando viajavam pelo Equador gerou uma onda de protestos em defesa dos direitos das mulheres, particularmente do de viajar sozinha em segurança.

Um texto sobre o assunto, intitulado Ontem me mataram e escrito por uma estudante de Comunicação Social do Paraguai, Guadalupe Acosta, circulou pelas redes sociais, sendo compartilhado mais de 716 mil vezes no Facebook.

"Fazendo o que queria, encontrei o que merecia por não ser submissa, por não querer ficar em casa, por investir meu próprio dinheiro nos meus sonhos. Por isso e muito mais, me condenaram", diz o texto. A hashtag #NãoQueroFlores também foi usada por usuárias para defender o direito de viajar sozinha.

### **Vestir o que quiser**

No final de fevereiro, centenas de alunas do Colégio Anchieta, de Porto Alegre, protestaram contra a proibição de usar shorts na instituição. As jovens foram à escola com as pernas à mostra e criaram o abaixo-assinado online "Vai ter shortinho sim", que já conta com mais de 24 mil signatários no site Change.org.

"Exigimos que a instituição deixe no passado o machismo, a objetificação e sexualização dos corpos das alunas; exigimos que deixe no passado a mentalidade que cabe às mulheres a prevenção de assédios, abusos e estupros", diz o texto.

Segundo o último Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 47,6 mil estupros foram registrados no Brasil em 2014 – o que equivale a um a cada 11 minutos. Além disso, 90,2% das mulheres têm medo de sofrer violência sexual.

O direito de vestir o que quiser foi tematizado no manifesto da campanha #NãoQueroFlores: "Quero poder andar com a roupa que eu quiser em qualquer dia do ano sem ouvir comentários sujos e sem ter medo de ser estuprada." O assunto também foi abordado por internautas que aderiram à hashtag:

### **Fim da violência doméstica**

De acordo com o Mapa da Violência 2015:homicídio de mulheres no Brasil – elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais(Flacso), com o apoio da ONU Mulheres Brasil, da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do governo brasileiro –, foram registrados 4.762 homicídios de mulheres no

Brasil em 2013. Metade dos crimes foi cometida por um familiar, e 33,2% dos homicidas eram parceiros ou ex-parceiros da vítima.

Diante desse cenário, muitas internautas partiram em defesa do auxílio às vítimas.

No manifesto da campanha #NãoQueroFlores, o Lado M pede que a Delegacia da Mulher funcione em todos os dias da semana, que a Lei Maria da Penha, que completa dez anos em 2016, seja de fato posta em prática, e que cada vez mais mulheres vítimas de violência doméstica sejam socorridas.

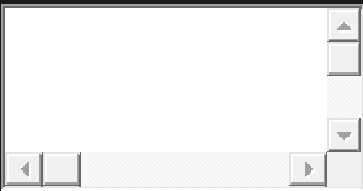
COMPARTILHAR

INCORPORA

LINK

COMPARTILHE

INCORPORA



LINK

<http://terratv>

0:14

1:17

Por que as mulheres usam salto alto?

- 

## IMAGENS REVOLUCIONÁRIAS

**Nada tenho a dizer, só a mostrar – W.Benjamin**

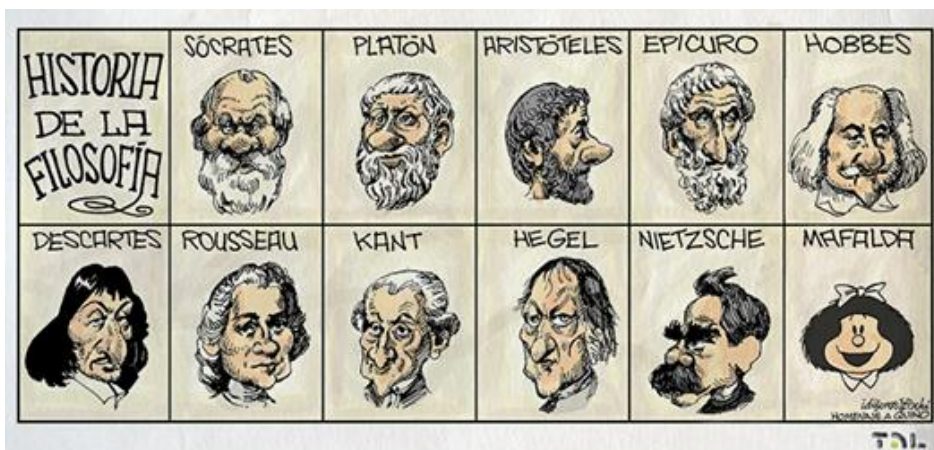
[http://www.facebook.com/ImagensRevolucionarias?directed\\_target\\_id=0](http://www.facebook.com/ImagensRevolucionarias?directed_target_id=0) -

Adão Iturusgarai - Cartuns - <http://www.amazon.com/dp/B019BAYNGQ>



**Leila Diniz** - <http://cinefilos.jornalismojunior.com.br/toda-mulher-e-meio-leila-para-sempre-diniz/m>

## **LIVRE PENSAR:** Só de pensar



Filosofia em vídeo: <http://filosofiaemvideo.com.br/>

## **7 Razões para se apaixonar por uma mulher de 30**

<http://manualdohomemmoderno.com.br/comportamento/7-motivos-para-se-apaixonar-por-uma-mulher-de-30>

### **A Mulher Madura**

**Affonso Romano de Sant'Anna**

[http://www.releituras.com/arsant\\_amulher.asp](http://www.releituras.com/arsant_amulher.asp)

O rosto da mulher madura entrou na moldura de meus olhos.

De repente, a surpreendo num banco olhando de soslaio, aguardando sua vez no balcão. Outras vezes ela passa por mim na rua entre os camelôs. Vezes outras a entrevejo no espelho de uma joalheria. A mulher madura, com seu rosto denso esculpido como o de uma atriz grega, tem qualquer coisa de Melina Mercouri ou de Anouke Aimé.

Há uma serenidade nos seus gestos, longe dos desperdícios da adolescência, quando se esbanjam pernas, braços e bocas ruidosamente. A adolescente não sabe ainda os limites de seu corpo e vai florescendo estabonada. É como um nadador principiante, faz muito barulho, joga muita água para os lados. Enfim, desborda.

A mulher madura nada no tempo e flui com a serenidade de um peixe. O silêncio em torno de seus gestos tem algo do repouso da garça sobre o lago. Seu olhar sobre os objetos não é de gula ou de concupiscência. Seus olhos não violam as coisas, mas as envolvem ternamente. Sabem a distância entre seu corpo e o mundo.

A mulher madura é assim: tem algo de orquídea que brota exclusiva de um tronco, inteira. Não é um canteiro de margaridas jovens tagarelando nas manhãs.

A adolescente, com o brilho de seus cabelos, com essa irradiação que vem dos dentes e dos olhos, nos extasia. Mas a mulher madura tem um som de adágio em suas formas. E até no gozo ela soa com a profundidade de um violoncelo e a sutileza de um oboé sobre a campina do leito.

A boca da mulher madura tem uma indizível sabedoria. Ela chorou na madrugada e abriu-se em opaco espanto. Ela conheceu a traição e ela mesma saiu sozinha para se deixar invadir pela dimensão de outros corpos. Por isto as suas mãos são líricas no drama e repõem no seu corpo um aprendizado da macia paina de setembro e abril.

O corpo da mulher madura é um corpo que já tem história. Inscricões se fizeram em sua superfície. Seu corpo não é como na adolescência uma pura e



agreste possibilidade. Ela conhece seus mecanismos, apalpa suas mensagens, decodifica as ameaças numa intimidade respeitosa.

Sei que falo de uma certa mulher madura localizada numa classe social, e os mais politizados têm que ter condescendência e me entender. A maturidade também vem à mulher pobre, mas vem com tal violência que o verde se perverte e sobre os casebres e corpos tudo se reveste de uma marrom tristeza.

Na verdade, talvez a mulher madura não se saiba assim inteira ante seu olho interior. Talvez a sua aura se inscreva melhor no olho exterior, que a maturidade é também algo que o outro nos confere, complementarmente. Maturidade é essa coisa dupla: um jogo de espelhos revelador.

Cada idade tem seu esplendor. É um equívoco pensá-lo apenas como um relâmpago de juventude, um brilho de raquetes e pernas sobre as praias do tempo. Cada idade tem seu brilho e é preciso que cada um descubra o fulgor do próprio corpo.

A mulher madura está pronta para algo definitivo.

Merece, por exemplo, sentar-se naquela praça de Siena à tarde acompanhando com o complacente olhar o vôo das andorinhas e as crianças a brincar. A mulher madura tem esse ar de que, enfim, está pronta para ir à Grécia. Descolou-se da superfície das coisas. Merece profundidades. Por isto, pode-se dizer que a mulher madura não ostenta jóias. As jóias brotaram de seu tronco, incorporaram-se naturalmente ao seu rosto, como se fossem prendas do tempo.

A mulher madura é um ser luminoso é repousante às quatro horas da tarde, quando as sereias se banham e saem discretamente perfumadas com seus filhos pelos parques do dia. Pena que seu marido não note, perdido que está nos escritórios e mesquinhas ações nos múltiplos mercados dos gestos. Ele não sabe, mas deveria voltar para casa tão maduro quanto Yves Montand e Paul Newman, quando nos seus filmes.

Sobretudo, o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem o que perderam em não esperá-la madurar. Ali está uma mulher madura, mais que nunca pronta para quem a souber amar.

(15.9.85)

*O texto acima foi extraído do livro "A Mulher Madura", Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1986, pág. 09.*

Conheça o autor e sua obra visitando "**Biografias**".

**Arnaldo Jabor Para As Mulheres De 30 Anos. Agosto 5, 2009**



Isto é para as mulheres de 30 anos pra cima...  
E para todas aquelas que estão entrando nos 30,  
e para todas aquelas que estão com medo de entrar nos 30...  
E para homens que têm medo de meninas com mais de 30!!!  
“ A medida que envelheço, e convivo com outras,  
valorizo mais as mulheres que estão acima dos 30.  
Estas são algumas razões do porquê:  
– Uma mulher de 30 nunca o acordará  
no meio da noite para perguntar: “O que você está pensando?”  
Ela não se importa com o que você está pensa,  
mas se dispõe de coração se você tiver intenção de conversar.

- Se a mulher de 30 não quer assistir ao jogo, ela não fica à sua volta resmungando.
  - Ela faz alguma coisa que queira fazer.
- E, geralmente é alguma coisa bem mais interessante.
  - Uma mulher de 30 se conhece o suficiente para saber quem é, o que quer e quem quer.
- Poucas mulheres de 30 se incomodam com o que você pensa dela ou sobre o que ela está fazendo.
  - Mulheres dos 30 são honradas.
  - Elas raramente brigam aos gritos com você durante a ópera ou no meio de um restaurante caro. É claro, que se você merecer, elas não hesitarão em atirar em você, mas só se ainda sim elas acharem que poderão se safar impunes.
  - Uma mulher de 30 tem total confiança em si para apresentar-te para suas melhores amigas.
- Uma mulher mais nova com um homem tende a ignorar mesmo sua melhor amiga porque ela não confia no cara com outra mulher.
  - E falo por experiência própria. Não se fica com quem não confia, vivendo e aprendendo né???
- Mulheres se tornam psicanalistas quando envelhecem.
  - Você nunca precisa confessar seus pecados para uma mulher de 30. Elas sempre sabem....
  - Uma mulher com mais de 30 fica linda usando batom vermelho. O mesmo não ocorre com mulheres mais jovens.
  - Mulheres mais velhas são diretas e honestas.
  - Elas te dirão na cara se você for um idiota, se você estiver agindo como um!
  - Você nunca precisa se preocupar onde se encaixa na vida dela. Basta agir como homem, e o resto deixe que ela faça;.
  - Sim, nós admiramos as mulheres com mais de 30 por um “sem” números de razões.
  - Infelizmente, isso não é recíproco.
- Para cada mulher de mais de 30, estonteante, inteligente, bem apanhada e sexy, existe um careca, velho, pançudo em calças amarelas bancando o bobo para uma garçonete de 22 anos.
- Senhoras, EU PEÇO DESCULPAS:
  - Para todos os homens que dizem, “porque comprar uma vaca se você pode beber o leite de traça?”, aqui está a novidade para vocês: Hoje em dia 80% das mulheres são contra o casamento, sabe por quê?
  - Porque as mulheres perceberam que não vale a pena comprar um porco inteiro

só para ter uma lingüiça. Nada mais justo.”

<https://mguidoni.wordpress.com/2009/08/05/arnaldo-jabor-para-as-mulheres-de-30-anos/>

## As mulheres de 30 O que mais as espanta...

*Mario Prata:*

### As mulheres de 30

O que mais as espanta é que, de repente, elas percebem que já são balzaquianas. Mas poucas balzacas leram A Mulher de Trinta, de Honoré de Balzac, escrito há mais de 150 anos. Olhe o que ele diz:

'Uma mulher de trinta anos tem atrativos irresistíveis. A mulher jovem tem muitas ilusões, muita inexperiência. Uma nos instrui, a outra quer tudo aprender e acredita ter dito tudo despindo o vestido. (...) Entre elas duas há a distância incomensurável que vai do previsto ao imprevisto, da força à fraqueza. A mulher de trinta anos satisfaz tudo, e a jovem, sob pena de não sê-lo, nada pode satisfazer'.

Madame Bovary, outra francesa trintona, era tão maravilhosa que seu criador chegou a dizer diante dos tribunais: 'Madame Bovary c'est moi'. E a Marilyn Monroe, que fez tudo aquilo entre 30 e 40?

Mas voltemos a nossa mulher de 30, a brasileira-tropicana, aquela que podemos encontrar na frente das escolas pegando os filhos ou num balcão de bar bebendo um chope sozinha. Sim, a mulher de 30 bebe. A mulher de 30 é morena. Quando resolve fazer a besteira de tingir os cabelos de amarelo-hebe passa, automaticamente, a ter 40. E o que mais encanta nas de 30 é que parece que nunca vão perder aquele jeitinho que trouxeram dos 20. Mas, para isso, como elas se preocupam com a barriguinha!

A mulher de 30 está para se separar. Ou já se separou. São raras as mulheres que passam por esta faixa sem terminar um casamento. Em compensação, ainda antes dos 40 elas arrumam o segundo e definitivo.

A grande maioria tem dois filhos. Geralmente um casal. As que ainda não tiveram filhos se tornam um perigo, quando estão ali pelos 35. Periga pegarem o primeiro quarentão que encontrarem pela frente. Elas querem casar.

Elas talvez não saibam, mas são as mais bonitas das mulheres. Acho até que a idade mínima para concurso de miss deveria ser 30 anos. Desfilam como gazelas, embora eu nunca tenha visto uma (gazela). Sorriem e nos olham com uns olhos claros. Já notou que elas têm olhos claros? E as que usam uns cabelos longos e ondulados e ficam a todo momento jogando as melenas para trás? É de matar.

O problema com esta faixa de idade é achar uma que não esteja terminando alguma tese ou TCC. E eu pergunto: existe algo mais excitante do que uma médica de 32 anos, toda de branco, com o estetoscópio balançando no decote de seu jaleco diante daqueles hirtos seios? E mulher de 30 guiando jipe?

Covardia.

A mulher de 30 ainda não fez plástica. Não precisa. Está com tudo em cima. Ela, ao contrário das de 20, nunca ficou. Quando resolve, vai pra valer. Faz sexo como se fosse a última vez. A mulher de 30 morde, grita, sua como ninguém. Não finge. Mata o homem, tenha ele 20 ou 50. E o hálito, então? É fresco. E os pelinhos nas costas, lá pra baixo, que mais parecem pele de pêssago, como diria o Machado se referindo a Helena, que, infelizmente, nunca chegou aos 30?

Mas o que mais me encanta nas mulheres de 30 é a independência. Moram sozinhas e suas casas têm ainda um frescor das de 20 e a maturidade das de 40. Adoram flores e um cachorrinho pequeno. Curtem janelas abertas. Elas sabem escolher um travesseiro. E amam quem querem, à hora que querem e onde querem. E o mais importante: do jeito que desejam.

São fortes as mulheres de 30. E não têm pressa pra nada. Sabem aonde vão chegar. E sempre chegam.

Chegam lá atrás, no Balzac: 'A mulher de 30 anos satisfaz tudo'.

Ponto. Pra elas.

## **O QUE QUER UMA MULHER?**

Outro Lado : Um outro jeito de enxergar o cotidiano

### **O que quer a mulher?**

*por Roberto Goldkorn*

Três décadas atrás, li um texto onde o autor dizia que estávamos prestes a viver uma nova era, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho. O autor afirmava que pelo fato delas não terem se contaminado pelas práticas ávidas de poder, de corrupção e de autoritarismo dos homens, poderiam dar uma contribuição concreta para um mundo melhor. Poderíamos contar com fiscais mais honestas, chefes mais humanas, planejadoras com maior visão de futuro, coisas de mãe que espera pacientemente a gestação e depois se engaja numa tarefa de criar que dura uma vida inteira. Confesso que fiquei entusiasmado. Há muito já sonhava com essa possibilidade: um mundo mais materno, mais cooperativo e menos competitivo. Mas o tempo mostrou que a teoria na prática é outra.

A nossa ingenuidade (minha e do autor) acabou em frustração quando trinta e tantos anos depois, a mídia me atira na cara o episódio da menina do Pará enjaulada numa cela de monstros menos que lixo humano. Quando ficamos sabendo que a prisão foi feita e controlada por uma delegada (jovem), referendada por uma juíza, num estado governado por uma mulher, as esperanças vão pro saco de vez! Talvez alguém ainda tenha coragem de vir na

defesa delas dizendo que não se muda de uma hora para outra vícios ancestrais do sistema corrompido, imbecilizado e torpe. Mas não se trata disso e sim de medidas minimamente decentes, ao alcance da mão das “autoridades” diretamente envolvidas. Não vou nem falar de solidariedade feminina, porque tenho medo de parecer ridículo, mas sim de humanidade, daquela que se espera de alguém em relação a um animal em perigo. De uma mãe que vê em todas as crianças seu filho ou filha.

### **O que quer a mulher?**

Remoendo a minha perplexidade dei com um texto de Ernest Jones, discípulo e parceiro de Freud, onde ele diz que o grande mestre confessou-lhe a sua ignorância a respeito da psicologia feminina. Jones diz textualmente: “Não há muita dúvida de que Freud achava a psicologia das mulheres mais enigmática do que a dos homens.” Segundo Jones, o pai da psicanálise lhe teria confessado: “A grande questão que nunca foi respondida, e que eu mesmo não tive condição de responder apesar dos trinta anos de estudos sobre a alma humana, é: O que quer a mulher?”

É claro que o Freud queria respostas que fossem estruturais, que fossem a chave dos comportamentos, mas parece que também acabou morrendo sem poder decifrar esse abissal mistério.

A cada dia tomamos conhecimentos do papel das mulheres na perpetuação das injustiças e sofrimentos das mulheres, como o que acontece em alguns países asiáticos, africanos e do oriente médio. E como Freud nos perguntamos o porquê? Quando assisti o *Diabo Veste Prada*, decalcado de uma situação que de fato existiu, identifiquei no comportamento da atriz principal (o Diabo), características de muitos dos meus antigos (e atuais) clientes, executivos ou empresários. Lembro-me de pensar diante do despotismo desses descompensados: “Quando as mulheres chegarem a essas posições tudo será diferente”. Como eu estava equivocado!

Em meu consolo no poço de perplexidade e pasmo em que me debato, veio outra mulher, a americana Kelly Vallen em seu depoimento ao *New York Times*. Num artigo sobre a sua terrível experiência na fraternidade em que ingressou para se sentir protegida na Universidade, ela desabafa: “Nós mulheres nadamos em águas infestadas de tubarões criados por nós mesmas. Muitas vezes não temos noção de onde nos situamos umas com as outras socialmente - como mães, como colegas - porque somos ao mesmo tempo, aliadas e inimigas.” Eu acho que é isso aí. Tristemente.

### **"O que quer uma Mulher?" Perguntava Freud (3)**

Concepções de Freud sobre a Feminilidade

Embora Freud tenha evidenciado a ligação entre cultura e sexualidade, preconizando que o sexo biológico seria insuficiente para determinar o gênero

e explicitado que a pulsão não se identifica com o instinto animal, dada a sua mobilidade e a sua indeterminação em função dos condicionamentos sociais. Por outro lado, foi tributário dos paradigmas científicos dominantes no século XIX, e da herança iluminista, quanto à definição do humano com base nos dois grandes conceitos universais de razão e natureza. No que concerne, por exemplo, à questão da diferença sexual, a dicotomia entre razão e natureza projectou-se na diferenciação estabelecida, pelo fundador da psicanálise, entre o estatuto do homem e o da mulher. O homem freudiano define-se pelo seu papel na manutenção da ordem social e na construção da cultura, enquanto a mulher, "ser de natureza" se caracteriza pela dimensão intrinsecamente corpórea veiculada e vinculada à função reprodutora. A mulher freudiana pouco difere da mulher descrita por Rousseau, um ser de natureza, a quem é preciso coibir, inibir, refrear, de modo a desenvolver o pudor e o recato sexuais capazes de sustentar o homem numa posição viril. Freud começou por descrever o desenvolvimento da sexualidade infantil feminina de modo simétrico ao da masculina, nomeadamente no que diz respeito ao complexo de Édipo, pressupondo na rapariga um processo análogo ao do rapaz. A partir de 1923 e sobretudo de 1925 Freud irá teorizar sobre a assimetria do Édipo nos dois sexos, mas reafirmando sempre a predominância do falo e o masoquismo da mulher. O texto de Karl Abraham "Manifestações do complexo de castração na mulher" (1920), vai desencadear a polémica, dentro do movimento psicanalítico, sobre a mulher, que os três artigos de Freud "A Organização Genital Infantil" (1923) e "A Dissolução do Complexo de Édipo" (1924) e "O Problema Económico do Masoquismo", irão alimentar. Foi no texto de 1923 "A Organização Genital Infantil" que Freud ao retomar a temática do artigo de 1908, "As Teorias Sexuais das Crianças" - em que teorizava sobre a universalidade do falo - postulou, explicitamente, o primado do mesmo. A posição freudiana caracteriza-se, em termos gerais por atribuir aos dois sexos uma mesma evolução psicosexual até à entrada na fase fálica. Até aí o rapaz e a rapariga acreditariam que possuem um pénis, ao qual se afeiçoariam de modo narcísico. A reacção da rapariga perante a evidência da sua inferioridade anatómica seria o sentimento de inveja. Elas notam o pénis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pénis. Daqui resultariam três orientações possíveis de desenvolvimento: estranheza ou repressão da sexualidade; complexo de masculinidade e recusa da feminilidade. Abraham defendeu teses idênticas no artigo de 1920. Por outro lado, as diferenças anatómicas entre os dois sexos determinariam uma diferente situação edípica para cada um deles: o temor de castração no rapaz e a concomitante renúncia às fantasias incestuosas, e a dissolução do Édipo. A rapariga por seu turno, não lograria rezear a castração, uma vez que, a mesma já teria ocorrido – em 1924 "A Dissolução do Complexo de Édipo" afirmou: "A diferença essencial será pois que a rapariga aceita o facto consumado enquanto que os rapazes temem a sua ocorrência" e assim o seu ressentimento contra a mãe por a ter tido "incompleta", voltar-se-ia contra o pai, em busca de um falo e depois de um filho. A superação do Édipo seria mais lenta na rapariga do que no rapaz, se é que efectivamente se dará,

já que falta à rapariga o medo de perder o falo. No artigo “Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos” , apresentado pela filha Anna no 9º Congresso Internacional de Psicanálise em Salzbourg, Freud fundamentou deste modo a sua convicção de que o super-ego das mulheres seria mais lábil. Relacionado com o complexo de castração está o conceito de masoquismo feminino, “ser mulher significaria ser castrado, possuído, parir. Freud retoma, deste modo Krafft-Ebing, ao preconizar a subordinação natural da mulher, em virtude das suas funções reprodutoras. O masoquismo é considerado uma das características do comportamento feminino.

As teorizações de Freud despoletaram a polémica na comunidade psicanalítica, opondo Viena e Londres dando origem ao que Lacan viria a designar por “querela do falo”, que terminou em 1935 com uma lição de Ernest Jones em Viena. Entre 1920 e 1935, a partir do falocentrismo de Freud, e dos textos cruciais, para a eclosão e o desenvolvimento do debate, de Karl Abraham, os diferentes psicanalistas, em Congressos Internacionais, em colóquios das Sociedades locais e nas Revistas especializadas, confrontaram argumentos em prol, ou contra as concepções de Freud.

[http://mhroque.blogspot.com/2006/01/o-que-quer-uma-mulher-perg\\_113874306989179936.html](http://mhroque.blogspot.com/2006/01/o-que-quer-uma-mulher-perg_113874306989179936.html)

## O que quer uma mulher?

Posted: sábado, 31 janeiro, 2009 by

**Flávia Albuquerque** in [amor](#), [angústia](#), [ética](#), [beleza](#), [cena](#), [ciúme](#), [clínica](#), [comportamento](#), [corpo](#), [cultura](#), [desejo](#), [divã](#), [economia psíquica](#), [estudo](#), [falta](#), [feminino](#), [Freud](#), [gozo](#), [histeria](#), [imaginário](#), [inconsciente](#), [mulher](#), [neurose](#), [paixão](#), [prática](#), [psicanalista](#), [psicanálise](#), [psicologia](#), [psicoterapia](#), [relação](#), [sexualidade](#), [sujeito](#)

A Revista Época desta semana traz uma reportagem com o seguinte título: ‘**O que desperta o desejo sexual feminino?**’ E menciona a grande questão de Freud. A seguir apenas um trecho do início da reportagem:

*“Ida Bauer aparece nos textos de Sigmund Freud, o pai da psicanálise, sob o nome fictício de Dora. É uma moça bonita, de 15 anos, perturbada por tosses nervosas e incapacidade ocasional de falar. Chegou ao divã do médico vienense queixando-se de duas coisas: assédio sexual de um amigo da família e indisposição do pai em protegê-la. Freud aceitou os fatos, mas desenvolveu uma interpretação própria sobre eles. O nervosismo e as doenças se explicavam porque a moça se sentia sexualmente atraída pelo molestador, mas reprimia a sensação prazerosa e a transformava, histericamente, em incômodo físico. Como Ida se recusou a aceitar essa versão sobre seus sentimentos, largou o tratamento. Peter Kramer, biógrafo de Freud, diz que os sintomas só diminuiram quando ela enfrentou o pai e o molestador, tempos depois. Freud*



*estava errado; ela, certa. Anos mais tarde, refletindo sobre a experiência, Freud escreveu uma passagem famosa: "A grande questão que nunca foi respondida, e que eu ainda não fui capaz de responder, apesar de 30 anos de pesquisa sobre a alma feminina, é: o que querem as mulheres?". "*

<http://pontolacaniano.wordpress.com/2009/01/31/o-que-quer-uma-mulher/>

## **Freud, nossas bisavós e os vibradores**

por Henrique Vieira Filho

As milenares Técnicas Tântricas aliam-se ao centenário Orgasmo eletromecânico e a curiosa origem dos vibradores no Século 19 como tratamento para todos os males da mulher, atualmente resgatado como instrumento terapêutico nas versões modernas da milenar arte tântrica.

Quando iniciei-me no universo "alternativo", há algumas décadas, o Tantra era quase exclusivo aos pares formados entre os próprios terapeutas, como meio para equilibrar os centros energéticos e atingir a transcendência, tendo a sexualidade e amor como instrumentos. Eventualmente, era ofertada como terapia para casais, com estes participando de cursos onde aprendiam a teoria e prática tântricas.

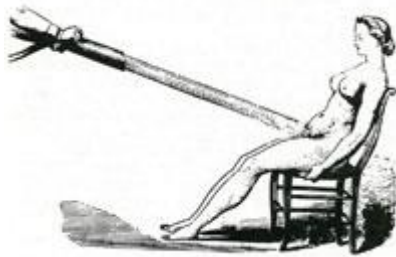
Já nos últimos cinco anos, surgiu uma nova turma de "gurus do sexo", propondo outras formas de dispor do tantrismo como terapia. Polêmicas à parte, no formato adotado por estes grupos neo-tântricos, já não é mais pré-requisito o casal, sendo que, no caso do Cliente procurar a terapia individual, caberá aos profissionais fazerem o papel complementar, seja o masculino, ou o feminino. Por meio do toque, respiração e movimentos, propõe-se a ativação da energia da libido, harmonizando e redistribuindo por todo o ser. O orgasmo, ainda que não seja a finalidade, é comum ocorrer neste processo. Neste contexto tão diferente do que era há algumas décadas, deparemos também com o uso de luvas de borracha (asepsia e tentativa de minimizar a erotização do toque por parte dos profissionais) e, no caso da clientela feminina, o acréscimo de um recurso eletromecânico: os vibradores...

Por sinal, esta metodologia vem obtendo grande atenção da imprensa, como as recentes matérias nas revistas Nova e Trip. Em primeira impressão, parece uma "modernização" da técnica, porém, a verdade é que nada mais é do que a volta a uma prática muito comum no final do Século 19 e primeiras décadas do 20, justificada por milenares interpretações machistas atribuídas a Hipócrates. Este chamava de histeria, aos sintomas físicos sem causa aparente, condição que considerava tipicamente feminina, razão pela qual, pressupunha que a origem do problema deveria estar no útero, ao qual atribuíam o estado de "ardente"...

Eis que no puritano universo ocidental nos idos de 1850, uma "epidemia" do gênero tomou conta das recatadas damas da sociedade e, o único tratamento conhecido para a "histeria" era o toque clitoriano, que era realizado pelos médicos, em seus consultórios. A manipulação era continuada até que a Cliente atingisse o "paroxismo histérico", que era considerado um espécie de "ataque de histeria" obtido em ambiente controlado. Em decorrência disto, os sintomas físicos desapareciam e os maridos ficavam satisfeitos em constatar esposas mais calmas e felizes. Ou seja, pareciam desconhecer o que era um ORGASMO feminino, mas, pelo menos, já usufruíam de seus benefícios para o equilíbrio somatopsíquico...



Eis que aqui, já podemos justificar a presença de Freud no título deste artigo, pois, foi justamente trocando informações com seus colegas que trabalhavam nesta linha de terapia, que firmou sua convicção de que problemas ligados à sexualidade eram a origem e a chave para solucionar inúmeros distúrbios. A Psicanálise trabalhou esta hipótese e, nesta linha, ninguém ousou mais que seu discípulo dissidente, Wilhelm Reich, que publicou os inúmeros benefícios do "clímax" sexual, em sua obra: "A Função Do Orgasmo".



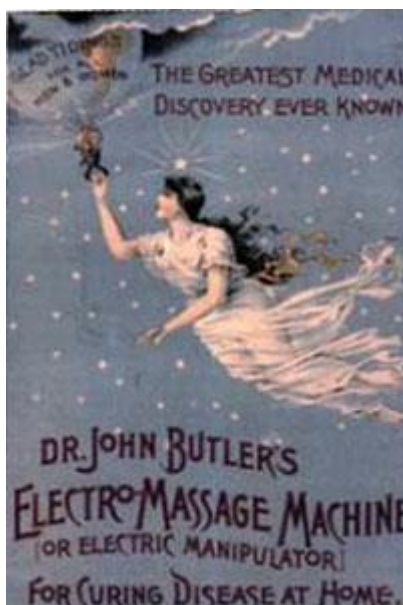
A procura por esta terapia "miraculosa" era tamanha que os consultórios não davam conta de atender, já que dependiam da destreza manual dos profissionais, que começavam a sofrer danos por esforços repetitivos.

Como alternativa, experimentava-se os jatos de água, mas, como podemos constatar pela figura ao lado, no formato que adotaram, não era prático, nem eficiente.

Eis que em 1880, o doutor Joseph Mortimer Granville, patenteia o primeiro vibrador eletromecânico, de fabricação encomendada com seu relojoeiro. Rapidamente, a idéia foi aperfeiçoada por várias empresas, até conseguirem tamanhos portáteis e baixo custo, o que possibilitou que todo lar pudesse ter ao menos um equipamento para o tratamento da "histeria" sem mais depender de ir a consultórios médicos.



A popularidade era grande e com as bençãos da sociedade machista, que bem ignorava as demais potencialidades deste instrumento terapêutico.



### Propaganda de época

Propagandas em revistas, jornais e cartazes, não raro, anunciavam os equipamentos como "a maior descoberta médica de todos os tempos", capazes de proporcionar "paroxismos histéricos" de alta intensidade, eficientes para tratar de todas as mazelas femininas.

Seja a bateria, ou a manivela e até por ar comprimido, há grandes chances de nossas bisavós (isso se o leitor for da mesma faixa etária que eu, claro...) terem usufruído das maravilhosas invenções terapêuticas, porém, é bem provável que nossas avós e mães não tenham tido a mesma oportunidade, pois, a partir de 1920, com o advento dos filmes pornográficos, finalmente a sociedade machista e puritana tomou conhecimento dos potenciais usos destes equipamentos. Assim sendo, de terapia doméstica indispensável em qualquer lar que se preze, os vibradores passaram a ser enquadrados como inadequados às "mulheres de bem".

Os fabricantes não se deram por vencidos, e buscaram outras formas de divulgar de forma mais discreta, a disponibilidade para compra. Desde anúncios em que as figuras estavam aplicando os vibradores na... têmpera (!),

até literalmente vendidos disfarçados em caixas que anunciavam aspiradores de pó, e outros ofertados como aparelhos de "múltiplas utilidades", onde os motores serviam, em primeira análise, como batedeiras de bolo, mas, que possuíam acessórios que, uma vez conectados, possibilitavam utilidades bem diferentes. Apesar desta estratégia, é fato que entre as décadas posteriores a 1940, a popularidade dos vibradores desapareceu, vindo a ressurgir, nos anos 70 em diante, assumindo seu caráter de instrumento voltado ao prazer feminino.

Assim sendo, como a Terapia Holística tem por tradição resgatar terapêuticas milenares ou, ao menos, seculares, até que não é de estranharmos que a linha tântrica traga de volta, mais uma antiga prática do tempo de nossas bisavós, ou seja, o vibrador, como uma panacéia universal...

Na certeza de que o tema é muito polêmico e que ainda carece de normas técnicas específicas, que só poderão ser criadas após amplo debate entre os profissionais, aliados à análise jurídica da questão, que fique este artigo, como uma forma bem-humorada e curiosa de trazer o assunto para discussão.



Henrique Vieira Filho

Terapeuta Holístico

CRT 21001

Henrique é autor de diversos livros da profissão, ministra aulas na CEATH - Comunidade de Estudos Avançados em Terapia Holística.

[contato@sinte.com.br](mailto:contato@sinte.com.br)

Fonte: <http://sinte.com.br/revistaterapiaholistica/tradicionais/69-sexualidade-tantrico/197-vibrador-tantrico>

**NERVO EXPOSTO: Kill Bill**



## **Poder da Igreja de banir as mulheres**

Fonte: [www.blogdogutemberg.blogspot.com](http://www.blogdogutemberg.blogspot.com)

**Poder da Igreja de banir as mulheres (1) -30 MARÇO 2009**

Posted by Gutemberg @

Em um filme de aventura intitulado “O Vôo da Fênix” um grupo de pessoas está perdida no deserto. Em um momento de alta tensão um deles pergunta a um outro se ele é religioso. A resposta: “A espiritualidade não é religião. A religião divide as pessoas. A crença em alguma coisa une”. A religião em geral busca dirigir-se a todos os homens sem distinção, para lhes oferecer os “meios de salvação”, e não explicações (metafísicas) sobre a verdade pura e a natureza profunda das coisas – apesar de essas explicações serem oferecidas indiretamente e simbolicamente.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844/1900) em sua obra “Humano, demasiado humano” afirma que os sacerdotes até hoje vivem da anestesia dos males humanos. E na vantagem de ter religião ele escreveu: “Existem pessoas sóbrias e eficientes, às quais a religião está pregada como uma orla da humanidade superior: estas fazem muito bem em permanecer religiosas, pois isso os embeleza – Todos os homens que não entendem de um ofício qualquer das armas - a boca e a pena contam como armas – se tornam servis: para eles a religião cristã é útil, pois nela o servilismo toma o aspecto de uma virtude cristã e fica espantosa – é muito vazia e monótona se tornam facilmente

religiosas: isto é compreensível e perdoável, mas elas não têm o direito de exigir religiosidade daqueles para quem a vida não transcorre cotidianamente vazia e monótona”.

“Podemos continuar a consumir nossas comodidades, a minimizar perigos, a ignorar o misterioso e o desconhecido, e a desencorajar a criatividade, até o mundo ficar tão seguro para nós que nos tornaríamos ‘inextirpáveis, como a pulga’. Ou podemos nos empenhar por nos tornarmos algo mais que ‘humanos, demasiadamente humanos’, e aspirar ao *Übermensch* (super-homem). O último homem é o burguês consumado, o utilitário satisfeito, o pamonha absoluto”.

“A igreja se mete nessa história porque tem seus próprios interesses. Os funcionários de todas as religiões vivem da figura de Deus. Essas pessoas quer acreditam nisso, têm que continuar acreditando, porque é Deus que dá a comida, a roupa, o prestígio e o poder para eles, no sentido exato da palavra. Quanto mais pobre e sem cultura, mais a pessoa é dependente da religião” (Elsimar Coutinho, médico, em entrevista a revista *Ana Magazine* nº01, 2006).

A história da humanidade tem sido a história de personagens masculinos, sejam eles guerreiros, sacerdotes, heróis ou artistas. A influência da tradição sempre foi reforçada e, em certa medida, continua sendo até hoje pela religião, instituição de marcado caráter conservador. Com o passar do tempo a mulher transformou-se, ela mesma, num agente de reprodução do sistema, cooptada pela ideologia paternalista, que tem como premissa a legitimidade da autoridade masculina sobre o conjunto da sociedade. De todos os milhares de mitos da criação imaginados por povos de todos os lugares, as histórias da criação e de Adão e Eva, que abrem o Gênesis, dupla narrativa produzida há muito tempo por obscuros semitas foi a que triunfou nas três principais religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo.

Em seu livro sobre “A Assustadora História da Maldade”, Oliver Thomson traz uma profunda compreensão das complexas relações entre as crenças de uma sociedade e seu comportamento. A idéia dominante e provocativa do autor é que a moralidade está sujeita aos costumes e aos caprichos dos ricos e poderosos, como em qualquer outro aspecto da vida humana. Para a maioria de nós, todo código ético propõe a virtude e condena o mal. Entretanto, muitos crimes foram e são cometidos em nome do que se supõe ser a virtude,

caminho para o poder ou o prestígio, em todos os períodos históricos. O genocídio fez parte da ética fascista, o infanticídio, de espartana. Os jesuítas praticavam a tortura, os puritanos queimavam as bruxas, os membros do IRA e do ETA crêem na validade do assassinato. O que faz com que o conceito do bem (e, portanto, o do mal) mude conforme a época, o povo e o contexto sócio econômico?

Todos os períodos da História abrigaram seus próprios dissidentes. Sociedade alguma jamais foi inteiramente normalizada, mesmo tendo cada uma estabelecido suas normas. Houve agnósticos em plena Idade Média cristã, libertinos no século 19, pornocratas na Inglaterra calvinista, despreocupados pacifistas às vésperas da Grande Guerra, puritanos declarados em maio de 68, etc. As grandes evoluções da moral sexual nunca envolveram a coletividade como um todo. Elas tiveram apenas uma significação majoritária, global, antropológica. Ficar de acordo com os valores dominantes em seu tempo ou se confrontar com eles, aceitar o peso do holismo ou oferecer-lhe resistência, esta margem permanece sempre em aberto. E remete cada homem a sua irredutível liberdade. A pressão coletiva é sempre poderosa, mas nunca o é de forma absoluta. Nos artigos a seguir vamos conhecer o poder da Igreja em esconder certas “verdades” em benefício próprio. E o povo que vai pastar. É a sua mensagem.

### **Poder da Igreja de banir as mulheres (2) - 31 MARÇO 2009**

Posted by Gutemberg @

As práticas de controle da sexualidade produziram violências que ainda hoje se reproduzem em sociedades africanas e entre os muçulmanos, como a extirpação do clitóris na mulher, que teriam seu contraponto nas práticas sadomasoquistas até os dias de hoje. Em 1997 uma somaliana fugitiva denuncia a mutilação feminina. Em 28 países africanos, na Índia e em alguns países asiáticos, quando as meninas começam a apresentar os atributos femininos, os pais exigem e as mães executam a extirpação do clitóris e, às vezes, até dos lábios da vagina, usando tesouras, lâminas e mesmo pedaços de vidro.

Numa cerimônia banhada em sangue e dor, costuram tudo, deixando uma pequena abertura para a saída da urina e da menstruação. A tortura acompanha a vida destas mulheres. Nada sensibiliza os pais que exigem a

mutação como garantia de pureza, enquanto os maridos a exigem como garantia de felicidade da esposa. As mães compactuam com o crime e repetem, o que lhes ensinaram: é um ato religioso, que faz parte da cultura do povo e que lhes foi transmitido pelas mães e avós, como o único meio de garantir o bom comportamento das meninas e impedir que elas fiquem livres.

“O rito de passagem, iniciático e religioso, serve de véu para encobrir o verdadeiro motivo do ato cruel, bárbaro, macabro. As sociedades ocidentais e orientais foram contaminadas por uma máxima que elas repetem incessantemente: a superioridade do macho sobre a fêmea, que se manifesta no âmbito biológico, intelectual, social e religioso; foram contaminados ainda pelo postulado fundamental, aceito pelos pensamentos greco-romano e judaico-cristão: o desejo e o prazer femininos são animalescos e a sexualidade da mulher, comandada pelos sentidos, deve ser domada, porque é perniciosa para a sociedade e para o homem”, informa a professora Maria Nazareth Alvim de Barros.

Segundo a historiadora britânica Geraldine Brooks, o costume da circuncisão feminina se originou na África Central na Idade da Pedra, seguindo para o norte do continente africano. No Ocidente, a circuncisão era utilizada como processo terapêutico até os anos 50. Médicos britânicos e norte-americanos praticavam a clitoridectomia e a castração feminina (retirada dos ovários) para enfrentar melancolia e ninfomania. Até o século 19, acreditava-se que as mesmas práticas “curavam” histeria, masturbação, lesbianismo e epilepsia.

Fatores culturais não devem servir de pretexto para violações aos direitos humanos, segundo a advogada norte americana Layli Miller, que obteve asilo nos EUA para uma africana que fugiu de Togo a fim de evitar a mutilação genital: Fauziya Kassindja. Entre as formas de discriminação contra as mulheres, a advogada cita o tráfico de mulheres, a violência doméstica e o “horror killings” (assassinatos motivados por ofensas à “honra”). “Crimes de honra também são um problema no Brasil. Parecem diferentes do que ocorre no Paquistão, onde uma mulher pode ser morta por se recusar a casar-se com o homem indicado por seu pai, mas traduzem a mesma idéia: a honra de um homem é um pretexto para assassinatos. Por exemplo, se ele descobre que a mulher o trai, ele a mata e não necessariamente é enviado à prisão. Isso também é crime de honra”. A cultura judaica-cristã atribuiu a idéia de culpa relacionada ao sexo e a circuncisão masculina (corte no pênis) indica o ingresso da criança no seio da comunidade.



A partir do século X, a Igreja se empenha em aprimorar seus instrumentos de controle e dominação. Dois séculos mais tarde, ao instituir a confissão, vê-se em condições de reger o íntimo. Para o bispo Étienne de Fougères, a mulher é portadora de mal. Ele repete com vigor no “Livre dès manières” (Livro das maneiras), composto entre 1174 e 1178. Escreveu-o em língua românica, dirigido, portanto, aos membros da corte, aos cavaleiros e às damas. Trata-se de um longo poema – 336 estrofes, 1.344 versos -, sob forma de um sermão. Uma coleção de seis sermões, cada um deles referente a uma categoria social, sublinhando seus defeitos específicos e propondo-lhe um modelo de conduta. Esse homem de Igreja julga, define as infrações a fim de as reprimir, baseando-se na autoridade de seus antecessores (Marbode, o bispo Burchard de Worms, entre outros), e deste modo assentar solidamente, pouco a pouco, as regras de uma moral.



### **Poder da Igreja de banir as mulheres (3) - 2009**

posted by Gutemberg @

No século XI as modalidades de administração do sacramento de penitência elaboraram-se lentamente. Os padres deviam ajudar os pecadores a purgar-se inteiramente, devendo, para tanto, submetê-los à tortura, forçá-los à confissão. No limiar do segundo milênio, na época em que o bispo Burchard de Worms trabalhava, um acontecimento de importância considerável produziu-se na Europa: a modificação das relações entre masculino e feminino. “A Igreja decidiu colocar a sexualidade sob seu estrito controle. Estava, então, dominada pelo espírito monástico. A maior parte de seus dirigentes, e os mais empreendedores, eram ex-monges. Os monges acreditavam-se anjos. Como estes, pretendiam não ter sexo e vangloriavam-se de sua virgindade, professando o horror à mácula sexual. Por conseguinte, a Igreja dividiu os homens em dois grupos”.

“Aos servidores de Deus, proíbe servir-se de seu sexo; permite-o aos outros nas condições draconianas que decretou. Restavam as mulheres, o perigo, já que tudo giravam em torno delas. A Igreja decidiu subjuga-las. Com esse fim, definiu claramente os pecados de que as mulheres, por sua constituição, tornavam-se culpadas. No momento em que Burchard compunha a listas dessas faltas específicas, a autoridade eclesiástica acentuava seu esforço para reger a instituição matrimonial. Impor uma moral do casamento, dirigir a

consciência das mulheres: mesmo projeto, mesmo combate. Ele foi longo. Acabou por transferir aos padres o poder dos pais de entregar a mão de sua filha a um genro, e por interpor um confessor entre o marido e sua esposa”, escreveu Georges Duboy no terceiro volume da trilogia Damas do século XII – “Eva e os Padres”.

É pelo casamento que a mulher desse tempo tem acesso à existência social. Antes, ela não é nada: “mesquinha”, esse termo que nos ficou designava a moça no século XII. No ritual do casamento, em seus gestos, em suas fórmulas, exprimiam-se claramente as obrigações da mulher. O casamento, garantia da ordem social, subordina a mulher ao robusto poder masculino.

O texto da Bíblia, no começo do livro do Gêneses, vem reforçar a convicção de que a mulher, auxiliar, foi colocada junto ao homem apenas para ser “conhecida”, tornar-se dama e sobretudo mãe, um receptáculo, uma matriz preparada para a germinação da semente masculina, de que não tem nenhuma outra função que não a de ser fecundada, de que sem esse papel o mundo teria muito facilmente passado sem ela. É pensamento da época: o homem é a imagem de Deus, a mulher não é mais do que o simulacro. Assim, mais próximo de Deus, o homem é mais perfeito; detém o poder sobre a mulher assim como sobre todas as outras criaturas; sua sabedoria confere-lhe mais dignidade; é também mais terno, pelo amor que tem por aquela que ele tem a missão de dirigir.

E é no século XII que a expansão das práticas da penitência interna torna mais urgente a pergunta: o que é o pecado? Onde ele está? Na mulher mais que no homem, respondem os eruditos: lede a Bíblia. Deus criou o homem à sua imagem, a mulher, de uma parte mínima do corpo do homem, como uma impressão sua ou, antes, um reflexo. Apenas o homem está em situação de agir. A mulher, passiva, tem os movimentos comandados pelos de seu companheiro. Essa é a ordem, primordial. Essas certezas são apoiadas na leitura do texto bíblico. Elas dão sustentação à ação dos padres para afastar do mal a sociedade leiga.

Como são os homens que dominam e agem, os reformadores preocupam-se antes de mais nada em ajudá-los, considerando-os, de agora em diante, como estando claramente divididos em duas categorias, a dos religiosos, assexuados, e a dos sexuados. Para eles, na origem de toda transgressão da lei divina encontra-se o sexo. O pecado capital é o da carne.

A grande maioria das religiões, sempre preocupada com a elevação da alma, nunca soube muito bem o que fazer com o corpo. A preocupação do sexo é a manutenção da vida carnal. Nada a ver com a sublimação proposta pela religião, o sexo valoriza o instante ao invés da eternidade, o físico ao invés do espiritual, o imperfeito ao invés do perfeito. As sociedades matriarcais sempre encaram melhor essa contradição do sexo. A Terra, afinal, é útero (dela nasce a vida) e sepulcro (a ela retornam os mortos). Daí o sexo ser interdito para várias religiões e a arte erótica sempre ter sido razão de polêmica. Além de tentar provocar excitação sexual, a arte erótica tenta reproduzir, em imagens, os objetos do desejo humano. Ou reproduzir, meramente, o ato sexual. A religião confina a sexualidade à zona do secreto, criando a culpabilidade, a proibição. A essa zona onde a proibição dá ao ato proibido uma claridade opaca, ao mesmo tempo “sinistra e divina”, claridade lúgubre que é a da “obscenidade” e do “crime”, e também a da religião.

#### **Poder da Igreja de banir as mulheres (4) - 2009**

posted by Gutemberg @ 5:28 AM 0 Comentários [links to this post](#)

Uma importante reflexão sobre os diversos fundamentalismos presentes na sociedade moderna e suas conseqüências na vida das mulheres está no livro da teóloga feminista Nancy Cardoso Pereira, “Palavras...se feitas de carne – leitura feminista e crítica dos fundamentalismos”. O fundamentalismo religioso tem como resultado o impedimento do fortalecimento do Estado democrático e o exercício da cidadania plena de todas as pessoas, em especial das mulheres. As igrejas deixam pouca ou nenhuma margem de diálogos aos seus/suas fiéis para tomarem decisões em relação às questões morais, que envolvem a obrigatoriedade do celibato, a vivência da sexualidade, a autonomia no controle cada reprodução, a indissolubilidade do casamento, entre outros.



O livro aborda, além do religioso, os aspectos econômicos, políticos e geopolíticos das ações fundamentadas na tradição e suas consequências nas formatações de poder na sociedade contemporânea. A obra também fez a relação entre tais consequências e a luta feminista, travada por mulheres que brigam, por exemplo, por direitos sexuais e reprodutivos, barrados nas argumentações do fundamentalismo. No livro Nancy Pereira diz como o fundamentalismo está presente na espinha dorsal do império norte-americano e no próprio cristianismo ocidental, que chegou ao Brasil através dos colonizadores. A teóloga também discute a relação incestuosa entre o cristianismo e o modelo de civilização ocidental construído nos alicerces do capitalismo.

“Cinco mulheres morrem no Brasil a cada dia em abortos clandestinos (pelo menos). Na América Latina são 46 a cada dia. No mundo todo, a cada dia, morrem 500 mulheres. Morrem de abandono e medo. Morrem porque ousam decidir. Morrem pela redução de argumentos éticos. Morrem pelas trocas de poder e influência entre Estado e Igrejas. Como se já não bastassem a fome, o desemprego, a doença e o desespero de sobreviver. Morrem deste igrejismo estreito e repressivo incapaz do diálogo com as vivências concretas das mulheres. Morrem desse igrejismo disfarçado em políticas públicas do Estado. A igreja diz que é pecado. O Estado diz que é crime”. Para ela “o

fundamentalismo é a expressão majoritária do cristianismo: sexista, autoritário, elitista e moralista” (...) “A religião é uma das linguagens primárias com maior capacidade de mostrar e esconder, de negar a pertença da voz no balbucio da prece, de dissimular o ordinário no extraordinário das revelações”.

Ao longo dos séculos, a teologia vem contribuindo no reforço do amor como vocação das mulheres. “As culturas modernas formataram o feminino como uma predisposição natural para o amor e seus afazeres. Assim, as mulheres estão encurraladas na sensibilidade sem escolha e assimiladas num imaginário caótico e irracional, enquanto os homens ocupam o lugar supostamente confortável do sexo sem amor” (...) “A mulher participa da linguagem amorosa como vítima, como sedutora ou como impossibilidade (...) Assim, entre assexuadas ou corriqueiras (como as esposas/mães), o cristianismo disputa com o mito do amor romântico no ocidente o controle dos discursos sobre as mulheres. Permanecer numa posição inacessível continua sendo uma das tarefas que a cultura ocidental cristã designa para as mulheres. Presas nos discursos do amor (materno, romântico, aos pobres, ao sagrado, à família, etc) ou nos modelos da sensualidade devoradora as mulheres são mantidas numa passividade necessária para a manutenção da hegemonia masculina”.

E é o que observamos nos capítulos a seguir como a música, poesia, literatura, cinema, quadrinhos apresentam a mulher seja no erotismo ou na pornografia. Nos meios de comunicação de massa (no imaginário musical, da telenovela e da propaganda, entre outros) o mito feminino é mostrado como imagem controladora. É preciso uma leitura crítica e criativa sobre esse discurso para desvendar os comprometimentos e as armadilhas da linguagem religiosa que participa no reforço da miséria amorosa em que se encontram homens e mulheres e sua relação com os mecanismos de expropriação e opressão.

Os símbolos e imagens, metáforas e relações que habitam no imaginário popular a partir das tradições bíblicas é uma mescla entre homens e mulheres cheios de ordenações e danações em seus corpos pecadores e mortais, uma visão simplificada e que continua nos dias atuais. É preciso desenvolver uma reflexão maior sobre tudo isso.



## **ARS GRATIA ARS**

“A arte salvará o mundo” – Dostoievski - eis que da natureza do homem, como a natureza é a arte de Deus (Baylei)

## **ARTES POÉTICAS**

### **MULHER**

**À Mônica**

Então eu lhe tomei

Das mãos

E vi que eram

De porcelana fina.

Talvez da China.

As veias traçando-se em sutil desenho.

Eu compreendi,

A origem da mulher,

Na pólen celeste do mal-me-quer..

Então eu lhe abracei

O corpo

E vi que era

Tecido com fios de prata.

Do templo poundiana de Febo, em Pátara

As curvas delineando-se em inconsútil veneno.

Aí eu entendi,

O enigma da mulher,  
Na encruzilhada terrestre do bem-me-quer.

Então eu lhe pousei  
os lábios  
E vi que eram  
do mais puro marfim.  
Cheios de magia delfim.  
Os encantos insinuando-se em inútil lamento.  
E sucumbi,  
Ao conceito de mulher,  
Nos versos de Baudelaire.

*Paulo Timm – Olhos d Agua – 12/13 de agosto de 2002*

**VIDEO**

<HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/SAMUELBECKETTPAGE/VIDEOS/10152062297363131/?THEATER>

Agora, mais uma produção (um doc.) sobre o clitóris, q, certamente, merece  
uma postagem exclusiva - vamos

lá: <http://www.youtube.com/watch?v=suTWJ8t3lqE>



**[DOCUMENTÁRIO] - Clitóris, prazer proibido (Completo e Legendado)**

[www.youtube.com](http://www.youtube.com)

COMENTÁRIOS OFENSIVOS SERÃO DELETADOS!! O documentário inédito  
"Clitóris,

## **CINEMA**

<http://www.adorocinema.com> - <http://cadernodecinema.com.br>

<http://cinemacomrapadura.com.br/criticas/83074/kill-bill-volume-2-2004-83074/>

<http://www.museudocinema.com.br/>

<http://www.devotudoacinema.com.br/2013/08/de-olhos-bem-fechados.html>

<http://www.cinematca.gov.br/>

## **Toda mulher é meio Leila para sempre Diniz**

PERSONAGEM | 28 DE DEZEMBRO DE 2015 | por *Heloísa Iaconis* -

[helo.iaconis@hotmail.com](mailto:helo.iaconis@hotmail.com)

*"Toda mulher quer ser amada  
Toda mulher quer ser feliz  
Toda mulher se faz de coitada  
Toda mulher é meio Leila Diniz"*

Em sua música *Todas As Mulheres Do Mundo*, Rita Lee sintetiza, em poucos vocábulos embalados de ritmo, características marcantes de Leila Diniz: o ser feliz e o ser mulher. Leila, sem bandeiras partidárias ou ideológicas, defendeu, com o seu jeito espontâneo e natural, a alegria, o amor livre, a sexualidade feminina, a vida sem hipocrisia e a liberdade. "Leila acreditava na liberdade no sentido mais amplo: todo mundo tinha o direito de viver como



quisesse. Isso incluía não apenas a liberdade de chamar um homem para a cama, ter sete namorados por semana, escolher o pai de sua filha sem precisar casar com ele e ir à praia grávida e de biquíni – como também a liberdade de casar virgem, ser mulher de um homem só e fazer tudo segundo os velhos figurinos, se fosse isso o que a moça preferisse”, discorre Ruy Castro em seu livro *Ela é carioca – Uma enciclopédia de Ipanema*. Liberdade de ser quem se é, de escolher seguir os caminhos que acredita, de trilhar uma existência sem picuinhas repressivas, entende?

Leila nutria profundo respeito pelos sentimentos dos outros e por suas próprias convicções, cultivando habilidade ímpar e prazer em ter contato com gente. Professora, atriz, garota à frente de seu tempo, vedete, Rainha da Banda de Ipanema, Musa do Pasquim, revolucionária, Grávida do Ano, mito... Títulos e rótulos que, certamente, não findam as várias facetas da menina-mulher que, segundo Carlos Drummond de Andrade, “sem discurso nem requerimento soltou as mulheres de 20 anos presas no tronco de uma especial escravidão”. Em meio aos anos ferrenhos da ditadura, no seio de uma sociedade conservadora e repleta de preconceitos, Leila Diniz ensinou a todos “a arte de ser sem esconder o ser”, novamente nas palavras do poeta.

Personalidade marcante do Brasil das décadas de 60 e 70, peça chave envolta nas transformações ocorridas durante este efervescente período, Leila é um tesouro da História (com “h” maiúsculo sim senhor!) e da cultura brasileiras e, como tal, merece e deve ser lembrada, homenageada e contada, sempre, para as novas gerações. Janaína, filha de Leila Diniz, em um evento dedicado à sua mãe, em 1995, declarou: “(...) Quero falar uma coisa que tenho achado muito importante ultimamente: a gente tem mania de cultuar mitos de outros países e acho importante resgatar não só minha mãe, mas as pessoas importantes que a gente tem no nosso país, passar adiante a história da gente, do nosso povo”. Em uma Nação que, por vezes, amargura com a carência de memória e sofre sintomas do complexo de cachorro vira-lata apontado por Nelson Rodrigues, é essencial seguir o conselho de Janaína. Salienta-se: nada de pensar de maneira nacionalista extrema. O mundo comporta inúmeros símbolos brilhantes que, cada qual em sua área, possuem méritos mil. Apenas coloca-se aqui a necessidade da valorização dos que contribuíram (e, em muitos casos, continuam ajudando) para construir a riqueza tupiniquim. Afinal, o Brasil goza de uma “patota” de primeira linha que “é a glória” (utilizando duas das expressões eternizadas na boca de Leila). Sendo assim, aceita o convite para prosear sobre Leila Diniz?



## Leilas

1. Leila (a pequena baiana do carnaval) Diniz
2. Leila (Chebabi & Cherri) Diniz
3. Leila ("professorinha" uma porra; professora!) Diniz
4. Leila (Domingos e o início da atriz) Diniz
5. Leila (luz, câmera e diversão) Diniz
6. Leila (Todas as mulheres do mundo) Diniz
7. Leila (novelas, sim; e daí?) Diniz
8. Leila (\*\*O Pasquim\*\*) Diniz
9. Leila (censura e preconceito malditos!) Diniz
10. Leila (jurada, vedete... batalhadora) Diniz
11. Leila (praia, biquíni e gravidez) Diniz
12. Leila (mamãe cangurua) Diniz
13. Leila (morta de saudades) Diniz
14. Leila (cafuné do macaco e mil pérolas) Diniz
15. Leila (PARA SEMPRE!) Diniz

### **Leila (a pequena baiana do carnaval) Diniz**

25 de março de 1945: nasce, em Niterói, Leila Roque Diniz. O pai, Newton Diniz, era bancário, amante dos livros (Machado de Assis, José de Alencar, Castro Alves, Olavo Bilac, Gonçalves Dias, entre outros), apaixonado pelo carnaval, pelo Flamengo e pela MPB (Noel Rosa, Marília Batista, Aracy de Almeida, Dolores Duran e Elis Regina são alguns dos que habitavam a vitrola de Diniz). Despejava emoção ao ler *O navio negreiro* para os filhos e, ademais, era ateu e comunista, integrante do Partido. Em 1947, inclusive, durante o governo Dutra, foi preso e apanhou pra burro no cárcere. Carioca nascido no Méier em 1914, Newton era o filho do meio, entre os irmãos Dario e Lucy, de um maranhense pobre, Dario (o qual tornou-se oficial da Marinha), e Carlota, esta fruto da relação entre uma brasileira e um português. Newton Diniz representa uma grande influência para os seus filhos: o comportamento de Leila bebeu de certa essência paterna e, ainda pequenina, recebeu, de sua irmã Eli, o apelido de Leiluska, devido à presença do comunismo e de nomes russos na infância dos rebentos de Diniz.

A mãe de Leila, Ernestina, natural de Timbuí, Espírito Santo, era a filha do meio de sete irmãos. Professora de Educação Física, conheceu Newton Diniz quando ele foi trabalhar em uma agência do Banco do Brasil em Vitória. Ainda namorados, Ernestina engravidou de seu primeiro filho, Elio, em 1938 e, por isso, o casal foi morar em Campos. Após algum tempo, Diniz pediu transferência no emprego e a família passou a residir na Cidade Maravilhosa, no bairro de Cavalcanti, na casa dos pais dele, lugar no qual veio ao mundo Eli, a segunda filha, chamada também de Baby. Do subúrbio do Rio, os conjugues e os dois filhos mudaram-se para Icaraí, em Niterói, onde ganharam Leila. Engana-se, pois, quem suspeita que as trocas de lar parariam por aí.



Leila surgiu no bojo de um casamento em crise. Quando ela estava com sete meses, os pais se separaram. Ernestina, acometida por tuberculose, foi internada em um sanatório em Correias, distrito de Petrópolis, e lá ficou por dois longos anos. Diniz, logo, abrigou-se em uma pensão no Catete; Elio, com seis para sete anos, e Eli, com cinco para seis primaveras, foram matriculados em um colégio interno na Tijuca; Leila, ainda um bebezinho, ficou aos cuidados dos avós paternos, estabelecidos na casa de Cavalcanti. Depois de alguns meses, Newton conseguiu reunir os três filhos na residência de seus pais. Ernestina, por sua vez, teve a sua personalidade fortemente marcada pela estada no isolamento: perda a convivência com as crias, agarrou-se na religiosidade para enfrentar o sofrimento. Ao sair do sanatório, fixou-se em Santa Teresa, prestou um concurso público e arrematou uma vaga no Ministério da Fazenda, permanecendo nesse emprego até se aposentar.

Nessa altura, Newton Diniz, sozinho, conheceu Isaura da Costa Neves, professora primária cinco anos mais velha do que ele. Isaura apaixonou-se pelo bancário ao vê-lo discursar em um comício e, ao tomar nota da real situação civil do amado, casado e com três filhos (posteriormente, Diniz e Ernestina acertaram a separação legalmente), aceitou encarar a conjuntura. Filha caçula com quatro irmãos e um irmão, Isaura perdeu a figura paterna, um comerciante português, aos dois anos. Newton e Isaura foram morar, com os três rebentos dele, em um pequeno apartamento em Copacabana. Em 1949, aos 40 anos, Isaura dá à luz à Regina e, dois anos depois, nasce Lúcia. Note: maternidade considerada tardia, junção com um homem mais novo, o qual almejava o desquite do primeiro relacionamento e possuía três filhos: atitudes ousadas para o período. Na obra *Toda mulher é meio Leila Diniz*, da antropóloga Mirian Goldenberg, Lúcia ressalta o comportamento sexual de Isaura, também considerado raro para as mulheres desse tempo: "(...) Enquanto na nossa época as famílias eram muito reprimidas, o comportamento sexual da minha mãe e meu pai era muito solto, se agarravam, se beijavam, se acariciavam, era evidente que gostavam de trepar um com o outro, que tinham tesão". Regina acredita que as posturas de Isaura relatadas nas frases anteriores influenciaram Leila. Um adendo: em 1979, passados mais de trinta anos de união, Isaura e Newton casaram-se, finalmente, no civil.



Elio e Eli sofreram com a não aceitação de Isaura: a madrasta os tratava como “intrusos”. Diferenciação, aliás, que a senhora deixava explícita em uma “escala” entre as crianças: Regina, a preferida; Lígia; Leila, a filha do meio; Elio e, por fim, Baby. Os dois mais velhos, pois, não contando com o apoio paterno (Diniz era um tanto quanto submisso à companheira e omissos, características que, aliadas a outras, levaram-no ao suicídio em agosto de 1981), na adolescência, saíram de casa. Aos treze anos, Elio foi internado em um Colégio Militar e, aos dezessete, foi morar com a mãe biológica. Segundo ele, a gota d’água foi uma briga com Isaura por causa de uma banana que o menino comeria. Um ano depois da retirada do irmão, Baby é “expulsa” do lar, devido ao clima insustentável com a madrasta, e passa a residir com Ernestina. De acordo com Eli, Isaura nutria ciúmes do laço pai e filha.

Leila, ao contrário de Elio e Baby, foi adotada por Isaura, a qual a considerava sua mãe. Quando Ernestina foi alocada no sanatório, Leila tinha sete meses apenas. Por isso, não concebera, nesse período, lembranças da mãe biológica. Em um pacto de segredo, ela foi criada pensando ser filha de Isaura. Até que, na primeira metade de sua segunda década de vida, descobriu a verdade através de uma tia. Mesmo não sofrendo semelhante rejeição que a enfrentada por seus irmãos, não foi fácil para Leila a descoberta da verdade. Em um primeiro momento, a garota ficou indignada por ter crescido em um mar de não-ditos. Aos catorze anos, partiu de casa e abrigou-se em residências de amigas, não demorando muito para retornar ao lar. Aos quinze, foi embora novamente: morou alguns meses com Ernestina e cerca de dois anos na casa de sua tia Lucy, em Vila Isabel. Meio cigana, Leila habitou um bocado de lugares. Porém, como não chegou a brigar, de fato, com Isaura, fez as pazes e voltou. Só aos dezessete anos, quando foi residir com Domingos de Oliveira, deixou o domicílio parental definitivamente. Passados os tormentos da revelação acerca de sua filiação maternal, Leila somou mães: além da biológica e Isaura, a moça era adotada, um pouco, por mães de grandes amigas, por vizinhas, por sua tia Lucy e por sua avó paterna. No Dia das Mães, Leila dizia: “Putá que pariu, vou ter que dar uns dez presentes”. Sobre Ernestina e Isaura, disse certa vez: “A minha mãe de nascimento, a chamada puta que me pariu, mora em Santa Teresa. Eu fui criada por outra, minha madrasta, muito bacana também, gosto muito dela”.



A ligação de Leila com os irmãos era forte e carinhosa. Eli guarda a memória de Leila vestida de baiana em um carnaval: “Leila sempre teve uma alegria interior muito grande, era um traço dela. Lembro-me de que no carnaval meu pai adorava tocar pandeiro. Éramos muito pequenos e ele tinha o hábito de nos levar ao centro da cidade para ver o carnaval. Uma vez, a Leila começou a dançar vestida de baiana e juntou gente em volta porque ela fazia isso com muita graça, e de forma natural”. Outro traço da alegria que nasceu com a pequena carnavalesca: ao colocar Lígia, a caçula, para dormir, por exemplo, Leila fazia graça, como era o seu costume, e as duas riam com a história de Clarabela, episódio relato por Cláudia Cavalcante no livro *Leila Diniz*.

“Estava na janela  
fazendo pipi na panela  
quando chegou Clarabela  
e eu disse assim pra ela  
Clarabela, Clarabela,  
tome esse caldinho  
tome, está quentinho  
a tola  
tomou como uma rola  
num gole só,  
de uma vez  
nem esperou dizer três  
Chorei de tanto rir  
ri de tanto chorar  
Pois Clarabela tomou  
todo o xixi que eu fiz”.

[Voltar para o início](#)  
**Leila**  
**(Chebabi & Cherri)**  
**Diniz**

Aos dezesseis anos, Leila começou a fazer análise com o psicanalista Wilson Chebabi em uma época em que isso não era comum. Em uma busca pelo autoconhecimento, elaborando uma capacidade profunda de reflexão sobre si própria, ela levou o processo com extrema seriedade e comprometimento. Em entrevista concedida para Mirian Goldenberg, Chebabi tece comentários sobre a ex-paciente: "(...) O mergulho dentro de si mesmo para poder descobrir o que era verdadeiro e assumir as consequências de cada uma dessas descobertas. Isso é o que eu chamo de consistência, é o que eu chamo de um processo analítico consistente, seriedade consigo mesmo. Isso ela teve. Da imagem pública de Leila, eu admirava mais a coragem de rasgar o véu da hipocrisia, de falar o que todo mundo queria falar e não falava". Leila fez análise em dois momentos: dos 16 aos 19 anos, de 1961 a 1964, atendida no Instituto de Psiquiatria, no qual Chebabi só cobrava uma taxa simbólica; retornou em 1970, aos 25 anos, quando foi acompanhada por mais um ano. Ressalta-se que Leila, involuntariamente, quebra o estigma, o qual ronda a cabeça de alguns até hoje, de que "análise é coisa de louco" (sendo esta uma afirmação infeliz e errônea).



A partir dos treze anos, Leila deu o pontapé inicial em um hábito que manteria para o resto de sua vida: escrever em seus diários, mais uma maneira de viajar ao centro de si e procurar o entendimento do eu. Em um dos locais que morou, na Anita Garibaldi, 80, havia uma janela que dava para um morro, o qual Leila dizia que parecia um urso sentado. Apelidou o urso de Cherri e, em seus escritos, conversava com ele. A garota encontrou um espaço para desabafar e organizar as próprias ideias. "Leila escrevia todo dia e assinava com um desenho (um círculo com um ponto no meio). Isso simbolizava sua busca pela essência de si mesma", revelou a atriz Marieta Severo em entrevista à revista *Cláudia*, em junho de 1982.

[Voltar para o início](#)

**Leila**  
**(“professorinha” uma porra; professora!)**  
**Diniz**

Quando tinha quinze anos, Leila foi trabalhar na escola maternal Ciro Meirelles, uma espécie de jardim da infância. Certa vez, um aluno disparou para ela: "Sua bunda!". As outras crianças ficaram apreensivas, esperando a reação da professora. Leila riu e devolveu: "Bunda é você, seu cocô!". Diante do menino, adaptou os seus palavrões para a semântica infantil. Ao tratar, com naturalidade, termos como "bunda", "cocô" e "xixi" (Leila cantava a música da Clarabela para os pequenos), tais palavras deixavam de ser exóticas, mostrando um acerto na didática da jovem educadora. Leila acreditava em uma educação que dessa liberdade para as crianças e, nesse âmbito, escancarar a língua era intuitivo para ela. Importante lembrar que, em 1959, Paulo Freire desenvolvera um método de educação popular, o qual rogava por uma "alfabetização pela conscientização". Iracema Meirelles, dona da escola, imbuída desses pensamentos, criou uma técnica denominada "Casinha Feliz", a qual enfatizava um processo fonético de alfabetização, rompendo com o modelo tradicional e, por vezes, robotizado. Dentro dessa esfera, Leila procurava encaixar o novo método através de teatros e outras atividades

lúdicas, de forma viva e animada, sempre priorizando a liberdade dos educandos mirins.



Leila fez um curso de aperfeiçoamento no Ministério da Educação e, no lugar da formação em pedagogia que lhe faltava, priorizava o binômio vontade de ensinar e personalidade. Em sua sala, por exemplo, não havia a mesa da professora. Leitora do educador escocês Alexander Sutherland Neill, Leila concordava com ele que sem liberdade não se criam pessoas felizes. Aliás, uma edição de *Liberdade sem medo*, obra na qual consta as propostas de Neill, foi toda anotada por Diniz (peça esta que se encontra, hoje, em poder da família dela). A. S. Neill, em Summerhill, na Inglaterra, utilizou o rock como ferramenta pedagógica e estimulou a liberdade de escolha e a responsabilidade dos estudantes. Leila, assim como Neill, apostava na emoção como uma excelente maneira de obter conhecimento e, em Vila Isabel, aplicou também a sua educação libertária no jardim de infância Papai Noel. Ela instituiu a troca de merendas na turma e dava Coca-Cola para as crianças, já que estas não gostavam do leite que carregavam em suas lancheiras. De acordo com Eli, a irmã sonhava com uma escola que desse amor para os pequenos, sem regras paranoicas. Leila foi, pois, uma professora de fato e, não, uma “professorinha”.



Atualmente, a dinâmica educacional de Leila causava temores na direção da escola Papai Noel. A gota d'água, aponta Joaquim Ferreira dos Santos em *Perfis brasileiros – Leila Diniz*, deu-se quando Leila aceitou uma menina com síndrome de Down em sua turma. A diretora, alegando pressão por parte de pais de outros alunos, pediu para que a garota não fizesse parte do grupo. Leila argumentou que os coleguinhas tinham aceito a nova integrante e, além disso, no contexto do método aplicado, a menina se desenvolveria pedagogicamente. Mas, a garotinha saiu do colégio recreativo e, solidária e indignada, Leila também foi embora. Em seu último dia, a professora apresentou os alunos com brinquedinhos.

[Voltar para o início](#)

### Leila (Domingos e o início da atriz) Diniz

Em uma de suas famosas festas, no Natal, Domingos de Oliveira recebeu uma convidada inesperada: uma moça de dezesseis para dezessete anos. Era Leila Diniz, de maria-chiquinha, que batia na porta. Como a sua família não comemorava a data, a garota estava livre e resolveu ancorar no apartamento de Domingos. Ela já tinha visto o rapaz no teatro (o seu então namorado, Luís Eduardo, atuava em uma peça de Domingos intitulada *Somos todos do jardim de infância*). Quando a menina chegou, ele estava de saída e a festa só começaria mais tarde. Leila, então, ficou embrulhando presentes.

Durante a comemoração, Leila e Domingos mal se viram. Após a agitação, quando o dia já estava amanhecendo, ele levou amigos de volta para Copacabana e, ao voltar, em meio à residência destruída pela bagunça do festejo, percebeu que Leila ainda estava lá. Ambos cansados e querendo dormir... por que não cochilarem juntos? Formou-se, assim, o casal Leila Diniz e Domingos de Oliveira, uma espécie de **Brigitte Bardot** e Roger Vadim brasileiros. Aos dezessete anos, Leila residia sob o mesmo teto de Domingos, saindo da casa paterna definitivamente.

No primeiro um ano e meio de relacionamento, Leila exercia o ofício de professora, estudava à noite e, para ajudar na parca renda doméstica, trabalhou em uma agência de modelos, participando de anúncios publicitários e figurações em filmes. Através da agência, fez pontas televisivas no Grande Teatro Tupi, Teatrinho Trol e outros. Frequentando o Colégio Souza Aguiar, em Vila Isabel, no período noturno, entretanto, abandonou no segundo ano clássico, já que trocava as aulas por barzinhos, amigos e poesia.





O vínculo de Leila com as crianças faz-se presente em seus primeiros contatos com o mundo artístico: em 1962, ela estreou no teatro com *Em busca do tesouro*, peça infantil dirigida por Domingos de Oliveira, no papel de uma onça boazinha. No longa *Mitt hem är Copacabana* (*Fábula... Minha casa em Copacabana*, 1965), o qual o sueco Arne Sucksdorff gravava no Rio de Janeiro, Leila também entrou em contato com os guris: a moça ficou responsável por cuidar dos pimpolhos do elenco. A película em questão retrata “a vida de quatro crianças faveladas que circulam entre o morro e a praia de Copacabana e sobrevivem através de biscates”. Os pequeninos foram alojados em um apartamento e Leila cuidava deles, brincava, fazia jogral, levava-os à praia e ao cinema. Cosme dos Santos, ator que compunha o time de crianças, relembrou, em depoimento para o livro *Leila Diniz* (compilação elaborada devido à *Mostra Leila Diniz*, homenagem feita pelo Centro Cultural Banco do Brasil em 2002), o contato que teve com Leila na infância: “A Leila era muito engraçada, era uma criança, sentava no chão junto com a gente e fazia brincadeiras que nunca tínhamos visto. Nos apegamos muito a ela e quando ela saiu fizemos quase um motim, dizendo que só ficávamos com a Leila”. Tida como uma amiga-mãe, Leila retirou-se do convívio com os mocinhos para dedicar-se a outros projetos de sua carreira.

Em 1963, a protagonista deste texto foi corista no teatro rebolado de Carlos Machado. No ano de 1964, ela fez um papel no teatro considerado sério, ao lado da atriz Cacilda Becker, no espetáculo *O preço de um homem*. Pertinente destacar a análise feita pela antropóloga Miriam Goldenberg acerca dos estilos de atuação de Leila e de Cacilda. A Dama do Teatro interiorizou padrões de excelência europeus, investindo muito tempo e esforço na construção de sua carreira como atriz. Já Leila utilizava bastante de sua intuição e de sua personalidade na construção de seus personagens. Goldenberg considera Leila uma atriz “autobiográfica”: “Leila Diniz lembra o trabalho como diversão, prazer, irreverência; Cacilda, o teatro como devoção, autoadoação, imolação, sofrimento”, escreve a antropóloga. Para muitos, o principal papel de Leila foi na vida.

[Voltar para o início](#)

**Leila**  
**(luz, câmera e diversão)**  
**Diniz**

Leila amava trabalhar no cinema. A película *Todas as mulheres do mundo* (1967), obra de Domingos de Oliveira, ex-marido da atriz, é considerada o seu grande sucesso nas telonas. Por isso, o filme citado possui, logo abaixo, um tópico dedicado só a ele. Em uma entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, em 07/02/1968, Leila chegou a declarar que estava pensando em deixar de fazer novelas e dedicar-se, exclusivamente, ao universo cinematográfico. “O cinema para mim, atualmente, é o que conta”, ponderou. Tal fala corrobora a primeira frase deste parágrafo.

Engana-se quem pensa que a personagem Maria Alice foi o primeiro papel de Leila no cinema. Antes do estouro da poesia-declaração de Domingos em formato de fita, ela participou de *O mundo alegre de Helô* (1966) e um dos episódios de *Jogo perigoso* (*Juego peligroso*, 1966).

Leila atuou em catorze filmes e passou por terrenos diferentes: dialogou com diretores consagrados do **Cinema Novo** e fez um filme de cangaço; teve pequenas participações e, em outros casos, destacou-se como protagonista. O que ela levava em conta quando aceitava um papel? A “patota” (os colegas que estariam com ela em determinada empreitada), a convivência humana que ela poderia ganhar em certo trabalho. Em alguns longas, por exemplo, não cobrou cachê por sua participação: sabia que o diretor não tinha dinheiro e, devido ao grupo que estava envolvido na obra, trabalhava de graça, privilegiando, sempre, a experiência humana e a diversão. Conheça, pois, um pouquinho da trajetória cinematográfica de Leila Diniz:

- *O mundo alegre de Helô* (1966): “No ambiente da alta burguesia, o jovem estudante de arquitetura Nando conhece Helô numa festa, eles começam a namorar. As intrigas de Freddy, um amigo que está interessado em Helô, e as decepções com o comportamento sexual da mãe levam Nando a ter ciúmes da namorada. Tudo se complica mais quando Helô descobre estar grávida”. Fita de Carlos Alberto de Souza Barros, Leila tem um papel diminuto. No entanto, como conta Luís Pellegrini, protagonista da película, a presença dela era total. “Ela era irrequieta e se movia sem parar, na conversa com todo mundo, do diretor ao mais humilde maquinista”. Segundo Pellegrini, a produção inteira se apaixonou pela atriz, inclusive ele. “Como não se apaixonar por Leila? Num dia particularmente cansativo e difícil, resolvi dar uma de estrela e fui sentar emburrado num canto escondido no fundo do estúdio. Frustração. Ninguém tomou o menor conhecimento, salvo Leila. Ela foi se aproximando por trás, como quem não quer nada. Senti duas mãos que se puseram a passear macias por entre meus cabelos e sua voz me perguntava: “Luizito, você tá dodói?”. Me desmanchei como um gato e só consegui responder: “Leila, eu adoro cafuné”. E ela então me presenteou com um dos seus refrãos preferidos: “Cafuné? Até de macaco!”, recorda Luís Pellegrini.

- *Jogo perigoso* (*Juego peligroso*, 1966): “Longa-metragem composto por dois episódios, “HO” e “Divertimento”. Este último narra a história de uma mulher que mata a esposa de seu amante, um *playboy*, e todos aqueles que se intrometerem na relação de ambos”. Co-produção México-Brasil, Leila participou do episódio *Divertimento*, dirigido por Luiz Alcoriza, no papel de uma servente.

- *Mineirinho, vivo ou morto* (1967): “A trama inspira-se em notícias da crônica policial sobre a vida de José Rosa de Miranda. Após matar acidentalmente o bandido Arubinha, José, que mora num morro carioca, é transformado pela imprensa sensacionalista em perigoso bandido, apelidado Mineirinho. Procurado pela polícia e por marginais ligados a Arubinha, ele acaba por efetivamente entrar na vida do crime participando de assaltos”. No contexto da obra dirigida por Aurélio Teixeira, Braz Chediak, o qual colaborou com Teixeira no roteiro do filme, lembra de Leila dormindo em uma escadaria na estação de Mangueira. O cansaço era resultado do fato de Leila, além de atuar, ajudar a equipe de muitas formas, como preparando sanduíches de mortadela para todos. “Quase da mesma idade que ela e trabalhando no mesmo meio, era natural que nos encontrássemos sempre. E várias vezes eu a vi aconselhando jovens atrizes e atores. Mostrando caminhos e incentivando-os a batalhar, batalhar, batalhar. Leila era uma batalhadora”, destacada Chediak. Para ele, a paixão de Leila foi o cinema e acredita que ela foi correspondida.

- *O homem nu* (1967): “O professor Sílvio Proença prepara-se para ir do Rio a São Paulo, mas fica preso no aeroporto devido às condições meteorológicas. Eis que encontra um grupo de sambistas e junta-se a ele numa farra. No dia seguinte, após acordar no apartamento da bela cantora do grupo, ele vai pegar o leite e fica do lado de fora nu, começando suas desventuras pela cidade”. Dirigido por Roberto Santos, o longa é baseado em uma crônica de Fernando Sabino. Hélio Silva, fotógrafo do filme, enfatizou, em um depoimento, a presença marcante e a seriedade de Leila enquanto ela estava exercendo a sua profissão.

- *Edu coração de ouro* (1967): “O dia a dia de um jovem carioca de classe média e do seu grupo de amigos. Edu, que reside em Ipanema, não tem compromisso com a vida. Passa os dias flinando pelas ruas atrás das mulheres e buscando aproveitar todos os instantes da forma mais prazerosa possível”. Na película de Domingos de Oliveira, Leila é Tatiana, par de Edu (Paulo José).



*Tatina (Leila Diniz) e Edu (Paulo José).*

- *A Madona de Cedro* (1968): “Delfino, instigado pelo amigo Adriano, colabora com uma quadrilha no roubo da Madona de Cedro em Congonhas do Campo. Após cometer o crime Delfino sente muito medo, sentimento que foge ao seu controle quando o grupo descobre ter roubado a cópia da relíquia e resolve devolvê-la, levando a população a acreditar de que se trata de um milagre”. Na fita de Carlos Coimbra, Leila faz Marta. Leonardo Villar, o qual atuou com Leila nesta obra, ressaltou: “Era uma profissional maravilhosa, uma atriz seríssima, pensávamos da mesma maneira. Ela só tinha a coragem para romper com certas coisas que nós não tivemos”. De acordo com Villar, no hotel em que a turma ficou hospedada era ponto de encontro das mocinhas da cidade. Porém, quando a Leila chegou, as meninas desapareceram, incluindo a filha do dono do local. O preconceito contra Leila, recorda o ator, era evidente. Todavia, as garotas tinham curiosidade em conhecer Leila Diniz. Durante uma filmagem, Leila trocou umas palavras com as mocinhas e, depois de três dias, todas estavam amigas da atriz. Leila, como fez muito durante a sua vida, venceu o preconceito.



- *Os paqueras* (1968): “Nonô, jovem conquistador de Copacabana, vive paquerando as garotas. Seu único amigo é o quarentão descasado Toledo, também um conquistador. Após várias confusões, devido ao seu hábito de dar em cima de mulheres casadas, Nonô começa a namorar Margareth, a filha de Toledo. Este, quando descobre, quer proibir o namoro e rompe com o antigo amigo”. Leila fez uma participação como ela mesma que, apesar de pequena, foi suficiente para que ela roubasse a cena em sua sequência em uma loja. Reginaldo Faria, diretor e ator do longa, discorre sobre a colega: “Chegou, encantou, criou a mística da poesia e depois desapareceu deixando saudades. Muitas saudades”.

- *Fome de amor* (1968): “Os recém-casados Felipe – um pintor oportunista – e Mariana – burguesa com pretensões políticas revolucionárias – voltam de Nova Iorque para o Brasil indo viver em Angra dos Reis, junto ao casal Ula e Alfredo, este último cego, surdo e mudo. Enquanto Mariana afasta-se progressivamente do mundo, Felipe e Ula tornam-se amantes. Filme de forte teor alegórico sobre o momento político e social então vivido pelo país”. Na película de Nelson Pereira dos Santos, Leila interpretou Ula. Dib Lufti, fotógrafo da obra, realça três aspectos de Leila: ela dizia com os olhos (“vivos, presentes, sensuais”), demonstrava todo o seu prazer com a vida nas menores coisas e sempre estava com um sorriso estampado no rosto.

- *Corisco, o diabo loiro* (1969): “Cristino é obrigado a matar um homem, tendo então de fugir para longe a fim de não ser preso. Perseguido por um delegado, Cristino torna-se cangaceiro entrando para o bando de Lampião e adota a alcunha de Corisco. Já integrado ao bando ele rapta Dadá, que o odeia muito tempo, mas ela acaba se apaixonando e vivendo no sertão com o cangaceiro por doze anos”. O ponto curioso da atuação de Leila neste filme de Carlos Coimbra é o fato dela ter convivido com Dadá para retratá-las nas telonas. “Leila inculcou na personagem cinematográfica uma veracidade humana tão intensa que a própria biografada reconheceu e aplaudiu entusiasticamente”, rememora Coimbra. O diretor completa: “Com indomável determinação de independência, obstinada dedicação a sua carreira, lealdade e transparência de comportamento, tornou-se espontaneamente um símbolo da mulher brasileira de vanguarda para o seu tempo de avanço e pioneirismo. Leila renunciava um futuro glorioso e consagrador, como artista e como mulher. Infelizmente foi-nos arrebatada muito precocemente, interrompendo uma carreira em plena fase de crescimento e maturidade. Serei imensamente feliz se *Corisco, o diabo loiro* puder contribuir – pouco que seja – para consolidar

mais ainda, entre nós e a nova geração, a perpetuação da personalidade adoravelmente humana e autêntica que foi a nossa inesquecível Leila Diniz”.

- *Azyllo muito louco* (1969): “No século XIX Simão Bacamarte vai para a cidadezinha de Serafim, onde interna grande parte dos moradores no hospício denominado Casa Grande, exercendo um poder aterrorizante sobre a população. O boticário Crispim, o fazendeiro Porfírio e o capitão da guarda revoltam-se contra os métodos do alienista, um juiz de paz é chamado para dirimir o caso e resolve pela soltura dos “loucos” e prisão dos nobres. Ao cabo de novas crises apenas Simão Bacamarte é internado como louco”. Com direção de Nelson Pereira dos Santos, a fita inspirada no conto *O alienista*, de Machado de Assis, presenteou Leila com o papel de Eudóxia. “Minha saúde mental é perfeita, eu não evito o amor nunca”, repete a personagem.

- *Mãos vazias* (1971): “No interior de Minas Gerais, uma mulher de origem burguesa que vive à sombra do marido perde o filho e se revolta contra os costumes tradicionais da sua pequena cidade. Neste processo de libertação, ela acaba se defrontando com uma tragédia”. Para que o seu amigo de longa data, Luiz Carlos Lacerda, realizasse o seu filme, Leila conseguiu com Jece Valadão o pagamento do laboratório e a edição, vendeu um fusca e aceitou um papel em uma novela em São Paulo.

- *O donzelo* (1971): “Nestor vive numa pequena cidade do interior e ainda é virgem, seu pai então resolve iniciá-lo sexualmente com a prostituta da localidade. Entretanto, ele fracassa quando do encontro, envergonhando a família que resolve expulsá-lo de casa. Nestor muda-se para o Rio de Janeiro onde busca desvirginar, mas suas várias tentativas sempre esbarram nas mais diferentes dificuldades”. Em um primeiro momento, o papel que Stefan Wohl (diretor e roteirista) e Flávio Migliaccio (roteirista e ator) ofereceram para Leila não a agradou. Os dois, pois, remodelaram a proposta: por que não filmar o dia a dia de Leila? A atriz, por sua vez, sorriu ao saber que seria ela mesma.

- *Amor, carnaval e sonhos* (1972): “Na véspera do carnaval Leila pede um milagre: arranjar um homem. Eis que acontece o milagre, na figura do malandro que entra pela janela e começa o carnaval. Seguem-se diferentes situações ficcionais tendo como pano de fundo o carnaval seja na rua – por exemplo, o desfile do bloco do Cacique de Ramos – seja no tradicional baile do Teatro Municipal”. Última película na qual Leila se envolveu, possui direção de Paulo César Saraceni. O diretor guarda boas lembranças: “No carnaval de 1972, tive a honra de filmar Leila Diniz. Leila vestida de pirata Rum Merino, amamentando Janaína. Enquanto Marco Bottino preparava a luz, eu ensaiava a fala dela com a imagem da santa”.

[Voltar para o início](#)

## Leila (novelas, sim; e daí?) Diniz

Leila não tinha preconceito contra a televisão: pelo contrário, divertia-se, muitas vezes, fazendo novelas. Interpretava textos de Glória Magadan (notável novelista da época) e de Shakespeare com semelhante disposição. “Ela fazia novela sem nenhum problema. Nem passava pela cabeça dela deixar de fazer alguma coisa porque ia ser criticada por A, B ou C. Ela não deixava de fazer uma coisa que estava com vontade por causa de pressões externas, de qualquer natureza. Ela tinha uma personalidade admirável sob esse aspecto”, expõe Eli no livro *Toda mulher é meio Leila Diniz*.

Entre todos os papéis que Leila fez em novelas, destaca-se Madelon, personagem de *O sheik de Agadir* (1966), enorme sucesso de Glória Magadan na TV Globo. No elenco, Henrique Martins, com quem Leila viveu um romance na vida real, e Marieta Severo, a qual tornou-se sua grande amiga. “A Madelon era um personagem simpaticíssimo, de que todo mundo gostava. Era uma guerra, e ela era simpatizante dos aliados e ajudava as pessoas. O personagem dela mais amado foi a Madelon, todo mundo ficava encantado com a Madelon”, reavive Lígia em conversa com Mirian Goldenberg. A atriz Irene Ravache, também em declarações publicadas por Goldenberg, coloca que Leila ensinou aos atores como ter uma boa relação com toda a equipe técnica.

A seguir, uma lista com as produções televisivas nas quais Leila participou (as datas foram extraídas da obra *Leila Diniz*, da coleção “*Biblioteca Época – Personagens que marcaram época*”): *Ilusões perdidas* (1965, TV Globo); *Paixão de outono* (1965, TV Globo); *Um rosto de mulher* (1966, TV Globo); *Eu compro essa mulher* (1966, TV Globo); *O sheik de Agadir* (1966, TV Globo); *Anastácia, a mulher sem destino* (1967, TV Globo); *A rainha louca* (1967, TV

Globo); *O direito dos filhos* (1968, TV Excelsior); *Acorrentados* (1969, TV Rio); *Vidas em conflito* (1969, TV Excelsior); *Dez vidas* (1969, TV Excelsior); *E nós, aonde vamos?* (1970, TV Tupi).



[Voltar para o início](#)

**Leila**  
**(\*\*\*O Pasquim\*\*\*)**  
**Diniz**

Certa vez, em 1969, no meio de uma conversa, o ator Paulo César Pereio disse que a publicação dirigida por Tarso de Castro, *O Pasquim*, tinha se transformado em um “Clube do Bolinha”. Isso porque, dos vinte e um números publicados até então, as únicas mulheres entrevistadas tinham sido Maysa, Norma Bengell, Florinda Bolkan, Danuza Leão e Maria Bethânia. O resto, tudo homem. Tem-se, pois, a ideia de conversar com Leila Diniz. Outros nomes tinham sido cogitados para serem abordados antes da atriz, mas, como ela aceitou prontamente o convite, a entrevista foi marcada. Surge, assim, um marco na vida de Leila, na história das mulheres brasileiras e no jornalismo.

“Leila Diniz morava sozinha na avenida Ataulfo de Paiva, no edifício My Rose, no Leblon. Percorreu a pé meia dúzia de quadras para chegar, por volta das quatro da tarde daquele sábado, à casa de Tarso, na Paul Redfern, em Ipanema, onde seria feita a entrevista do *Pasquim*”, relata Joaquim Ferreira dos Santos em seu livro *Perfis brasileiros: Leila Diniz*. Leila foi, simplesmente, Leila: sem meias palavras, direta, sincera, com palavrões (que, proferidos por ela, não eram nada vulgares), defendeu, através de suas respostas destemidas, o que acreditava: o amor livre, a felicidade, a busca do prazer, a liberdade, sem pudores ou amarras sociais. Um ato de plena coragem em meio a um cenário envolvido pelos anos de chumbo ditatoriais e pela prisão feminina fantasiada de “uma mulher direita não faz isso, não diz isso, não é isso”. Na capa da edição, que bateu recordes de vendas com 117 mil exemplares, Leila aparece de toalha enrolada na cabeça, exalando naturalidade.

Tarso sabia, porém, que não seria possível transcrever os palavrões de Leila na íntegra com o AI-5 em vigor. Ele já tinha tido problemas com a censura devido a um “tesão” dito por Maria Bethânia e estampado, na terceira edição do periódico, com as cinco letras e o til. Esperto, encontrou uma maneira de não publicar os palavrões e, ao mesmo tempo, aumentar ainda mais a carga expressiva das frases de Leila: no lugar de cada palavrão, foi colocado um asterisco. 72 estrelinhas formaram uma Via Láctea comportamental repleta de ideias avançadas para a época, um universo que desestabilizou a sociedade patriarcal, machista e de morais duvidosas. “Seu depoimento é o de uma moça de 23 anos que sabe o que quer e que conquistou a independência na hora em que decidiu fazer isso. Leila é a imagem da alegria e da liberdade, coisa que só é possível quando o falso moralismo é posto de lado”, alerta a

introdução da entrevista.



Abaixo, algumas das respostas dadas por Leila acerca de alguns dos tópicos abordados pela “patota” d’ *OPasquim*.

A união com Domingos de Oliveira e o começo da carreira de atriz: “Todo mundo pensa que, de repente, o Domingos botou essa mulherzinha lá pra trabalhar e foi a glória da vida. E realmente o Domingos foi a glória da vida, foi porreta paca eu fazer o filme. Mas antes eu fiz dois filmes: aquele alucinante *O Mundo Alegre de Helô* e um da Sílvia Piñal, do Alcoriza”. Leila coloca que, em sua opinião, a separação de Domingos foi a melhor decisão, pois desmembrados estariam “salvando um amor”.

Cinema, televisão e teatro: Para ela, “cinema é a glória”. “Eu gosto pra (\*) de fazer novela e de fazer cinema”, afirmou. Já sobre teatro, disparou: “Acho que teatro é um saco. Mas não posso dizer isso porque nunca fiz um troço porreta em teatro”. Leila não adorava “aquela coisa de fazer toda noite aquela coisa”. “O que acho bacana em cinema e televisão é isso: eu me divirto muito trabalhando. Geralmente, faço uma zona incrível onde eu trabalho, e trabalho sempre com gente que eu gosto. O meu critério de escolha é esse: eu não escolho por peça, autor, diretor ou papel. Escolho pela patota e pelo que eu gosto. Por exemplo: fiz um filme de cangaceiro agora e muita gente disse: que é isso Leila, filme de cangaço, troço cafona, você é louca. Pois foi a glória da vida. Eu tinha a maior (\*) de fazer um filme de cangaço. Achei sensacional”, completou.

Casos e casamento: Envoltas por vários questionamentos acerca de seu relacionamento com Domingos de Oliveira, Leila, inevitavelmente, também respondeu sobre um possível novo casamento e os seus casos após a separação do diretor. Para uma pergunta esperada, uma resposta curta e extremamente ousada para o período: “Casos, mil; casadinha nenhuma. Na minha caminha, dorme algumas noites, mais nada. Nada de estabilidade”.

Assédio sexual no mundo televisivo: Leila reclamou de haver poucas emissoras disponíveis para o trabalho em novelas (imagina se ela visse como está a situação hoje em dia?). “O mercado de trabalho é muito pequeno. Se você vai à TV Globo, eles dizem isso pra você: tem vinte atores pra fazer o teu papel. Se você não aceitar por x, (\*-se), porque sempre tem um que está morrendo de fome e vai aceitar. E aí tem de falar do Brasil, não é? E daí é (\*), não pode, não é?”, falou. Sobre o assédio sexual no âmbito da televisão, expôs sem panos quentes, como sempre, o quadro: “Pra entrar lá, você tem de (\*) pra todo mundo. Ou então você tem de ser muito inteligente de arranjar um jeito, sei lá”. Ponderou que, anteriormente, a situação era pior: “Não está tanto mais assim, não. Já estive muito. A mim, nunca quiseram, porque eu mando logo tomar no (\*). Quando eu quero, eu vou com o cara”. Ainda pontuou o quanto detestava a paparicação e o “fazer social” que andavam tão em voga no meio.



Professora e crianças: Leila deixou claro o seu amor por crianças: “Gostaria de ter uns vinte filhos pra fazer minha escolinha em casa”. Fez questão de corrigir ao ser chamada, três ou quatro vezes, de “professorinha”: “professorinha uma (\*). Fui professora”. Apesar do seu amor por crianças e pelo ensino, declarou que seria difícil voltar a ser educadora: “Eu deixei de ser professora por covardia porque eu tinha que brigar muito com os pais e com os diretores do colégio. Porque eu não estava em Summerhill, não, mas em minha sala cada um fazia o que queria”.

Censura: Perguntada se admitia censura a uma obra de arte, Leila foi categórica: “Pô, Tarso: de jeito nenhum. Foi o que eu perguntei aos censores: que tipo de preparo tem uma pessoa que vai julgar e censurar uma obra de arte? Eu não teria coragem de ser censor. Se eu fosse julgar uma obra de arte, eu teria que ser uma pessoa inteligentíssima, cultíssima, muito humana e muito por dentro das coisas. Censura é ridículo, não tem sentido nenhum. Do jeito que é feita, inclusive, não tem nenhuma noção de justiça, cultura, nem nada. Foi julgada e censurada uma peça de Sófocles, lá no Teatro do Rio, não foi? É um absurdo. Procuraram até o Sófocles. Aí é fogo. Acaba qualquer papo”.

Instituto Nacional de Cinema (INC): Leila afirmou que o INC não fazia nada pelo cinema brasileiro e tinha, por exemplo, preconceito contra o Cinema Novo. “A gente está lutando por essa lei para aumentar as semanas de filme nacional e os caras (\*) e andam, nem querem saber. Só isso já dá pra eu saber que os caras não estão interessados em que nosso cinema se desenvolva. Eles só estão a fim de que sejam vendidos, vistos e apreciados os filmes estrangeiros. Logo, eles são uns filhos da (\*)”, problematizou. (Ainda hoje, quantos filhos da (\*))



dessa espécie continuam existindo, não é mesmo?).

Psicanálise e palavrão: Sobre a análise que fez, Leila não quis dá muita corda na entrevista. Disse que adiantou bastante para ela e que, talvez, a psicanálise a tenha dado mais segurança. Sobre os palavrões, disse que, para ela, era algo normal e gostoso. “Quando ouvi um pedaço dessa gravação, fiquei até um pouco chocada, mas quando eu falo eu não sinto que estou dizendo palavrão”, admitiu. “Mas o palavrão virou verdade em mim, e quando as coisas são verdade, as pessoas aceitam”, arrematou Leila.



Virgindade, sexo, amor e fidelidade: Leila revelou que deixou de ser virgem “de quinze pra dezesseis anos”. Em sua opinião, não há idade certa para ter a primeira relação sexual: “Você deixa de ser virgem quando está com vontade. Eu estava. Não deixei antes porque meu namoradinho não quis, ficou com medo”. O primeiro homem, entretanto, não foi o namorado desse período: o primeiro foi, apenas, o primeiro. Leila declarou que esperava amar muitos homens ainda. “Vou amar sempre”, enfatizou. “Eu acho bacana ir pra cama. Eu gosto muito, desde que dê aquela coisa de olho e pele que já falei. Agora, sobre o amor, eu não acredito nesse amor possessivo e acho chato. Você pode amar muito uma pessoa e ir pra cama com outra. Isso já aconteceu comigo”, pontuou Leila. Ela disse não ser contra a fidelidade: “Quando o negócio está bacana, geralmente sou fiel. Quando eu estou com uma pessoa, eu fico muito ocupada com ela”. Quase no fim da conversa, sintetizou: “No fundo, eu sou uma mulher meiga, adoro amar, não quero brigar nunca, e queria mesmo é fazer amor sem parar”.

[Voltar para o início](#)

### **Leila (censura e preconceito malditos!)**

**Diniz**

Após a entrevista ao *O Pasquim*, Leila sofreu ainda mais com o preconceito vindo de pessoas que constituem uma parcela da sociedade disposta, sempre, a apontar o dedo para os outros. Vários são os exemplos de ocorrências preconceituosas para com a atriz, episódios que mostram o conservadorismo exacerbado enraizado no meio social de então e, concomitantemente, a força de Leila para enfrentar tudo isso. Muitos da direita a achavam uma “ameaça à sociedade”; uns tantos da esquerda, por sua vez, a rotulavam de “alienada”; as feministas mais exaltadas, nesse período, acreditavam que Leila fazia “o jogo dos homens”. Poucos, é certo, compreendiam a sua essência.

A escritora de novelas Janete Clair, depois do diretor da produção, Daniel Filho, ter chamado Leila para integrar a equipe de *Véu de noiva* (1969), vetou o nome da atriz. A justificativa? Segundo a novelista, em sua obra não havia papel de puta e, portanto, não tinha lugar para Leila. Outro triste acontecimento: devido aos poucos recursos financeiros, Leila aceitou participar do programa *Quem tem medo da verdade?*, famoso por apresentar uma bancada

que julgava os convidados em um “tribunal pautado pela moral e os bons costumes”. Leila foi massacrada ao vivo, condenada no juri-circo televisivo, o qual, de tanto pisotear a estrela, fez com que ela chorasse em frente às câmeras. A que ponto os produtores midiáticos chegam para conseguirem um resultado melhor no Ibope, não é? Audiência conquistada em cima de um falso moralismo hipócrita e que encontrou em Leila um alvo perfeito. O ápice do absurdo nesse programa ocorreu quando Leila foi questionada sobre o seu maior sonho: “ser mãe”, ela respondeu sem titubear. Os jurados, contudo, argumentaram que Leila, dotada de um espírito livre, com as suas ideias acerca de temas como amor e sexo e o seu comportamento natural, não poderia ser mãe (figura associada a uma “áurea santa”). ‘Como alguém “depravado” poderia exercer a função materna?’, pensavam os preconceituosos. Tal colocação foi um tiro em Leila, já que a moça tanto nutria o desejo de ser mãe.

Chegou, pois, a vez da censura oficial, estabelecida pela ditadura, dar a sua contribuição contra Leila: em 26 de janeiro de 1970, entrou em vigor o decreto-lei número 1077, do presidente-general Garrastazu Médici e do ministro da Justiça Alfredo Buzaid, o qual declarava querer, por exemplo, impedir o avanço do amor livre. A lei ficou conhecida como “Decreto Leila Diniz”. Em outra ocasião, o inspetor Senna obrigou Leila a assinar um documento no qual ela se comprometia a não falar mais palavrão. Ademais, as autoridades ditatoriais proibiram que a imagem e o nome de Leila fossem veiculados nas emissoras de televisão. Dessa forma, Leila foi sendo cortada de um dos universos que gostava: a TV. O que, infelizmente, os preconceituosos não enxergavam (cegos como estavam pela ignorância conservadora) é que Leila, na verdade, era uma fonte de alegria em um contexto de repressão e tolhimento de direitos.

[Voltar para o início](#)

**Leila**  
**(jurada, vedete... batalhadora)**  
**Diniz**

Leila queria trabalhar, sempre quis. Nunca teve preguiça de “colocar a mão na massa”, “pegar no batente” ou seja lá qual expressão for utilizada para designar o seu jeito trabalhador. Desde de cedo, buscou a sua independência e, nessa ótica, o trabalho constituiu-se como uma de suas armas. Todavia, após a colocação, por parte dos censores, de que Leila deveria ser retirada da televisão, ela encontrou dificuldades para conseguir emprego. Por isso, desempregada e precisando de dinheiro, Leila aceitou o convite para compor a bancada de jurados no programa de Flávio Cavalcante. O apresentador (que era, curiosamente, conservador), foi o único a oferecer uma oportunidade para Leila, a qual ficou muito grata. Leila, basicamente, tinha que, ao lado de Danuza Leão, Márcia de Windsor e outros, atribuir notas para calouros. Certo dia, para cumprir uma aposta realizada no programa de Cavalcante, Leila desfilou de duas peças e paetês, em um carro, pela Avenida Rio Branco, acompanhada por um coro que gritava “eu quero mocotó” (expressão que, em uma época na qual as academias e os corpos, milimetricamente, sarados não eram moda, designava as coxas femininas). Leila permaneceu no posto até o dia em que policiais apareceram no estúdio de gravação. Por sorte, o esperto Flávio Cavalcante percebeu o que poderia acontecer (os fardados queriam prender Leila), armou um plano: a jurada, no meio da atração, pede para ir ao banheiro (fato que provocou o riso de muitos que ali estavam). Foi fazer xixi, porém não voltou mais. O que ocorreu foi: Leila trocou de roupas com sua secretária Nenê e seguiu para Petrópolis, onde ficou refugiada na casa da família de Flávio por um mês.



Leila não gostava de artificialismo: cancelou, depois de uma apresentação, um show que fez com Betty Faria na boate Sucata. O motivo? Notou que os seus palavrões, falados de modo natural, estavam sendo comercializados, forçados. Ela detestou o resultado e desmantelou o espetáculo. Voltando ao bojo teatral, Leila fez renascer, em dois momentos distintos, o teatro de revista com os espetáculos *Tem banana na banda* e *Vem de ré que eu estou de primeira*. O primeiro, em cartaz em 1970, no teatro Poeira, em Ipanema, dirigido por Kleber Santos, contava com esquetes escritos por Millôr Fernandes, Nestor de Montemar, Ary Fontoura, Luís Carlos Maciel, entre outros. O segundo, em 1972, dois meses após o nascimento de Janaína, tinha Tarso de Castro na direção e era embalado pelo canto de Dalva de Oliveira. Um dos cacos que Leila mais utilizava era que precisava sair de cena para amamentar Janaína. Pura verdade: a vedete amamentou a filha em público, nos bastidores do teatro. Aliás, poder levar Janaína para o local de trabalho e dar de mamar para a bebê foi um dos pontos que Leila levou em consideração para aceitar a proposta de emprego. “Saio aqui do show e vou dar de mamar, e é tão bacana isso. Me acho uma mulher normal, e é bom demais”, declarou na época.



Demonstrando a sua versatilidade, Leila também se aventurou como empresária, abrindo uma loja de roupas femininas com estilo oriental, a Doze, em parceria com a modelo Vera Barreto Leite. A boutique fez sucesso, angariando clientes como Elis Regina. O carisma e a gravidez de Leila eram atrativos para a loja. Entretanto, em dada hora, Leila percebeu que não levava tanto jeito nessa profissão: ela era, isso sim, atriz.



[Voltar para o início](#)

**Leila  
(praia, biquíni e gravidez)  
Diniz**

Na primeira aparição de Leila Diniz em *Todas as mulheres do mundo*, ela está no mar. Mar, sol, praia: trio essencial para Leila. Sendo uma garota solar, não abria mão de ir à praia e lá encontrava o seu lugar. Musa de Ipanema, Leila foi a personificação do espírito de uma mulher, genuinamente, carioca. “Praia, praia, praia!”, ela nutria uma empolgação sem igual pelo beiramar. Então, por que ela se privaria do prazer de ir às areias justamente em um momento tão feliz?

Ser mãe era um desejo arraigado em Leila e, ao ficar grávida do namorado Ruy Guerra, em 1971, foi estampar a sua imensa alegria em seu local preferido: a praia. Consultou-se com o seu ginecologista e perguntou se o sol era bom para o bebê. Embasada com uma resposta afirmativa do médico, a futura mamãe vestiu um biquíni e foi à praia esbanjando beleza e felicidade. No início da década de 70, contudo, o padrão era que as gestantes usassem maiô com uma “cortininha”, escondendo, ao máximo, a barriga. Leila, porém, era livre demais e estava em um estado de plena alegria: por que esconder o que o seu corpo e a sua alma estavam vivendo? Por que ter vergonha de uma gravidez que ela tanto almejou? Colocou a cara, a barriga e o seu ser inteiro no sol. De modo esperto, um fotógrafo registrou o momento. A foto é considerada, hoje, um símbolo da revolução gerada, involuntariamente, por Leila, uma expressão da luta das mulheres, a pintura mais realista de uma mulher independente, sexual, livre e, também, feliz com o seu estado de graça. Uma fotografia que, sem dúvidas, faz parte da História brasileira; uma obra de arte tão natural quanto a própria Leila.



Contrariando, mais uma vez, quem a considerava uma porra-louca, a Grávida do Ano (título ganho no programa do Chacrinha), tomou todos os cuidados necessários durante a gravidez: largou o cigarro, deu um tempo no álcool, parou de tomar pílula na época certa. Uma gravidez desejada e planejada; uma decisão de Leila e Ruy em conjunto, mesmo que eles não fossem casados legalmente. Como já era de se esperar, ela teve que lidar com o preconceito novamente: Jorge Faria, dono do bar Garota de Ipanema, contou que, um dia, Leila entrou no estabelecimento chorando muito, pois uma senhora, na praia, a tinha visto e disparado: “Sua vagabunda!”. Sensível pela gravidez, desafogou o nó na garganta em forma de lágrimas. Leila, porém, não se abateu: fez do seu ventre um panfleto e nutria orgulho dele. “Ao exibir na praia sua barriga grávida, Leila demonstrou que a maternidade sem o casamento não era vivida como um estigma a ser escondido, mas como uma escolha livre e consciente. (...) A barriga grávida de Leila Diniz materializou, corporificou, seus comportamentos transgressores. (...) Leila fez uma verdadeira “revolução simbólica” ao revelar o oculto (a sexualidade feminina fora do controle masculino) em sua barriga grávida ao sol. Leila “inventou” uma nova forma de ser mãe”, escreve a antropóloga Mirian Goldenberg.

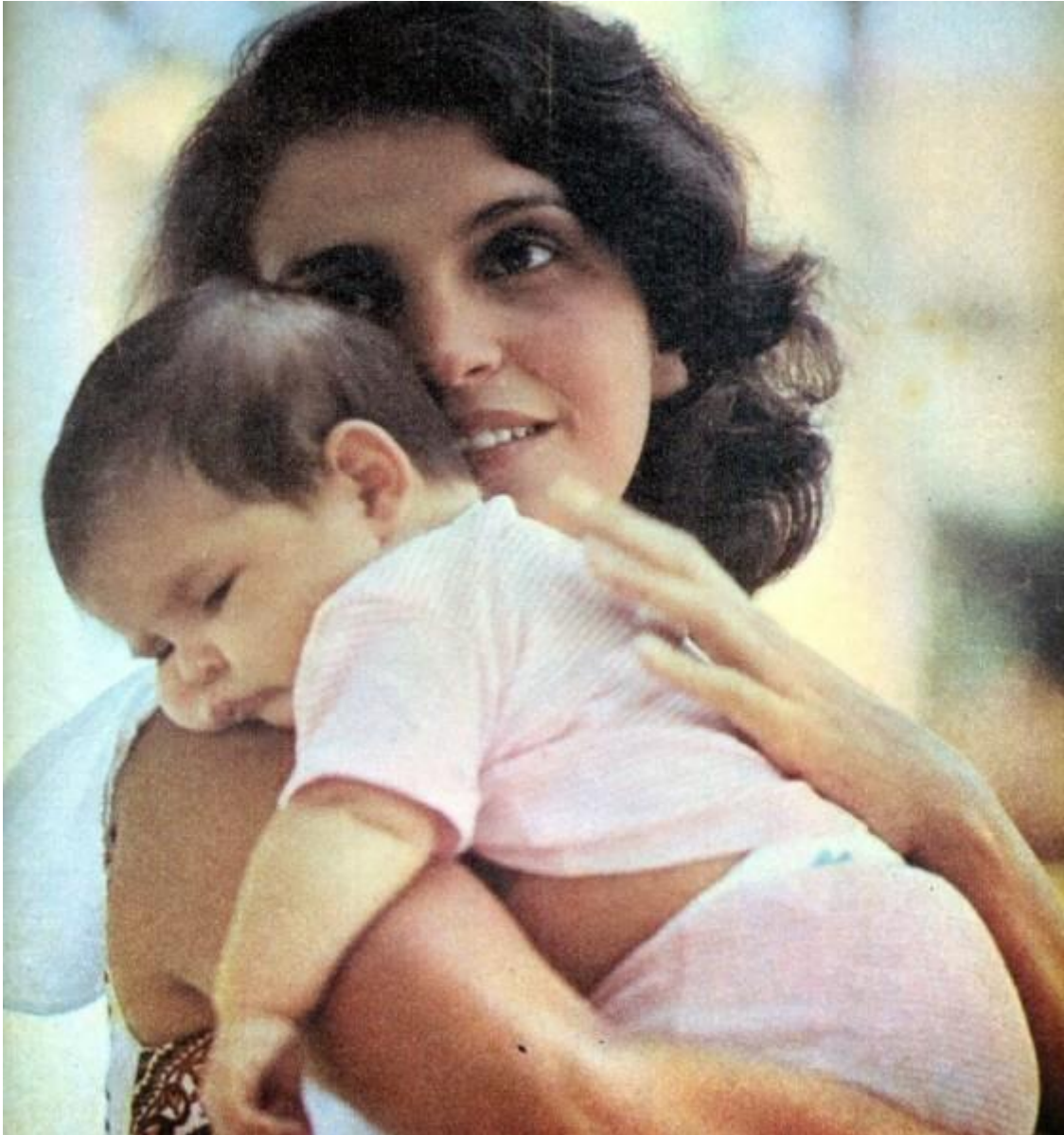
[Voltar para o início](#)

**Leila  
(mamãe cangurua)  
Diniz**

Janaína Diniz Guerra nasceu às 4h da manhã do dia 19 de novembro de 1971. “Cuidado aí com os pontos que eu sou vedete”, teria dito Leila para o médico que realizou a cesárea. A mamãe teve abscesso, os pontos inflamaram e, por isso, ficou quinze dias no hospital. “Pensou que ia morrer. De três em três horas, porém, chegava Janaína (cujo nome é uma das variações de Iemanjá, a rainha do mar, este que Leila tanto amava) para mamar – e as forças se recuperavam”, conta Joaquim Ferreira dos Santos. Nos primeiros dias em casa, sentia dores, Janaína chorava bastante e precisou da ajuda de Ruy Guerra, o pai da criança. Apesar dos percalços, Leila agarrou a emoção de ter uma filha e registrou, em seu diário, o toque das mãozinhas da bebê, os olhinhos, o cabelinho e a boca do seu “bichinho fofo, macio, tão frágil, tão surpreendente”. Janaína tornou-se, pois, prioridade na vida de Leila.

No ano de 1993, em entrevista para a TV Educativa, Janaína fala da mãe que, por descuido do destino, não acompanhou a sua vida: “A imagem que eu tenho dela é, é claro, uma imagem muito forte e muito bonita. Eu tenho muito orgulho. Ela é uma pessoa muito conhecida e muito amada, muito querida, as pessoas me devolvem isso e eu fico muito feliz com isso. Sabe o que

é legal? É que as pessoas me tratam com um carinho sem me conhecer. As pessoas devolvem o carinho que a minha mãe passou pra aquelas pessoas, então eu acho isso supergostoso". Mesmo tendo ficado pouquíssimo tempo com a filha, Leila a ensina com a sua história, os seus diários e o seu legado, assim como continua a aconselhar muitas garotas e mulheres Brasil afora.



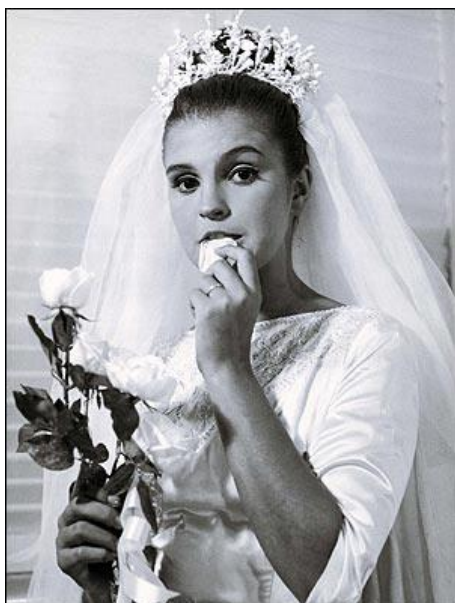
[Voltar para o início](#)

**Leila  
(morta de saudades)  
Diniz**

Leila titubeou ao aceitar o convite do amigo Luiz Carlos Lacerdo, apelidado de Bigode, para viajar até a Austrália. A jornada teve como objetivo a promoção do filme *Mãos vazias* (1971), o qual contava com a atuação de Leila e a direção de Bigode. Consentiu em partir para o outro lado do mundo por conta da carência financeira e de trabalhos. Leila, então, foi, mas com o coração apertado por se separar, pela primeira vez, de Janaína. Participou do Festival de Adelaide, mas, por saudades de sua menina, antecipou a sua volta.

Ela estava a bordo do DC-8 da Japan Airlines quando o avião, explodiu a 25 quilômetros de Nova Déli, na Índia. Teorias surgiram para tentar explicar o estouro: uma tempestade de areia aliada ao calor insano de 45 graus ou uma bomba? Fato é que a rota que Leila pegou –

passaria por locais como Hong Kong, Bangcoc, Nova Déli, Teerã, Cairo e Roma – era considerada de alto risco. O sonho, finalmente realizado, de ser mãe foi cortado brutaemente. Um dia antes, 13 de junho de 1972, cheia de saudades, Leila escreveu um cartão-postal à filha, no qual expunha o seu desejo de que elas viajassem juntas, em um futuro próximo, deixava clara as saudades que sentia e anunciava o seu retorno. Assinou como “mamãe canguru”.



Aos 27 anos, entrando para o rol de artistas que faleceram nessa idade (a “maldição dos 27”, que também afetou, entre outros, Amy Winehouse, Jimi Hendrix, Janis Joplin e Kurt Cobain), no dia 14 de junho de 1972, Leila deixou a Terra para ir para o céu, afinal, como disse Rita Lee, é entre as nuvens o lugar dos grandes artistas. No Brasil, a notícia golpeou a todos. Ruy Guerra, em um primeiro momento, não acreditou. O consumo de álcool, dizem, aumentou exponencialmente em Ipanema a partir do momento que a notícia foi divulgada aos sete ventos. Há quem chegou a pensar que Leila não estava no avião: como ela sempre chegava atrasada, ela poderia ter perdido o voo. Dessa vez, porém, a pontualidade se fez presente. Muitos dos periódicos que, outrora, tanto condenaram Leila, divulgaram notícias e notas aos montes. Algumas publicações até evitaram fechar as portas devido às vendas das matérias sobre Leila. O aspecto abominável chamado insensibilidade também quis um espaço na multidão: o padre Emir Calluf, de Curitiba, escreveu um artigo caracterizando Leila de “meretriz e rebotalho humano” (o estômago torce ao ler tamanha atrocidade, ainda mais de um religioso que, teoricamente, defende, no mínimo, o respeito ao próximo. Que “excelente” padre, não é?). Marcelo Cerqueira ficou responsável por ir ao encontro dos restos de Leila, fazer o reconhecimento, trazê-la ao Brasil. As suas cinzas foram depositadas no Cemitério São João Batista e a sua memória abraçada e homenageada por inúmeras pessoas.

Cerqueira encontrou, entre os destroços do acidente, o diário de Leila, no qual pode-se ler as suas últimas anotações: “As saudades de Janaína são muitas. Será que estou sendo a mãe que ela merece? A babá tem ficado mais tempo com ela do que eu. Desse jeito, a mãe acabará babá, e a babá, mãe. Estamos chegando em Nova Déli. Segundo anunciam, a temperatura local é quase a do inferno. Quente paca. Agora está acontecendo uma coisa es...”. Marieta Severo, em depoimento gravado em 2002, desabafa: “Nesses trinta anos, a maior dor de todas é ver a falta que Leila faz para ela [Janaína]. Leila não foi criada pela mãe, então, tudo o que ela não queria era que sua filha passasse essa falta, não queria ter uma filha e ela não estar. Então isso é muito terrível, muito cruel”.





[Voltar para o início](#)

**Leila**  
**(cafuné do macaco e mil pérolas)**  
**Diniz**

“Cafuné, na cabeça, malandro, eu quero até do macaco”: a frase é uma marca de Leila, um bordão que ela proferia em várias oportunidades. Um poema que escreveu sobre a briga entre Espanha e Holanda foi musicado por seu amigo Milton Nascimento, virando uma música-homenagem bela. A seguir, algumas das memoráveis colocações de Leila Diniz:

- “Não represento, não canto, não sou a mulher maravilhosa, não danço. O negócio é que eu faço as coisas gostando, e eu acho que isso passa para as pessoas e elas acabam gostando. Quando o negócio é muito verdade dentro de você, acaba passando”.

- “(...) Sou plenamente pelo amor livre, inclusive acho absurdo esse negócio de moça se casar virgem. Pense bem: a mulher ter data marcada para perder a virgindade... Quando a mulher ama de verdade, ela tem de amar de verdade, um amor total, sem compromissos com datas ou falso moralismo (...)”.

- “Se eu soubesse que morreria amanhã, não sei nem o que faria. Uma hipótese seria amar, amar, até morrer. Anteciparia o dia marcado, só de raiva. Não sei, não. A ideia é muito confusa. Talvez eu nem fizesse nada. Era possível, até, que eu me matasse antes”.

- “Viver intensamente é você chorar, rir, sofrer, participar das coisas, amar, achar a verdade nas coisas que faz. Detesto o desespero e a fossa. Não morreria por nada neste mundo porque eu gosto realmente é de viver. Nem de amores eu morreria, porque eu gosto mesmo é de viver de amores”.

- “Meio inconsciente, me tornei mito e ídolo, ou mulher símbolo da liberdade, pregadora-mor do amor livre. Muita gente não entende o que é isso. Só quero que o amor seja simples, honesto, sem os tabus e fantasias que as pessoas lhe dão”.

- “Todo mundo neste país é ator, sobreviver na zorra deste país é uma puta arte”.

- “Sim, eu dou para todo mundo. Mas não para qualquer um” (defendendo-se de uma “cantada” grosseira de um político à saída do espetáculo *Tem banana na banda*).

- “Porra, será que isso tudo é que é amar? Será que isso é que é dar? Porra, eu queria berrar

ao mundo que nós estamos todos errados, que não é nada disso. Que somos criados como umas bestas, que nossos sentimentos são de tal forma deturpados e moldados por conceitos e preconceitos que viram farrapos, viram zona, que nós somos um poço de insegurança e egoísmo, que lutamos e nos debatemos em nós mesmos, e como não temos coragem de enxergar isso, de enfrentar isso, matamos os outros. Eu queria saber dizer a todo mundo que nós estamos nos destruindo uns aos outros e nos derrotando a nós mesmos” (Trecho de um de seus diários, 21 de outubro de 1969).

*“Um cafuné na cabeça, malandro, eu quero até de macaco”, Milton Nascimento.*

Voltar para o início

**Leila  
(PARA SEMPRE!)  
Diniz**

*“Leila Diniz – sobre as convenções esfarinhadas mas recalcitrantes, sobre as hipocrisias seculares e medulares: o riso aberto, a linguagem desimpedida, a festa matinal do corpo, a revelação da vida.*

*Leila Diniz – o nome acetinado de cartão-postal, o sobrenome de cristal tinindo e partindo-se, como se parte, mil estilhas cintilantes, o avião no espaço – para sempre.*

*Para sempre – o ritmo da alegria, samba carioca, no imprevisto da professorinha ensinando a crianças, a adultos, ao povo todo, a arte de ser sem esconder o ser.*

*Leila para sempre Diniz, feliz na lembrança gravada: moça que sem discurso nem requerimento soltou as mulheres de vinte anos presas ao tronco de uma especial escravidão”.*

*Carlos Drummond de Andrade.*

Diante dos vocábulos empregados pelo poeta, nada que se teça parece bom o suficiente para descrever a grandiosidade de Leila Diniz. Resta-se, pois, deixar registrado sinceros agradecimentos à Leila por tudo que ela foi, lutou (sem se atrelar a estereótipos, bandeiras, partidos ou ideologias), representou e continua significando, sempre em prol da liberdade: não só a liberdade feminina, como também a liberdade de todos serem o que quiserem. Faz uma revolução da alegria e do prazer. Obrigada, Leila, por ter enfrentado a hipocrisia e não ter dado ouvidos a maldade de quem nada sabia. Obrigada, Leila, por seus papéis e por acreditar no cinema brasileiro. Obrigada, Leila, por ser o exemplo mais verdadeiro do verbo ser. Obrigada, Leila, por ser, ainda hoje, tão Leila na memória de quem a admira e viva dentro de quem acredita na liberdade. “Esta é a “revolução” de Leila: trazer à luz do dia comportamentos femininos já existentes, mas que eram vividos como estigmas, proibidos, ocultos, recalcados”, conclui Mirian Goldenberg. Regina, em afirmação captada por Goldenberg, diz: “Nós todos aprendemos muito com a Leila. Aprendemos a ser verdadeiros, inteiros, coerentes conosco mesmo e não com o que a sociedade quer”. Obrigada, Leila Diniz, por ter sido a glória da vida!



“Sou uma pessoa livre e em paz com o mundo. Conquistei a minha liberdade a duras penas, rompendo com as convenções que tolhiam os meus passos. Por isso, fui muitas vezes censurada, mas nunca vacilei, sempre fui em frente. Tudo o que fiz me garantiu a paz e a tranquilidade que tenho hoje. *Sou Leila Diniz, qual é o problema?*”.

Produções audiovisuais nas quais Leila é homenageada:

- *Leila Diniz*, de Luiz Carlos Lacerda (1987);
- *Leila para sempre Diniz*, de Sérgio Rezende e Marisa Leão (1974);
- *Já que ninguém me tira para dançar*, de Ana Maria Magalhães (1982).

Para a realização da presente matéria, foram utilizados como fonte os seguintes livros:

- *Toda mulher é meio Leila Diniz*, de Mirian Goldenberg (Edição BestBolso, 2008);
- *Leila Diniz*, coleção *Aplauso Cinema Brasil*, (Imprensa Oficial, 2010);
- *Leila Diniz (uma história de amor)*, de Cláudia Cavalcanti (Brasiliense, 1983);
- *Leila Diniz (Filmes – Homenagens – Histórias)*, Centro Cultural Banco do Brasil (2002).

- *Perfis Brasileiros: Leila Diniz*, de Joaquim Ferreira dos Santos (Companhia das Letras, 2008).
- *Leila Diniz*, coleção *Biblioteca Época: Personagens que marcaram Época* (Editora Globo, 2006).

(topo)

## LIVROS

Um país se faz com homens e livros – M.Lobato

<http://homoliteratus.com>

PAPO LITERÁRIO – TV CAMARA

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/programa/119-PAPO-LITERARIO.html>

Nesta data, **DIA INTERNACIONAL DA MULHER**, marxismo21 publica um extenso e valioso dossiê sobre a obra de HELEIETH SAFFIOTI - docente e pesquisadora marxista que se notabiliza por ser um símbolo da resistência feminina no Brasil, seja no plano das lutas políticas, seja no plano das lutas ideológicas e teóricas.

<http://marxismo21.org/heleieth-saffioti-marxismo-genero-e-feminismo/>

[http://www.culturaacademica.com.br/usuario\\_login.asp?ID=45](http://www.culturaacademica.com.br/usuario_login.asp?ID=45)

### **Vozes femininas da poesia latino-americana:**

AUTOR(ES): SILVA, JACICARLA SOUZA DA

ISBN: 9788579830327

PÁGINAS: 224

ANO: 2010



É a partir de uma perspectiva de "dupla revisão" que *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias* ressalta um outro perfil da escritora brasileira Cecília Meireles: a de grande estudiosa e conhecedora da produção de autoria feminina latino-americana. O livro tem como ponto de partida o ensaio ceciliano intitulado "Expressão feminina da poesia na América", que corresponde a uma conferência proferida no ano de 1956, na Universidade do Brasil, e que apresenta um panorama da expressão

lírca feminina na América hispânica. As poetisas mencionadas por Cecília Meireles em seu texto, embora desempenhem um importante papel no cenário da produção poética de seus respectivos países, nem sempre integram a historiografia tradicional canônica; injustiça que o ensaio ceciliano corrige. Para mostrar a importância desse texto ceciliano em relação aos estudos feministas na América Latina são realizados alguns comentários sobre a crítica literária feminista, bem como acerca da vasta produção da autora de Romanceiro da Inconfidência. Além disso, estabelece-se um diálogo entre a escritora brasileira e as poetisas hispano-americanas. O livro demonstra o comprometimento de Cecília Meireles com a escrita feminina no contexto sócio-cultural latino-americano.

--

## **VARIÉDADES**

[http://www.vice.com/pt\\_br/](http://www.vice.com/pt_br/)

<http://orapois.blogfolha.uol.com.br/>

### **PISANDO NO SOLO SAGRADO DE KONYA**



[Onde fica Konya? – Mulheres do Mundo](#)

Você precisa saber dos sufis, dos dervishes, das madrassas. Você precisa saber de Rumi. #relato #roteiro #turquia

MULHERESDOMUNDO.COM.BR|POR MONIQUE SOCHACZEWSKI



Sob

as benções de Rumi - Fotos: Monique Sochaczewski





Há muito tempo desejava conhecer Konya (fala-se Konha), mas quando morei na Turquia, em 2010, por conta do doutorado em História, não consegui encaixar uma viagem até lá no meio da rotina de estudos e pesquisa em cidades como Ancara e Istambul. Quando vi a chamada para a conferência *2<sup>nd</sup> International Conference on Eurasian Politics & Society* há alguns meses atrás, pensei: perfeito! Conjugaria o desejo – compartilhado com alguns colegas turcos ou sediados na Turquia, de juntarmos acadêmicos lidando com conexões e comparações entre a América Latina com a Turquia, o Cáucaso e a Ásia Central – com a oportunidade de visitar a terra em que Rumi está enterrado.

A verdade é que essa vem sendo a minha forma de viajar pelo mundo: participando de eventos acadêmicos e, na medida do possível, aproveitando as oportunidades para conhecer os lugares (de preferência) com ajuda de moradores locais. Essa também é a forma que eu, casada e mãe de duas crianças pequenas, procuro realizar meu desejo incansável de conhecer o mundo (há quem diga que essa seja uma característica dos sagitarianos!) – de preferência além-Occidente. Confesso que não teria coragem de deixar tudo e sair explorando por explorar, mas se tem um evento acadêmico, de fato relevante, e interessante, por que não aliar tudo? Totalmente me entendo, portanto, como uma “mulher do mundo”.

### **Capital do Império Seljúcida**

Pois bem, foram quatro dias em Konya. Dois inteiramente dedicados à apresentação de trabalhos, participação em debates, networking durante as refeições, cafezinhos e afins. E dois dias dedicados a conhecer essa cidade. Você não sabe onde fica Konya? Situada na região da Anatólia Central, ela é uma cidade de extrema importância histórica. Foi capital do Império Seljúcida de 1097 a 1243. É o local onde Jalal ad-Din Muhammad Rumi, o místico sufi também conhecido como Mevlana, está enterrado e onde se localiza o “convento” da ordem mevlevi, bastante conhecida por conta dos chamados “dervixes rodopiantes”. É também um importante polo de agroindústria. Por fim, é terra natal do ex-chanceler e depois primeiro ministro turco Ahmet Davutoglu (que também tem importante passado acadêmico), que parece ainda bastante ligado a ela, figurando em inúmeros cartazes pela cidade em tempos de campanha parlamentar.

A visita recomendada na cidade é justamente de seguir sobretudo os locais ligados aos dois primeiros tópicos. A primeira parada, obrigatória, é na tumba de Rumi e do “convento” mevlevi anexo. Aparentemente, durante muito tempo era cobrada uma entrada de 5 liras turcas, mas há algum tempo o governo do AKP aboliu a cobrança de entrada e, de fato, ele vive lotado de turistas. Há muitos turcos (especialmente nos fins de semana, quando famílias inteiras circulam por lá), mas há ainda persas e mesmo afegãos, além de alguns ocidentais. Muitos fazem peregrinação espiritual.

Na construção em anexo à tumba – planejada especialmente para reuniões de irmandades sufis, que funciona também como lugar de retiro espiritual (*tekke*) – vale prestar atenção na cozinha que, para além da feitura das refeições, tinha toda uma liturgia para os candidatos a dervixes. Há modelos em tamanho natural por lá. Esta, infelizmente, deve ser visitada com certa agilidade por



conta das filas que se formam em local tão estreito. As antigas “celas”, foram convertidas em pequenos espaços expositivos temáticos. Há iluminuras, roupas, instrumentos musicais, apetrechos de viagens e ligados a religião expostos de maneira bem elegante, embora em espaços exíguos e disputados entre os visitantes.

### **Religiosidade, arquitetura e sorvete de tâmaras**

Para completar o espírito Rumi, o barato é ir assistir uma apresentação de dervixes rodopiantes. A cidade tem várias opções, mas a mais famosa é a que acontece aos sábados, normalmente às 19h, no *Mevlana Kültür Merkezi* (Centro Cultural Mevlana). Lá é apresentada a cerimônia de *Sema* – uma dança ritual que representa a união com D’s e na qual se dá o famoso “giro sufi”- em um espaço gigantesco, para centenas pessoas, totalmente gratuito. No início de dezembro, na época do aniversário do mestre sufi, os eventos se multiplicam no mesmo local. Aliás, segundo me informaram, é justamente nesta época que os iranianos e afegãos mais visitam a tumba, logo, vale atentar quando escolher essa época para visitar a cidade.

Quando fui ao Centro Cultural, acompanhada dos colegas de conferência, ele estava quase que completamente tomado por senhoras da Anatólia, com cabeças cobertas de véus.

Minha colega turca – doutoranda em Relações Internacionais e eleitora do AKP – me informou que uma política adotada por várias prefeituras turcas, e pela de Konya em especial, é a de oferecer visitas às mulheres de Anatólia aos sítios ligados à história e à cultura.

De fato, passei a prestar atenção e por toda a cidade, via senhoras que aparentemente participam do mesmo projeto, por vezes com bonés verdes da prefeitura de Konya sobre seus véus, rodeando guias que contavam histórias e curiosidades.

Se o interesse é pelos seljúcidas, a dica é o pequeno e charmoso *Ince Minarem Madrasta Museum of Woodwork and Masonry*. O prédio, dono de uma das entradas mais lindas que já vi, com a porta toda trabalhada com escritos árabes e motivos florais, funcionou como uma madrassa – escola islâmica – até o fim do século XIX. Ele data originalmente de 1264. Suas “salas de aula” foram também convertidas em salas de exposição, com inúmeras lindas peças de trabalhos em madeira seljúcidas (algumas otomanas) e pedras tumulares. Sua arquitetura é belíssima, contando com um pátio coberto. Muitas dos relevos mostram imagens de animais, como pássaros, peixes, leões, leopardos e mesmo seres humanos, algo que não é tão usual de se ver em terras muçulmanas.

Entre as caminhadas, a dica é tomar um sorvete de tâmara (*hürma*, em turco). Aparentemente a tâmara consumida na Turquia vem da Arábia Saudita e minha amiga que serviu de guia ressaltava que era uma fruta que o Profeta gostava e que é consumida em especial no Ramadã para quebrar o jejum, que já se avizinhava. Ela fez questão de me levar a algumas lojas especializadas na venda de tâmaras, próximas à tumba de Rumi. Comprei uma caixinha de

tâmaras envoltas com chocolate, que simplesmente desmanchavam na boca. Paguei 5 liras turcas pela caixinha com cinco. Em Konya também tem que se provar o famoso *etli ekme*k, iguaria local, que nada mais é do que um *pide* – por vezes chamado de pizza turca – cortado de maneira diferente da que tradicionalmente se encontra por toda a Turquia.

Na loja do Centro Cultural MevlanaInce Minare na MadrassaDetalhe da mesquita de AllaedinCores do Brasil em KonyaMesquita de Allaedin  
*Fotos: Monique Sochaczewski*

---

Obviamente, a cidade conta com várias mesquitas históricas. Minha experiência pessoal foi com a de *Alla e-din*, construída no século XIII no alto do morro de mesmo nome. Aliás, é muito interessante notar que Konya é uma cidade absolutamente plana, e, segundo me explicaram, os seljúcidas construíram artificialmente tal montanha, para terem local alto para melhor proteção da cidade. Na frente da mesquita há restos de uma casa que servia de vigia e proteção. Como boa parte dos prédios históricos na Turquia, tanto a mesquita, como seu entorno estão em fase de reformas, cheia de tapumes. Em volta destes, porém, aproveitaram para usar imagens dos prédios originais, e no geral estas tem sido de grande ajuda, sobretudo, para aquelas senhoras humildes do interior da Anatólia, que andam circulando bastante pela cidade.

Enfim, Konya é uma cidade com várias camadas históricas e crescente presença feminina em seu espaço, o que desperta o desejo de voltar.

**CRÔNICAS , CONTOS E ETERNAS REPORTAGENS**



### Desafio Microcontos - Cem Toques Curtir Página

"Olho-me no espelho e tenho medo de mim.  
E te pergunto:  
- Você tem medo?  
Se eu fosse você teria medo."

(Rô Mierling)

#desafio #cemtoques #microconto

**Renato Janine Ribeiro: nem mais um minuto**

Há milhares de anos, na esmagadora maioria das sociedades, as mulheres não são iguais aos homens. Não ganham salário igual, e esse não é o maior problema.

por Renato Janine Ribeiro \*

07/03/2015 | 15h01 -

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/03/renato-janine-ribeiro-nem-mais-um-minuto-4713285.html>



Robin Wright vive a ambiciosa Claire Underwood na série House of CardsFoto: Sony Pictures / Divulgação

*\* Professor titular de Ética e Filosofia na USP. Escreve quinzenalmente no caderno PrOA*

Imaginem que a mulher mais importante do país tenha sido estuprada, quando jovem, por um militar hoje general. A partir daí, ela construiu uma persona baseada na frieza. Mas um dia, revendo o algoz, decide fazer de seu sofrimento pessoal o veículo para uma luta que é das mulheres em geral. Falo de Claire Underwood, primeira-dama dos Estados Unidos na série [House of Cards](#). É esse drama pessoal que humaniza uma mulher, de resto gélida na realização de suas ambições.

Ou como disse no Facebook Mariana Laham : “Dia desses queria comprar um chiclete, o único lugar aberto era um botequim. Entrei, em segundos notei que só havia homens presentes. Automaticamente todas as medidas ‘protetoras’ passaram na minha cabeça, treinada que está por anos tendo que ‘me cuidar’ por ser mulher, fugindo de mãos, abraços, sussurros não pedidos. Com que roupa estou, não olhar muito, também não baixar muito os olhos, andar pelo corredor, evitar qualquer aproximação física, tentar ser invisível e quem sabe angariar a simpatia de algum dos presentes. Atitudes normalmente inconscientes, no entanto absolutamente presentes. Saí pensando que homem nenhum faz ideia do que significa entrar num lugar e se sentir em ‘risco’ por existir enquanto representante de um gênero, que nenhum homem se

questiona sobre a roupa que está usando e suas respectivas conotações. Ele entra e compra a joça do chiclete! E segue a vida sem ser lembrado insistentemente de que é um homem. Igualdade salarial? Infelizmente falta muito pra tanto. Não somos tratadas de forma igual nem na hora de chupar um chicabon...”

Estas pessoas que não temos ideia de como se sentem são metade do planeta. Vivemos com elas. Nós, homens, nascemos com um bônus: nem precisamos imaginar o que é se proteger do toque, desejar ser invisível. Fala-se tanto no desejo que as mulheres têm de ser vistas, admiradas, desejadas.

Mas falamos do desejo que muitas sentem de ser invisíveis?

*Mulher Invisível* é o nome de uma comédia. É também o nome de um desejo?

Demorou demais. Há milhares de anos, na esmagadora maioria das sociedades, as mulheres não são iguais aos homens. Não ganham salário igual, e esse não é o maior problema. Em minha universidade, a USP, alunas abusadas sexualmente não encontraram escuta humana quando quiseram se queixar. Um político, há duas semanas, cumprimentou as mulheres por sua presença na política. Ele estava zoando? Elas não são nem 10%.

Se fosse mulher, diria: minha paciência se esgotou. Não quero esperar mais um minuto. Tudo, já. Igualdade plena. Mesmo salário, mesma chance de promoção, direito de ir e vir (digo isso lembrando o chiclete da Mariana, e penso: coisa velha, direito de ir e vir... Não está na Constituição desde 1891? Está. Mas não na realidade machista).

Não sou mulher, mas minha paciência se esgotou. Não dá mais para suportar esse absurdo. Faz mal a todos. A opressão não é ruim só para o oprimido. Também afeta quem se beneficia dela. O mundo fica cinza. Precisa ganhar cores.

<http://mulher30.com.br/>

## BOLETINS DE NOTÍCIAS E ANÁLISES



13 sites que querem mudar o jornalismo brasileiro

Estes projetos transformaram crise em oportunidade.

BUZZFEED.COM

[www.sui21.com.br](http://www.sui21.com.br) - [www.outraspalavras.com.br](http://www.outraspalavras.com.br) - [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br)

[www.desenvolvimentistas.com.br](http://www.desenvolvimentistas.com.br) - <http://www.auditoriacidada.org.br/>  
[www.maurosantayana.com](http://www.maurosantayana.com) – [www.paulotimm.com.br](http://www.paulotimm.com.br) <http://ciperchile.cl/>

[www.correiocidadania.com.br/](http://www.correiocidadania.com.br/) - [www.ecodebate.com.br](http://www.ecodebate.com.br)

[www.patrialatina.com.br](http://www.patrialatina.com.br) [www.estrategiaeanalise.com.br](http://www.estrategiaeanalise.com.br) - [www.abdic.org.br](http://www.abdic.org.br)

<http://www.redebrasilatual.com.br/economia> - <http://plataformapoliticasocial.com.br/> -  
<http://www.ifch.unicamp.br/cemarx/site/> - <http://gilvanmelo.blogspot.com.br/>

<http://www.voltairenet.org/> - <http://www.esquerda.net/> - <http://resistir.info/> -  
<http://br.sputniknews.com> <http://www.laondadigital.uy/> <http://www.diarioliberalidade.org/>

<http://www.dominiopublico.gov.br> - <https://www.facebook.com/ptjornal> - <http://www.oplop.uff.br>

<http://www.laondadigital.uy/> - <http://newleftreview.es/> - <http://www.esquerda.net/> -  
[www.laondadigital.uy/](http://www.laondadigital.uy/)

**Sociedade Brasileira de Economia Política**

**Fórum Mundial das Alternativas** - <http://www.nexojornal.com.br/>

**Indicadores Economicos BACEN-** <http://www.bcb.gov.br/?INDECO>

**ESTUDE ONLINE COM O QG DO ENEM** - [HTTP://WWW.ENEM.COM.BR/CURSOSENM/](http://www.enem.com.br/cursos/enem/)

**FORUM 21** - <https://www.facebook.com/groups/1465485120431945/>

Blogs : <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/>

<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/>

<http://bissexto.com.br> - [www.agambenbrasil.com](http://www.agambenbrasil.com) – <http://blogdaboitempo.com.br/>

<http://www.timmsouza.blogspot.com.br/> - <http://blogdaboitempo.com.br/category/colaboracoes-especiais/vladimir-safatle/>

<http://marxrevisitado.blogspot.com.br>



**REFORMA POLÍTICA JÁ! - <http://www.reformapolitica.org.br/>**

**Reforma Política Democrática - [WWW.FPABRAMO.ORG.BR](http://WWW.FPABRAMO.ORG.BR)**

**8 DE MARÇO 2010 - 100 ANOS DE LUTA FEMINISTA: E mais mil anos se for preciso!**



08-MAR-2010

## **ARTICULAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS**

Neste 8 de março, há cem anos instituído como dia de luta das mulheres feministas, estaremos de novo nas ruas e praças enfrentando os conservadores e representantes do sistema de dominação que nos oprime e explora: as transnacionais beneficiadas com os grandes projetos de desenvolvimento, os latifundiários, expressão mais antiga do patriarcado no país, a igreja conservadora e os fundamentalistas que criminalizam, humilham, perseguem e maltratam as mulheres que recorrem ao aborto ou que defendem a LEGALIZAÇÃO DO ABORTO.

**8 DE MARÇO 2010**

## **100 ANOS DE LUTA FEMINISTA:**

### **E mais mil anos se for preciso!**

Em muitos estados, não estaremos sozinhas. Movimentos de defesa dos direitos humanos, movimentos de luta por terra, movimentos diversos de mulheres do campo e da cidade, diversas expressões do feminismo se juntarão contra as forças militares, da grande mídia, das oligarquias e agronegócio, e todos e todas que, desde janeiro deste ano, se pronunciam contra o III PLANO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS.

Estaremos também unidas com mulheres do mundo todo na iniciativa lançada pelo Acampamento Feminista no Haiti, de homenagear a vida das três companheiras do movimento feminista que faleceram no recente terremoto. E ainda, nos preparando e convocando para a ação em defesa do HAITI LIVRE E SOBERANO, dias 21 e 22 de março.

Reunimos nesta AGENDA POLÍTICA os seguintes textos e documentos:

- Síntese da análise de conjuntura da Assembléia da Frente Nacional contra Criminalização das Mulheres e Pela Legalização do Aborto, ocorrida em dezembro de 2009;
- Defesa do aborto como questão de direitos humanos;
- Defesa do PNDH3: entrevista com Maria Victoria Benevides;
- Notícia da convocatória para homenagens às feministas haitianas no dia 8 de março.

Boa leitura a todas.

Muita energia e força nas mobilizações deste 8 de março!

### **ANÁLISE DE CONJUNTURA DA LUTA PELA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO**

Síntese do debate na Assembléia Nacional da Frente. São Paulo, 6 e 7 de dezembro/2009, elaborada por Sílvia Camurça (AMB)

A Assembléia da Frente Nacional contra Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto ocorreu em São Paulo, nos dias 5 e 6 de dezembro de 2009, reunindo cerca de 150 participantes representando organizações e



movimentos nacionais e organizações de 14 estados do país e cumprindo a pauta tal qual previsto na sua convocação: 1. Análise da conjuntura; 2. Estratégias de ação em 2010; 3. Funcionamento da Frente; 4. Resoluções e Declaração final.

A Frente Nacional pelo Fim da Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto foi organizada entre julho e agosto de 2008 e lançada em setembro do mesmo ano na cidade de São Paulo, com um ato público e uma caminhada.

A iniciativa partiu dos movimentos feministas e contou com a adesão de demais movimentos sociais. Seu objetivo é dialogar com os diversos movimentos sociais e setores democráticos da sociedade, para denunciar, mobilizar a resistência e barrar a crescente criminalização das mulheres pela prática de aborto e/ou pela defesa de legalização desta prática.

Vários projetos de lei que ameaçam os direitos e bloqueiam a autonomia das mulheres tramitam no Congresso Nacional, onde atualmente funcionam três frentes parlamentares pela criminalização das mulheres e do aborto.

Mulheres estão sendo indiciadas, presas e julgadas pela prática de aborto em diferentes cidades do país, sendo o caso mais emblemático o de Mato Grosso do Sul, em 2008, quando o Ministério Público, em iniciativa conjunta com a polícia, fechou uma clínica médica e ameaçou indiciar cerca de 2000 mil mulheres que supostamente ali praticaram aborto.

Uma CPI sobre o aborto clandestino pode ser instalada a qualquer momento no Congresso Nacional - o que só contribuirá para maior criminalização das mulheres, atingindo especialmente as mulheres da classe trabalhadora, em especial, as mais pobres e vulneráveis, grupo no qual se encontra grande parte da população afro descendente.

Os objetivos da AMB com a Frente são: avançar em nossa organização por todo país e construir uma estratégia da luta comum para enfrentamento do debate com base na mobilização social das mulheres e dos movimentos sociais.

Pontos de destaque na análise de conjuntura:

Cresce a influência da Igreja em toda América Latina e Caribe; há retrocessos no Chile, Argentina e Nicarágua. Apenas no México (capital) houve avanços. Na Europa, cresce a ação da Igreja tentando destituir direitos neste

campo (França, Itália, Espanha).

Os inimigos desta luta estão mais organizados, ganharam setores da esquerda, mantem suas frentes de luta, tem sites organizados, ocupam espaços de poder nos legislativo, executivo e poder judiciário em vários países, ocupam espaços na mídia, compram meios de comunicação, fazem mobilizações e ações de massa para demonstrar força.

Os conservadores e fundamentalistas concretizam sua ação via criminalização das mulheres e cerceamento do debate democrático sobre o aborto; amplia-se a capacidade de intimidar quem ousa falar em favor do aborto; cresce o uso de informações distorcidas e falsas para impressionar negativamente as pessoas sobre a questão do aborto.

No Brasil, o parlamento hoje é hegemonizado por forças antilegalização. A bancada evangélica diminuiu pela corrupção (que inviabilizou reeleição de muitos), mas cresceu a unidade da bancada cristã que atua em bloco contra a liberdade sexual e autonomia reprodutiva das mulheres. Este campo faz aliança com empresários da comunicação, ruralistas e as oligarquias representadas no Congresso. As principais relatorias de Comissões estão nas mãos destes grupos.

Há 40 proposições de leis em tramitação no Congresso, alguns aumentando a criminalização do aborto (crime hediondo, retirar permissivos legais de hoje, classificar como crime de tortura), outros focam o planejamento familiar (propõe retirar direito à pílula do dia seguinte), e outros colocam-se em defesa da vida do feto ou da vida desde a concepção (antes mesmo de existir o feto).

A bancada feminina está unida contra a CPI do aborto, mas não vai além disto. As parlamentares podem ser acionadas para ações de resistência a retirada de permissivos já existentes.

O Parlamento reflete a correlação de forças na sociedade. Esta correlação de forças só vai mudar com mobilização e debate na sociedade.

Nos partidos, um fato de destaque foi a luta e conquista da expulsão de Bassuma, pelas mulheres feministas do PT.

No feminismo: nosso avanço teórico sobre aborto não condiz com a mobilização que temos. A Frente tem complexidades e suas divergências precisam ter espaço para se expressar. Setores do movimento negro precisam

ganhar densidade dentro da Frente.

Prioridades nesta conjuntura:

- garantir o espaço e legitimidade de debater o assunto livremente na sociedade;
- manter manifestações públicas constantes, fazer mobilizações em datas do movimento, garantir posicionamento ante fatos da conjuntura que estejam na mídia;
- garantir a unidade do campo feminista nesta luta;

Precisamos qualificar mais e mais o debate e ser generosas com nossas divergências acerca das estratégias distintas sobre a forma de atuar (lobby, mobilização social, judicialização da questão com responsabilização do Estado pela morte de mulheres) e acerca das prioridades (legalização, descriminalização, permissivos para anencefalia);

- ampliar o leque de alianças com movimentos sociais.

Neste caso, deixar evidente que a disputa de projeto de sociedade é o pano de fundo da luta pelo direito ao aborto. Nossa questão é demonstrar o que significa legalizar o aborto para um projeto político democrático e popular. E demonstrar o que significa a criminalização das lutas sociais pelos conservadores e qual sua relação com a criminalização das mulheres e dos/as que defendem a legalização do aborto.

Contribuições ao Plano Nacional de Direitos Humanos em relação aos direitos reprodutivos das mulheres. (Trecho de texto em elaboração pelas Jornadas, a partir de contribuição de Bia Galli e Schuma Schumacher).

**O ABORTO INSEGURO É UMA DAS CAUSAS EVITÁVEIS DE MORTES MATERNAS E SEQUELAS DERIVADAS E POR ISSO DEVE SER CONSIDERADO UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA E DE DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES**

- O aborto inseguro é um grave problema de saúde pública e injustiça social. No Brasil, o aborto inseguro está entre as principais causas de mortalidade materna, sendo 11% do total das mortes de mulheres ocorridas durante a gravidez, parto ou pós-parto. As mulheres negras têm um risco 3 vezes maior de morrer por aborto inseguro do que as mulheres brancas; mulheres com

baixa escolaridade possuem acesso deficiente às políticas de planejamento familiar para prevenção de uma gravidez indesejada. Em Salvador, onde a população é majoritariamente negra, desde o início da década de 90 o aborto é a primeira causa isolada de mortalidade materna. Ao mesmo tempo, o aborto é a terceira causa de morte materna na cidade de São Paulo.

## A CRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO NÃO RESOLVE O PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA E NÃO EVITA A SUA PRÁTICA

Criminalizar o aborto não reduz ou impede a sua prática e tem o efeito– perverso de colocar as mulheres em risco.

Mudar a realidade de negação dos– direitos reprodutivos das mulheres no Brasil é o principal desafio para a realização dos direitos reprodutivos e os propósitos de promoção da igualdade de gênero, raça e justiça social.

Há países com legislações restritivas que– apresentam taxas elevadas de aborto entre mulheres em idade reprodutiva. Em contraste, há países que asseguram ampla autonomia da mulher em decidir pelo destino da gravidez, nos quais as taxas de aborto estão entre as mais baixas.

A criminalização do aborto gera desigualdade entre homens e– mulheres, pois significa criminalizar as mulheres, pois somente as mulheres engravidam e passam por essa experiência.

Criminalizar o aborto é negar às– mulheres brasileiras os direitos humanos elementares: viver com dignidade, ter controle sobre a própria vida sexual e reprodutiva, e escolher ter ou não ter filhos, se e quando quiserem e interromper uma gestação indesejada, sem ter que correr riscos para a saúde, arriscar suas vidas e ainda serem consideradas criminosas pelo Estado.

## A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA QUE CRIMINALIZA O ABORTO VIOLA TRATADOS INTERNACIONAIS DE DIREITOS HUMANOS E NÃO CUMPRE COM OS COMPROMISSOS INTERNACIONAIS ASSUMIDOS PELO GOVERNO BRASILEIRO EM RELAÇÃO À SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

- A discussão sobre o aborto deve pautar nos dispositivos constitucionais e no disposto nos tratados e conferências internacionais de direitos humanos das Nações Unidas.

- O governo brasileiro, quando assinou tais documentos, passou a assumir um compromisso político de alcançar as metas ali previstas. O parágrafo 106 K da Plataforma de Ação de Beijing, de 1995, dispõe que "os governos devem considerar revisarem as leis que contém medidas punitivas contra mulheres que realizaram abortos ilegais".
- Desde a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, realizada em 2004, recomendou-se ao governo "rever a legislação punitiva que trata da interrupção voluntária da gravidez".
- O Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), em sua 11ª sessão ordinária, aprovou no dia 17 de junho de 2009, por consenso, uma resolução no. 11/8 que reconhece a morbi-mortalidade materna evitável como uma questão de direitos humanos. O Brasil apoiou a resolução.

O governo brasileiro tem a legitimidade e a obrigação de garantir às mulheres os direitos humanos relacionados à auto-determinação reprodutiva, independente de crenças religiosas e opiniões de setores da sociedade.

Defendemos o direito humano das mulheres: o direito à igualdade e à não discriminação, o direito à liberdade e segurança pessoal, o direito de não serem objeto de ingerências arbitrárias em sua vida pessoal e familiar, o direito de respeito à sua liberdade de pensamento e consciência, o direito à integridade física, psíquica e moral, o direito de não serem submetidas a nenhum tratamento desumano ou cruel, no âmbito físico ou mental, e o direito à saúde e o direito à vida.

### SOBRE O MOVIMENTO DE DEFESA DO PNDH3

Como sabem, o PNDH3 está sendo questionado em sua legitimidade por setores conservadores que discordam deste ou daquele ponto. Em três audiências nacionais, os movimentos sociais fecharam uma aliança em defesa integral do PNDH3. Essa é a orientação estratégica que estamos assumindo coletivamente com outros movimentos.

O que está em jogo neste momento é a defesa da legitimidade das CONFERÊNCIAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS.

Concordando ou não com o que foi aprovado nas 50 conferências que produziram a matéria prima do texto do PNDH3, quando se questiona a

legitimidade de um ou outro conteúdo, questiona-se na verdade se é legítimo que o Governo faça um plano respeitando as Conferências. Esta é a questão. E nós consideramos que o governo DEVE respeitar o que dizem as conferências.

A grande imprensa e os jornalões dizem que o Plano é eleitoreiro e autoritário, querendo desqualificar a sua legitimidade: o PNDH3 foi construído com base nas deliberações das Conferências, concordemos ou não com elas.

Mesmo que os militares não concordem com a comissão da verdade, proposta no PNDH3 para investigar os crimes da ditadura, esta proposta foi aprovada em conferência e é legítimo que seja instituída.

Mesmo que a Igreja Católica não concorde com a legalização do aborto, ou com a retirada dos símbolos religiosos de espaços públicos, nem concorde com sistema de adoção para casais do mesmo sexo, estas propostas foram aprovadas nas Conferências, sendo também legítimas.

Mesmo que os latifundiários não concordem com a negociação em caso de invasões de terra, é legítima a defesa desse direito porque também foi aprovado em conferência (este ponto, aprovado em conferência.), pois primeiro a negociação, depois se pode pensar em reintegração de posse, etc.

Mesmo que a ALERT e a Globo não concordem com o conselho de regulamentação da comunicação, mesmo que acusem militantes de movimentos sociais de serem 'censores' e digam que o PNDH3 viola a liberdade de imprensa, o Plano segue sendo legítimo.

O debate se estas propostas devem ou não ser efetivadas, vai seguir, não mais em torno da legitimidade do PNDH3, mas em torno das propostas legislativas (PLs) que vierem a ser feitas, portanto no âmbito do Congresso Nacional.

Em torno deste argumento, temos aliança entre TODOS os movimentos sociais que defendem o PNDH: movimentos de luta por terra, contra tortura, movimento feminista, negro e vários segmentos que lutam pelos direitos humanos no Brasil.

É preciso seguir ampliando o debate sobre o PNDH e dar visibilidade a força e articulação dos movimentos sociais na defesa do plano. Defender a aprovação do plano é defender lutas históricas dos movimentos sociais de esquerda. Defender a integralidade é defender o projeto feminista e um projeto de

democracia em que acreditamos.

Para manter o acordo e aliança entre os movimentos é PRECISO seguirmos na DEFESA INTEGRAL DO PLANO, em sua letigimidade.

Leia a seguir entrevista de M.V. BENEVIDES

Terça, 12 de janeiro de 2010, 14h58 Atualizada às 15h24.

Maria Victoria Benevides é uma defensora histórica dos direitos humanos no Brasil. Enquanto se falava em abertura política, ela escrevia sobre a Violência, povo e política, equação que, segundo ela, se mantém insolúvel na sociedade brasileira. Mas, uma das mais respeitadas cientistas Políticas do país, ela acredita na luta constante pelos direitos humanos.

Professora da Universidade de São Paulo, Maria Victoria esteve no lançamento do 3º Programa, em 21 de dezembro do ano passado. A Terra Magazine, ela comenta as diferenças entre proposta atual e as duas anteriores e diz comemorar "a coragem do ministro Paulo Vannuchi (Secretaria Especial de Direitos Humanos)".

- Acho que nenhum outro grupo político teria coragem de fazer isso às vésperas do ano eleitoral. E não me surpreende essa oposição toda ao programa, justamente por ter mexido com proprietários dos meios de comunicação, com o agronegócio, militares e Igreja Católica.

O novo documento propõe a criação de uma Comissão Nacional da Verdade, para apurar os crimes cometidos durante o regime militar brasileiro (1964-1985). A comissão causou mal-estar entre os militares, temerosos de uma revogação da Lei de Anistia - que eximiu de punição os torturadores do governo militar.

Outra questão que causou mal-estar, desta vez à Igreja Católica, foi a descriminalização do aborto, segundo o documento, levando em conta a autonomia da mulher sobre o próprio corpo. O setor agropecuário, por sua vez, se manifestou contrário ao que, pela nova redação, prevê a criação de uma espécie de câmara de conciliação para conflitos agrários, antes que sejam conseguidas na Justiça liminares de reintegração de posse.

O presidente Lula pretende rever os trechos do 3º Programa Nacional de Direitos Humanos que defendem o direito ao aborto e a criação da Comissão

da Verdade, origem principal das faspas trocadas entre os ministros Paulo Vannuchi e Nelson Jobim (Defesa).

Terra Magazine - Com que olhos a senhora avalia o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos? As diferenças em relação ao anterior são pequenas, mas existem. Sobre elas, o que a senhora tem a dizer?

Maria Victoria Benevides - Esse terceiro programa é uma continuidade natural e coerente com o que vem sendo feito desde antes do primeiro programa em 1996. Antes disto, já havia uma discussão ampla, aquele plano não surgiu do nada. Os participantes dessas discussões eram pessoas que, desde a época da ditadura, se notabilizaram por defender os Direitos Humanos. A luta veio caminhando e o ponto mais importante disto é o fato de que Direitos Humanos passou a ser entendido no seu sentido verdadeiro.

Terra Magazine - Como assim?

Maria Victoria Benevides - Direitos humanos são universais e indivisíveis por abarcarem direitos individuais, as chamadas liberdades civis, direitos políticos, sócio-econômicos, culturais e ambientais. Na minha avaliação, isso foi o mais importante. Nós, defensores dos direitos humanos, tínhamos muita dificuldade de manter esta luta, porque, durante muito tempo, a expressão "direitos humanos" era identificada como direito de bandido, sejam eles políticos ou da criminalidade comum. Esses programas começaram a romper com essa visão preconceituosa, que sempre foi muito manipulada com ignorância e má fé, no sentido de mostrar que são direitos dos vulneráveis. Ou seja, direitos dos deficientes, idosos, desempregados, excluídos em geral. Isso, para mim, foi o maior ganho: Esses direitos que passaram a fazer parte da agenda do Estado.

Terra Magazine - A criação da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH) foi um marco nesse sentido?

Maria Victoria Benevides - Sim, claro. Ao ser criada a SEDH, a questão foi levada para os governos. Com isto, a ênfase dada ao tema, os recursos e o comprometimento vêm aumentando com esse marco importante do governo Fernando Henrique em 1996. Inclusive, vale lembrar, que foi uma ascensão coerente e constante à adesão e homologação anterior de convenções, tratados e conferências internacionais de direitos humanos.

A Comissão Nacional da Verdade foi tema de debate entre os ministros Paulo Vannuchi (SEDH) e Nelson Jobim (Defesa). Essa é uma discussão histórica no Brasil: Arquivos da ditadura, responsabilização dos devidos culpados, o que



uns defendem e outros acusam de revanchismo.

É impossível falar em construção de uma Nação em cima de sigilo sobre fatos importantíssimos de nossa história. Acusar de revanchismo é um insulto à lógica e à nossa inteligência. Não existe, absolutamente, revanchismo nessa posição. Seria revanchismo se disséssemos: Torturou? Será torturado. Matou? Tem que morrer. Roubou? Será roubado. Estuprou? Será estuprado. Então, não é revanchismo. Isto é verdade, reconhecimento das responsabilidades. Eu vou além...

Por favor...

Algo que não aparece no plano, mas na pré-história dele. Esta comissão se chamaria, na verdade, Comissão Nacional da Verdade e Justiça. A palavra justiça foi retirada para esfriar os ânimos, pois ela incitava um julgamento dos responsáveis por violências inenarráveis contra a integridade física e psíquica dos privados de liberdade e sob responsabilidade do Estado. Mas, além de se conhecer a verdade, os responsáveis devem ser identificados. Não precisam sofrer mais nada, até porque ser confrontado com a desonra profunda de ser identificado como um torturador já é punição suficiente.

Terra Magazine - Por qual razão essa Comissão da Verdade incomoda tanto?  
Maria Victoria Benevides - Porque mexe com a história recente e os responsáveis ainda estão por aí. Mas é preciso deixar claro que, quando se denuncia torturas daquela época, se denuncia também a tortura cotidiana, que é tradição desde sempre contra os apenados, os presos em delegacias, negros, pobres...

Terra Magazine - A Lei da Anistia engloba essa responsabilização?

Maria Victoria Benevides - Olha, na realidade, o que se quer é colocar a Lei de Anistia no seu trilho original. A interpretação dela prevaleceu favorecendo os torturadores. Isto é um desvio terrível em relação à Lei. Falar em revisá-la dá a entender que será feita alguma modificação. Isto não irá acontecer e mais: Ela não será anulada! Queremos apenas que ela seja respeitada. Em hipótese alguma ela engloba os crimes de tortura e violações de direitos humanos. Portanto, isto não é, e nem nunca foi, entendido como crime político.

Terra Magazine - Fala-se na responsabilização dos dois lados, militares e guerrilhas armadas...

Maria Victoria Benevides - Falar em dois lados é um absurdo! Incorporar torturados e torturadores? Isto é um absurdo! Se é para falar em dois lados, os

guerrilheiros, a esquerda armada e os combatentes pagaram um preço altíssimo por suas lutas: foram torturas, banimentos, exílios, Estupros, desaparecimentos forçados, assassinatos, violências de todo tipo. Além, é claro, dos problemas psiquiátricos que herdaram destas violências as quais foram submetidos. Então, não dá para falar em dois lados e que ambos devem ser investigados. Isto é algo diabólico. Essa Comissão da Verdade é tomada como uma verdadeira revolução, mas basta olhar nossos hermanos do Cone Sul, A Argentina e o Uruguai, que também está entrando nessa fase importante.

Duas coisas chamam atenção nas ressalvas do presidente Lula em relação ao 3º Programa. A primeira é em relação ao aborto. Este é um tema bastante delicado por conta das instituições envolvidas nessa discussão: Estado, Igreja e Família.

O Programa de 2002, ainda no governo FHC, já tratava o aborto como uma questão de Saúde pública em casos previstos por lei. Concordo inteiramente com o que está no terceiro plano, tanto no tocante à Saúde pública, por que é evidente que isto recai como um problema sobre as Mulheres pobres, quanto em relação à autonomia da mulher. Isto é uma questão de respeito humano. Em termos políticos, eu posso entender o recuo do presidente.

Terra Magazine - Como a senhora entendeu esse recuo?

Maria Victoria Benevides - O que pesa para ele é o fato de que ele não pode, independentemente de ser ano eleitoral ou não, comprar uma briga com uma instituição tão forte como a Igreja Católica, que junto às Forças Armadas são as únicas imorredouras, capilares e realmente nacionais, por estarem em todo o território nacional. Elas têm credibilidade histórica. A posição dele é de conciliação política mesmo.

Terra Magazine - Se fosse necessário escolher, o que é fundamental ser preservado, a Comissão da Verdade ou o trecho que defende o aborto?

Maria Victoria Benevides - Neste momento, a Comissão da Verdade, porque a luta pela descriminalização do aborto pode ser levada independentemente do plano, até por ser uma discussão que precisa ser encaminhada ao Congresso. Mas a comissão necessita de um apoio muito forte do governo.

Outra novidade no 3º PNDH é com relação às reintegrações de posse em caso de ocupações promovidas por movimentos sociais.

A grande questão é que nesta terceira, fala especificamente sobre o agronegócio, que potencialmente viola direitos de pequenos e médios agricultores e populações tradicionais. O que é absolutamente evidente, não precisava ninguém escrever isso no plano. Mas isto está mexendo com uma das áreas de maior poder e interesse no país, o agronegócio. Ao invés de eles ficarem reclamando, deveriam tentar responder às acusações de trabalho escravo nas fazendas.

De maneira geral e para concluirmos a entrevista, estamos em 2010, ano eleitoral, e ainda assim a SEDH apresentou propostas polêmicas em relação ao Programa. Paulo Vannuchi é extremamente importante e corajoso. Acho extremamente corajoso que o governo tenha bancado isso. Eu estava no dia do lançamento do 3º Programa Nacional de Direitos Humanos e fiquei impressionada com a quantidade de ministros que prestigiaram o lançamento às vésperas do Natal, em 21 de dezembro. Acho que nenhum outro grupo político teria coragem de fazer isso às vésperas do ano eleitoral. E não me surpreende essa oposição toda ao programa, justamente por ter mexido com proprietários dos meios de comunicação, com o agronegócio, militares e Igreja Católica.

#### GUIA INFORMATIVO - HOMENAGEM À VIDA DAS LÍDERES FEMINISTA QUE MORRERAM NO TERREMOTO DO HAITI. DIVULGADO PELA AFM E REDE FEMINISTA DE SAÚDE.

Honrando a vida das feministas líderes haitianas que morreram no terremoto de 12 de janeiro, os grupos de mulheres em todo o mundo são convidados pelo movimento de mulheres haitianas para organizar uma atividade em memória como parte de sua celebração do Dia Internacional da Mulher, em seus países e comunidades.

A iniciativa de comemorar o 8 de março, honrando as feministas haitianas saiu da reunião de mulheres do Haiti em 24 de janeiro em Porto Príncipe, a qual foi aprovada em uma América Latina e Caribe reunião da Acampamento Feministas International Myriam Merlet, Magalie Marcelin, e Anne Marie Coriolan, realizada na República Dominicana, no dia 26-27.

"Estamos chamando as organizações em todo o mundo se juntar a nós nesse dia para homenagear e chorar a perda de nossas ativistas feministas. Esta celebração nos permitirá reviver e recriar o impulso do movimento de mulheres do Haiti para continuar o importante trabalho de nossas lideranças mortas e do

legado que elas deixaram, para que continuemos a trabalhar", disse Lise Marie Dejean de Solidarite Fanm Ayisyen (Solidariedade com as Mulheres Haitianas - SOFA).

Ela acrescentou que as feministas sobreviventes vão organizar uma atividade em praça pública no Haiti, quando irão compartilhar o que se aprendeu com as três líderes feministas a serem homenageadas: Myriam Merlet, Magalie Marcelin, e Anne Marie Coriolan.

Todos as três líderes tiveram uma longa trajetória no ativismo feminista, pela reforma judicial para transformar a violência sexual numa violação dos direitos humanos das mulheres, a criação de organizações e casas-abrigo para proteger as meninas e mulheres contra a violência doméstica e o tráfico, a publicação de um jornal feminista, além de um centro de documentação e um arquivo histórico, esforçando-se para a proteção dos direitos sexuais e reprodutivos.

Myriam Merlet : ex Ministra do Ministério Haitiano de Mulheres, ajudou a chamar a atenção internacional para o uso do estupro como arma política e outras questões relacionadas à violência contra mulheres e meninas. Ela foi uma das fundadoras da ENFO Fanm, o primeiro centro de documentação e informação feminista, que também promove os direitos das mulheres.

Magalie Marcelin: advogada, ativista e atriz, que há dois anos exortou as mulheres a pressionar os tribunais no Haiti, onde conseguiu um veredicto de culpabilidade contra um homem que havia golpeado sua esposa. Marcelin foi uma das fundadoras da Dwa Fanm, uma organização de direitos da mulher que lida com a violência doméstica, oferece serviços e abrigo para mulheres e fornece microcrédito ou empréstimos para as mulheres.

Anne Marie Coriolan: foi conselheira do Ministério das Mulheres, foi a fundadora de Solidarité Fanm Ayisyen (Solidariedade com as Mulheres Haitianas - SOFA), organização de promoção e de serviços.

Para homenagear estas três líderes feministas, entre outros mortos no terremoto, as atividades estão sendo planejadas em todo o mundo, incluindo um especial de mesa redonda na sede das Nações Unidas em Nova York durante a CSW (Comissão sobre o Status da Mulher), organizada por CAFRA (Associação Caribenha Feminista para Pesquisa e Ação), a Comissão Huairou e pelo Acampamento Feministas International entre muitas outras organizações e redes.

Atividades locais em outros países para 8 de março já foram anunciadas por organizações de mulheres no Chile, Argentina, Honduras, Porto Rico, Canadá e Brasil. O Acampamento Feministas International também está solicitando uma declaração de solidariedade da Nobel - Iniciativa das Mulheres.

A Rádio Internacional Feminista Endeavour (FIRE), com o Acampamento Feminista International, irá transmitir as atividades no Haiti, em rádio da Internet, com ligações a muitas outras estações de rádio e redes de mídia no mundo inteiro.

A AMB é uma articulação política não partidária, que potencializa a luta feminista das mulheres brasileiras nos planos nacional e internacional. A AMB tem sua ação orientada para a transformação social e a construção de uma sociedade democrática, tendo como referência a Plataforma Política Feminista (construída pelo movimento de mulheres do Brasil, em 2002). No presente contexto, a AMB se orienta por cinco prioridades: a mobilização pelo direito ao aborto legal e seguro, a ação pelo fim da violência contra as mulheres, o enfrentamento da política neoliberal, a organização do movimento e a luta contra o racismo e a lesbofobia.

Articulação de Mulheres do Acre

Articulação de Mulheres do Amapá

Articulação de Mulheres do Amazonas

Articulação de Mulheres Brasileiras - Rio de Janeiro

Articulação de Mulheres do Mato Grosso do Sul

Articulação de Mulheres de São Paulo

Articulação de Mulheres de Rondônia

Articulação de Mulheres Tocantinenses

Fórum Cearense de Mulheres

Fórum de Entidades Autônomas de Mulheres de Alagoas

Fórum Estadual de Mulheres Maranhenses

Fórum Estadual de Mulheres do Piauí

Fórum Estadual de Mulheres do Rio Grande do Norte

Fórum Goiano de Mulheres Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense

Fórum de Mulheres do Distrito Federal

Fórum de Mulheres do Espírito Santo

Fórum de Mulheres da Grande Belo Horizonte

Fórum de Mulheres de Lauro de Freitas (Bahia)  
Fórum de Mulheres de Pernambuco  
Fórum de Mulheres de Salvador  
Fórum de Mulheres de Santa Catarina  
Fórum de Mulheres de Sergipe  
Fórum de Mulheres de Mato Grosso  
Fórum de Mulheres da Paraíba  
Fórum Popular de Mulheres do Paraná  
Fórum Municipal da Mulher de Porto Alegre  
Núcleo de Mulheres de Roraima  
Rede de Mulheres em Articulação da Paraíba  
Na América Latina a AMB integra a Articulação Feminista Marcosur e Comitê de Mulheres da Aliança Social Continental

---

PARA QUAISQUER INFORMAÇÕES E SUBSIDIOS COMPLEMENTARES,  
DÚVIDAS E TROCA DE IDÉIAS, CONTACTE DIRETAMENTE UMA DAS  
SECRETÁRIAS EXECUTIVAS DA AMB:

Analba Brazão: [analba\\_brazao@yahoo.com.br](mailto:analba_brazao@yahoo.com.br) Este endereço de e-mail está protegido contra spambots. Você deve habilitar o JavaScript para visualizá-lo.

Beth Ferreira: [beferreira1@yahoo.com.br](mailto:beferreira1@yahoo.com.br) Este endereço de e-mail está protegido contra spambots. Você deve habilitar o JavaScript para visualizá-lo.

Malu Oliveira: [malu@cunhanfeminista.org.br](mailto:malu@cunhanfeminista.org.br) Este endereço de e-mail está protegido contra spambots. Você deve habilitar o JavaScript para visualizá-lo.

Leia mais:

[http://www.feminismo.org.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=798:8-de-marco-2010-100-anos-de-luta-feminista-e-mais-mil-anos-se-for-preciso&catid=44:movimento#ixzz0haHAGmi2](http://www.feminismo.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=798:8-de-marco-2010-100-anos-de-luta-feminista-e-mais-mil-anos-se-for-preciso&catid=44:movimento#ixzz0haHAGmi2)

Under Creative Commons License: Attribution Non-Commercial